

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

IGOR MOURA DANIELEVIZ E SILVA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VELHICE EM UM PROJETO DE
EXTENSÃO DESTINADO ÀS PESSOAS IDOSAS**

**CAMPO GRANDE - MS
2021**

IGOR MOURA DANIELEVIZ E SILVA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VELHICE EM UM PROJETO DE
EXTENSÃO DESTINADO ÀS PESSOAS IDOSAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves

CAMPO GRANDE - MS

2021

S586r SILVA, Igor Moura Danieleviz e.

As representações sociais de velhice em um projeto de extensão destinado às pessoas idosas / Igor Moura Danieleviz e Silva. Campo Grande, MS, 2021. 125 f.:

Orientadora: Profa. Dr(a). Josiane Peres Gonçalves.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Campo Grande, MS, 2021.

1. Velhice. 2. Representações Sociais. 3. Pessoa Idosa. 4. Educação. 5. Extensão universitária. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada “AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VELHICE EM UM PROJETO DE EXTENSÃO DESTINADO ÀS PESSOAS IDOSAS”, apresentada por IGOR MOURA DANIELEVIZ E SILVA, ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves - (Orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Prof.^a Dr.^a Célia Beatriz Piatti
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof.^a Dr.^a. Suzana Lopes Salgado Ribeiro
(Membro Suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Campo Grande, 18 de fevereiro de 2021.

AGRADECIMENTOS

À toda minha família, em especial, à minha avó Cezarina e à minha madrinha Catarina, duas mulheres idosas muito presentes em minha vida.

Às minhas amigas Thaís e Beth, que sempre me ouviram e foram grandes incentivadoras para a conclusão do Curso de Mestrado.

À minha amiga Tatiane, sempre disposta a me ouvir. Sua amizade e apoio foram fundamentais para superar os conflitos e seguir em frente com esta pesquisa.

À Val, colega de curso, pelas nossas conversas tão frutíferas e intermináveis em almoços que tivemos.

Ao Luiz, pela amizade construída durante a caminhada no curso. Sua presença foi decisiva em muitos momentos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pela formação, e também à equipe da Secretaria Acadêmica que, por vezes, me ajudou a solucionar as questões do rito burocrático acadêmico, prontamente.

À minha Orientadora, Professora Josiane Peres Gonçalves, faço um agradecimento especial: nesta jornada, ser seu orientando foi bastante gratificante. Sou grato pela sua competência, intelectualidade e atenção comigo, mesmo diante de situações difíceis. Pelas conversas esclarecedoras, pela confiança depositada em mim e por acreditar (às vezes, mais do que eu) nas potencialidades do meu trabalho.

À professora Célia Beatriz Piatti que, por meio de suas aulas, ajudou a clarear os caminhos da pesquisa e seus instrumentos metodológicos. Agradeço por sua sensibilidade ao abordar conteúdos tão precisos e norteadores para a prática científica. Suas exposições foram muito importantes e contributivas para poder realizar-me como mestrando.

Às Professoras e Professores de minha Graduação do Curso de Ciências Sociais. Em especial, às Professoras Doutoras Silvana Maria Bitencourt e Sonia Regina Lourenço, e ao Professor Doutor Flávio Luiz Tarnovski, que estiveram presentes em minha formação e me inspiraram a continuar investigando a velhice.

Aos participantes desta pesquisa, pela disponibilidade e interesse.

RESUMO

Esta dissertação está vinculada à Linha de Pesquisa: Processos Formativos, Práticas Educativas, Diferenças do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e visou identificar as representações sociais de velhice no projeto de Extensão: “Envelhecimento Ativo: Saúde e Bem-Estar para a Pessoa Idosa”, do Programa Universidade Aberta à Pessoa Idosa, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UNAPI/UFMS), em Campo Grande, MS. O grupo de participantes da pesquisa é composto por três idosas e um idoso, com idades entre 63 e 84 anos e cinco extensionistas, sendo um rapaz e quatro mulheres, com idades entre 19 e 39 anos. Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa qualitativa, com viés na Teoria das Representações Sociais (TRS), iniciada com as entrevistas semiestruturadas e seguida da análise dos dados através da técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados apontam duas representações sociais de velhice. A primeira é uma representação mais tradicional na cultura ocidental vinculada aos aspectos negativos e que reúne as categorias Aposentadoria, Declínio corporal e Estigma. Já a segunda representação é expressa por uma dimensão mais positiva relacionada ao estilo de vida como “idoso(a)”, socializado nas atividades do projeto e congrega as categorias de Autogestão da pessoa idosa, Socialização e Intergeracionalidade. Por intermédio do projeto é difundido um discurso de ser “idoso(a)” pautado pela ótica da Educação em Saúde, com o objetivo de promover a aquisição de novos saberes sobre a maturidade e assim contribuindo para que as pessoas idosas adotem novas práticas cotidianas e continuem saudáveis e ativas. Por outro lado, os saberes do senso comum e visões de mundo das pessoas idosas ainda realçam os estereótipos negativos de decrepitude física e mental como marcas significativas do avanço da idade. A partir da confluência desses saberes as pessoas idosas e as extensionistas formulam as ressignificações que engendram as condições de realização e a renovação do saber socialmente representado de velhice em um contexto de ensino e aprendizagem. Compreender essa dinâmica permite acessar os significados que contribuem para pensar as práticas educativas futuras para o público idoso e a enxergar outras questões coletivas atinentes a esta fase da vida e que estão além de um marcador etário.

Palavras-chave: Velhice. Representações Sociais. Pessoa Idosa. Educação. Extensão universitária.

ABSTRACT

This dissertation is attached to the Research Line: Formative Processes, Educational Practices, Diversity in the Post-Graduation Program on Education at the Federal university of Mato Grosso do Sul and has sought to identify the social representations of seniors in the “Active Aging: Healthfulness and well-being for the Elderly” Extension project, which is part of the Elderly-Open University Program (UNAPI), by the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS), based in the city of Campo Grande, in the state of Mato Grosso do Sul. Three elderly women and one elderly man aged between 63 and 84 years partook in the research, which was conducted by one man and four women, aged between 19 and 39. All data were collected through qualitative research, based on the Social Representation theory, which started with semi-structured interviews followed by the analysis of the data through the Content Analysis method. Results show two representations of seniors. The first one is more of a traditional representation in western culture, associated with the negative aspects of old age, which include Retirement, Physical decay and Stigma. On the other hand, the second one is expressed by a more positive outlook, related to the “senior” lifestyle, where one would socialize through the activities offered by the project, which include the categories of Self-Management for the elderly, Socialization and Intergenerationality. The project has attempted to spread an approach on being an elderly based on Welfare Education, aimed at promoting the acquisition of new knowledge, so that Seniors engage in new daily practices in order to remain healthy and active. That being said, the views and common-sense-based perspectives on aging the elders have still bring out the negative stereotypes of both physical and mental decay as signs of the coming of age. From the merging of ideas and knowledge hereby gathered, the researchers have come up with reframing ideas that could result in a different take on the social representation of what it means to be an elder in a teaching and learning scenario. Understanding this dynamic allows us to access the variants that contribute to formulating new educational practices for the elderly and to seeing new collective aspects concerning this stage of life which are beyond a designated age marker.

Keywords: Old age. Social Representations. Elders. Education. College Extension Programs.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dissertações analisadas.....	34
Quadro 2 - Teses analisadas.....	35
Quadro 3 - Perfil das pessoas idosas entrevistadas.....	69
Quadro 4 - Perfil das pessoas extensionistas entrevistados.....	70
Quadro 5 - Aspectos norteadores das duas unidades principais da pré-análise.....	76
Quadro 6 - O processo de exploração das entrevistas com as pessoas idosas e com as extensionistas e as categorias emergidas.....	79

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
ICF	Instituto Camillo Filho
INTEGERA	Programa Integração de Gerações
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organizações das Nações Unidas
PROECE	Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SESC	Serviço Social do Comércio
TCLE	Conselho Nacional de Educação
TRS	Teoria das Representações Sociais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNAPI	Universidade Aberta à Pessoa Idosa
UNATI	Universidade Aberta à Terceira Idade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	18
1.1 O PARADIGMA TEÓRICO SEMINAL DE SERGE MOSCOVICI.....	18
1.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ARTICULAÇÕES COM AS CIÊNCIAS HUMANAS	25
1.3 O CONTRIBUTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA OS ESTUDOS SOBRE A VELHICE.....	31
1.4 AS PESQUISAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VELHICE EM CONTEXTOS EDUCATIVOS.....	35
2 UMA PERSPECTIVA SOCIAL DA VELHICE.....	44
3 O PROJETO DE EXTENSÃO ENVELHECIMENTO ATIVO DA UNIVERSIDADE ABERTA À PESSOA IDOSA (UNAPI/UFMS).....	58
4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	63
4.1 A PERSPECTIVA SOCIAL COMO EMPREENDIMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	63
4.2 OBJETIVOS.....	65
4.2.1 Objetivo Geral.....	65
4.2.2 Objetivos Específicos.....	66
4.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	66
4.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA	69
4.5 O TRATAMENTO DOS DADOS	70
5 AS DISCUSSÕES SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA.....	75
5.1 A ORGANIZAÇÃO DAS FASES DA ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	75

5.1.1 A pré-análise.....	75
5.1.2 A exploração do material	78
5.1.3 O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação	80
5.2 AS DISCUSSÕES SOBRE AS CATEGORIAS	80
5.2.1 Aposentadoria.....	80
5.2.2 Declínio corporal.....	84
5.2.3 Estigma.....	89
5.2.4 Autogestão da pessoa idosa.....	94
5.2.5 Socialização.....	98
5.2.6 Intergeneracionalidade	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICES	119
APÊNDICE A - Parecer Consubstanciado do CEP.....	119
APÊNDICE B - Pedido de Autorização	121
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	122
APÊNDICE D - Roteiro para Entrevistas com as Pessoas Idosas.....	124
APÊNDICE E - Roteiro para Entrevistas com as Extensionistas	126

INTRODUÇÃO

Ao escrever a introdução da Dissertação, procurei fazer um exercício de articulação dos motivos pessoais que me levaram a investigar a velhice, na contemporaneidade. O interesse primeiro em realizar o presente estudo deu-se, ainda, na Graduação do Curso de Ciências Sociais. Os contextos discutidos em sala de aula e nos Grupos de Pesquisa chamavam-me a atenção para o lugar social da pessoa idosa. A questão geracional aparecia como um marcador social, sendo uma determinante para compreender as diferentes formas de convívio das pessoas com mais de 60 anos.

Também cabe mencionar a minha condição de neto. Minha avó materna sempre se fez presente em minhas relações familiares, razão esta que me permitiu compreender os inúmeros desafios trazidos com o passar dos anos. Ela convive com Mal de *Alzheimer* e *Parkinson* e, tornar-se um de seus cuidadores primários, ao longo de quase duas décadas, fez-me perceber o quanto a velhice é alvo de uma visão cultural estigmatizante. Ao final do Curso de Graduação, consegui relacionar os conhecimentos dos quais já havia me apropriado em trabalhos de pesquisa e estava decidido a continuar investigando assuntos relativos ao envelhecimento humano e à velhice na Pós-Graduação.

Foi assim que os propósitos de minha pesquisa de Mestrado começaram a ser delineados. O fato de as pessoas idosas corresponderem a uma parcela da população cada vez mais representativa, do ponto de vista numérico, fez com que a velhice se tornasse um tópico recorrente, sobretudo, em estudos na área das Ciências Humanas. A oportunidade de descrever os processos desta fase da vida e que vão além da ordem demográfica suscitou-me a reflexão para um conjunto de questões sobre as formas de gestão da velhice, em uma esfera mais pública e social.

Visivelmente, em cada sociedade existe uma expectativa com relação ao comportamento da pessoa idosa e há uma injunção de regras que estabelecem como deve ser essa etapa da vida para os homens e para as mulheres. O processo de envelhecimento em países em desenvolvimento, como no Brasil, passa por transformações e é justamente nas últimas décadas que várias iniciativas se proliferaram, acompanhando a tendência moderna de rever os estereótipos associados ao envelhecimento.

A literatura aponta que a velhice sempre esteve intimamente relacionada às questões sociais e culturais. Na antiguidade, as pessoas mais velhas eram chefes das comunidades, consideradas fontes de conhecimento, responsáveis pela transmissão de valores. O cuidado com os anciãos e as anciãs estendia-se até após a morte, devido aos rituais fúnebres de cada época.

Tempos depois, surgem as primeiras pesquisas científicas sobre a velhice. A atenção era voltada aos aspectos biológicos predominantes na maturidade e às consequências para o organismo. O foco era o declínio do corpo, as limitações causadas pelo avanço da idade, a dependência e a saída do mercado de trabalho.

A partir da década de 60, o envelhecimento aparece como um fenômeno social em nosso país. Na medida em que há o aumento da população idosa, aumentam também os anos vividos por estas pessoas. Contudo, as mulheres vivem mais do que os homens, cuidam-se mais, vão mais ao médico e não se aventuram tanto, considerando o ideal de masculinidade vinculado à coragem, ao desprendimento e à aventura.

Essa longevidade tem impacto na Previdência Social, principalmente, na assistência de saúde e em outros serviços públicos. As pessoas na velhice estão dependendo do Estado durante mais tempo e a situação piora para as mais pobres, que sobrevivem com baixas aposentadorias ou pensões, e não conseguem colocação no mercado de trabalho. Nos últimos anos, vimos muitos programas e políticas surgirem para atender às necessidades de pessoas em idade avançada. A senescência passa a não ser mais vista como uma etapa de repouso, mas sim de reinvenção e ação. Surgem os títulos da “terceira idade” ou “envelhecimento ativo”.

Dentro desse contexto, portanto, na década de 90, surgem os programas nas universidades brasileiras, cujo intuito é garantir os direitos de cidadãos/ãs ao número crescente de pessoas idosas, por meio da promoção de atividades socioeducativas, acadêmicas, culturais e de lazer. Os programas para a chamada “terceira idade” recebem nomes diferentes nas instituições de Ensino Superior, sendo que a nomenclatura mais comumente utilizada é Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).

As UNATIs consolidaram-se como alternativas às instituições e iniciativas de caráter unicamente assistencialista, as quais eram as únicas ações existentes direcionadas a essa população, até o período mencionado. As características das UNATIs mudam de acordo com a realidade de cada universidade, mediante a data

de criação, número de vagas, atividades ofertadas e a quantidade de participantes. Entretanto, existem objetivos comuns, como contribuir para uma melhor qualidade de vida, oferecendo orientação, cursos de capacitação e oportunidade de lazer e entretenimento. Além disso, as atividades desenvolvidas devem promover a integração das pessoas mais velhas com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

Atualmente, as UNATIs também recebem outros nomes e continuam sendo propostas inovadoras que crescem por todo o território nacional, oportunizando mais que a ocupação do tempo livre. Via de regra, o objetivo principal é instituir condições para que as pessoas idosas se apropriem de conhecimentos, construam-se como sujeitos convivendo com seus semelhantes, com a comunidade e jovens estudantes.

A expressiva popularidade de iniciativas como estas fornece a dimensão de como o processo de envelhecimento vem sendo resignificado, por meio de diferentes iniciativas para atender às demandas da população idosa. A velhice provoca consequências abrangentes e impactantes nos diversos setores da nossa sociedade, inclusive, no campo da Educação. Fica cada vez mais evidente que as marcas da idade cronológica definem acessos e modelos de curso de vida que merecem ser perquiridos.

O que pensam sobre a velhice os idosos e as idosas que participam destes projetos? Quais aspectos essas pessoas consideram? De que maneira a participação no projeto influencia a resignificação sobre o processo de envelhecimento destas pessoas? Como se dá a participação dos homens e das mulheres em iniciativas assim? Essas são algumas das questões iniciais que nortearam e fomentaram meus interesses de investigação.

Partindo de tais indagações, a Teoria das Representações Sociais (TRS) parece oferecer um conjunto teórico e metodológico mais adequado para analisar o processo de resignificação em relação à velhice. A partir desta perspectiva teórica, é possível averiguar a maneira como as pessoas constroem seus conhecimentos sobre um determinado fenômeno, considerando a experiência individual de cada sujeito e as determinantes sociais do grupo ao qual estão inseridos.

Em linhas gerais, a TRS apresenta um encadeamento substancial de compreensão acerca de como as pessoas pensam e agem a respeito de determinado assunto com base nas relações sociais, sendo possível desvendar o caráter histórico e cultural do ser humano e do seu desenvolvimento.

O projeto de Extensão escolhido para a realização desta investigação foi o “Envelhecimento Ativo: Saúde e Bem-estar para a pessoa idosa”, da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UNAPI), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). De acordo com os coordenadores, o projeto faz parte de um dos eixos do programa UNAPI/UFMS e serviu de referência para a sua concepção, já que é um dos mais antigos dentro da instituição, tendo como base a Educação em Saúde e oficinas. Semestralmente, o projeto Envelhecimento Ativo oferece 40 vagas e disponibiliza oficinas, cujas temáticas abarcam o desenvolvimento da memória, a prática de exercícios físicos, o treino de habilidades pessoais e conhecimentos de informática.

Assim, estabeleceu-se a seguinte problemática de pesquisa: Quais os aspectos são considerados pelas pessoas mais velhas, que participam de projetos de extensão destinados às pessoas idosas, ao apresentarem suas representações sociais de velhice?

Tem-se como hipótese que as informações divulgadas no projeto, seja mediante práticas educativas ou discursos institucionais, concebem uma nova ideia do processo de envelhecimento como “idoso(a)”, pautada nos princípios de auto-gestão, ativa idade e cuidados com o corpo, principalmente. Essas informações influenciam o processo de ressignificação da velhice, estão presentes nas interações sociais do grupo e passam a ser consideradas para a estruturação das representações sobre esta fase da vida, tanto pelas pessoas idosas quanto pelas extensionistas¹.

A partir das conceituações da TRS, é possível constatar como se formam e como funcionam os sistemas de referência utilizados para ressignificar a velhice no projeto, os quais orientam as condutas, as práticas sociais dos participantes (pessoas idosas e extensionistas) e o processo educativo.

Sendo assim, destaca-se como objetivo geral: identificar como a velhice é significada pelos participantes da pesquisa (pessoas idosas e extensionistas) e os elementos constitutivos de suas representações sociais sobre o processo de envelhecimento. Já os objetivos específicos da pesquisa, consistem em: a) Investigar, com base nos relatos pessoas idosas e das extensionistas, se suas representações de velhice mudaram depois do início da participação no projeto; b)

¹ Na dissertação as pessoas bolsistas entrevistadas são identificadas como “extensionistas”, apenas para diferenciar os dois grupos de entrevistados pessoas idosas e pessoas extensionistas.

Identificar como as representações/informações socializadas no projeto sobre a velhice favorecem a adoção de novos estilos de vida, por parte dos/as participantes idosos e idosas.

Estruturalmente, a exposição das análises está organizada nesta Introdução, quatro seções, a discussão sobre os resultados da pesquisa e as considerações finais. A primeira seção é sobre a fundamentação teórica, em relação à perspectiva inaugurada por Serge Moscovici e de Denise Jodelet da TRS. Também são expostos os aspectos teóricos e aplicações à Educação, e o contributo das representações sociais para os estudos sobre o processo de envelhecimento.

A segunda seção apresenta uma aceção social da velhice, sob uma perspectiva socioantropológica, compreendendo-a como uma categoria social, uma fase de desenvolvimento humano marcada por construções históricas e sociais. A maneira como a vida vem sendo periodizada, ao longo dos anos, é a demonstração de que um processo biológico (o de envelhecer) é investido culturalmente, elaborado de maneira simbólica com rituais, marcando fronteiras entre as idades e diversas formas de organização social e que também surgem em contextos de ensino e aprendizagem.

Na terceira seção, são apresentadas as informações sobre o projeto Envelhecimento Ativo da Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UNAPI/UFMS), destacando os seus princípios fundantes, os textos norteadores da sua proposta de redefinir conceitualmente a velhice para uma etapa de reinvenção pessoal, seus objetivos institucionais, além de detalhar as atividades desenvolvidas e o perfil do público atendido.

Já o percurso metodológico trilhado, aparece na quarta seção, seguido da discussão dos resultados e, por fim, das considerações, as quais não são tidas como finais, mas servem para abalizar algumas das possíveis reflexões teóricas derivadas das aproximações estabelecidas entre os resultados e a literatura de base.

Espera-se que este estudo e seus desdobramentos possam contribuir para a compreensão do processo de envelhecimento e para o desvendamento de estereótipos e visões equivocadas a respeito da velhice, das particularidades e finalidades das iniciativas dirigidas a essa parcela tão expressiva da população. Bem como, ainda possa vir a auxiliar na formulação de projetos para as pessoas idosas,

sobretudo, em contextos educativos, como campos mais aderentes à emancipação humana e social durante o último estágio da vida.

1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Nesta seção é apresentada a perspectiva teórica norteadora da pesquisa e que subsidiou a compreensão da velhice como uma etapa da vida, construída a partir das interações sociais. A Psicologia Social tem a contribuição específica para a compreensão do processo de envelhecimento, a dinâmica cultural e as diferentes formas de sociabilidade, durante esta fase da vida, que consiste na Teoria das Representações Sociais (TRS). Por meio das representações, é possível captar arranjos e mecanismos representacionais dos atores sociais, além de extrair detalhes de seus comportamentos e outros aspectos para os quais a quantificação não se atenta.

Com base no conjunto dos fundamentos conceituais da teoria é possível descobrir como se estabelecem e operam os sistemas de referência utilizados para categorizar sujeitos, grupos, comunidades e para compreender os fenômenos que se desenvolvem em realidades cotidianas diversas. As representações sociais estão relacionadas à linguagem e ao imaginário social, orientando condutas e práticas coletivamente compartilhadas, que proveem um campo fecundo para as pesquisas empíricas na área da Educação e em tantas outras.

1.1 O PARADIGMA TEÓRICO SEMINAL DE SERGE MOSCOVICI

A teoria das Representações Sociais é uma perspectiva epistêmica proposta e caracterizada por Serge Moscovici, em 1978, e pode ser descrita como um conjunto de práticas, crenças, valores e ideias que nos permite significar determinado objeto, acontecimento ou pessoa. Seu principal objetivo é explicar os fenômenos humanos, a partir de uma perspectiva coletiva, mas sem perder a individualidade.

Este pensador publicou a segunda edição da sua tese em forma de livro, em 1978, intitulado: “A Representação Social da Psicanálise”. Nesta obra, o autor ambicionou redefinir os problemas e os conceitos da Psicologia Social, com base no fenômeno das representações sociais. Para ele, “[...] as representações sociais têm uma função simbólica e um poder de construção do real” (MOSCOVICI, 1978, p. 14), indo de encontro à perspectiva da tradição behaviorista que se limitava a estudar o indivíduo, grupos pequenos e as relações informais.

Moscovici também fez crítica a uma filosofia positiva no campo da Psicologia Social, que só conferia importância às previsões verificáveis por experimentos e aos aspectos diretamente observáveis. Assim, na concepção moscoviciana, uma ciência que estuda “a vida dos signos” no seio da vida social precisaria ampliar seu campo de investigação, de modo a superar as definições, até então, postuladas sob a influência do estruturalismo.

O estudo apresentado em seu livro sobre a representação social da Psicanálise constituiu um importante trabalho no campo da Psicologia Social, por ter como objetivo averiguar em que se convertia uma disciplina científica e técnica, quando passava do domínio dos especialistas para o domínio comum, e como o grande público - a sociedade francesa da época - representava-a, e por quais vias se constituía a imagem que dela se fazia.

As observações preliminares de Moscovici, em relação à representação da Psicanálise, apontaram para a maneira como uma ciência pode impactar na realidade cotidiana de uma comunidade. Em sua visão, uma teoria não poderia ser compreendida somente na esfera de suas influências ou a partir de outras teorias e atividades intelectuais. Em primeiro lugar, o advento de um novo saber deveria interessar ao “mundo do discurso.” (MOSCOVICI, 1978, p. 17). Existem contextos posicionados, além do círculo estreito dos livros e debates intelectuais, que abrigariam os prolongamentos mais vastos de uma ciência.

Tais prolongamentos são o quê, de fato, promoverá uma mudança de consciência na sociedade. Quando um novo conhecimento é incorporado aos discursos amplamente difundidos em um determinado grupo, novos significados são inculcados, transpostos para o universo das relações e materializam-se nos planos individuais e coletivos. Essa modelação de um saber, na proposta moscoviciana, envolve ritos de uma cultura definida.

Basicamente, a propagação de um novo conhecimento transcorrerá em conformidade ao contexto em que está inserido. Nesse sentido, os exemplos trazidos pelo autor são ilustrados pelas práticas pedagógicas. Desde criança, somos ensinados a como nos disciplinarmos por meio da linguagem local, de vocábulos e de expressões advindos de uma esfera mais social, da religião, da economia ou da política. As maneiras distintas pelas quais um tipo de saber específico é compartilhado envolvem etapas previamente pensadas e estabelecidas.

No que tange à nossa sociedade, a questão dos meios pelos quais se chega a formar uma concepção concreta dos processos materiais, psíquicos, culturais, a fim de compreender, de comunicar ou de agir, é uma decorrência de mudança descrita. Em outras palavras, a gênese do novo senso comum, doravante associado à ciência, inscreve-se entre as suas preocupações teóricas e práticas essenciais. (MOSCOVICI, 1978, p. 21).

Assim, pode-se dizer que a propagação de uma ciência tem um caráter específico. A transferência de um modelo científico para um modelo não científico acarreta mudanças nas proposições iniciais, um deslocamento de sentido e lugar de aplicação. Dentro dessa dinâmica, observa-se a formação de outro tipo de conhecimento adaptado a outras necessidades e em um contexto social preciso (MOSCOVICI, 1978, 2011). Existe uma cadeia de operações pelas quais as descobertas científicas passam, ao serem socializadas, até se tornarem conhecimentos de senso comum, ou seja, uma representação social.

Os conceitos fundantes de Moscovici apontam para um novo paradigma, em relação à difusão de um conhecimento, demonstrando que o ciclo da ciência é um evento cultural, porque ultrapassa os debates acadêmicos e afeta a sociedade, em seu todo. Quando um conhecimento passa a ser representado socialmente por um determinado grupo ou mediante um grupo, ele é ressignificado e essa ressignificação engendra as condições de realização e renovação desse conhecimento.

A construção de uma representação está associada ao contexto e ao grupo em que ela se desenvolve, principalmente. Por sua vez, um conhecimento científico torna-se não científico, portanto, familiar aos sujeitos sociais, quando ele é reelaborado pelo grupo, segundo a sua própria conveniência e de acordo com os seus meios e materiais disponíveis.

Morera *et al.* (2015) pontuam que, na formulação da TRS, não existe diferenciação entre os universos (o exterior e o interior) do indivíduo ou do grupo. O sujeito e o objeto são indissociáveis, pois formam um conjunto. Sobre as características das representações, observam que são aquilo que tem significado para uma pessoa. Portanto, a representação sobre um fenômeno está diretamente relacionada com esse vínculo (do fenômeno/objeto com o sujeito) constituído pela lógica de um determinado grupo ou meio social.

Para efeito de esclarecimento sobre essa dinâmica, Moscovici (1978) pontua que uma representação é a organização de imagens e linguagem, porque realça

atos e situações que são ou que se tornam comuns dentro do nexos social. Encarada dessa maneira, ela compreende processos simbólicos que refletirão na consciência individual e coletiva. Ela é uma “modalidade de conhecimento particular” (MOSCOVICI, 1978, p. 26), que tem por função a elaboração de condutas de comportamentos e a comunicação entre os sujeitos.

O mapa das relações e dos interesses sociais é legível, a cada instante, através das imagens, informações e linguagens. Representar não consiste somente em selecionar, completar um ser objetivamente determinado com um suplemento de alma subjetiva. É de fato, ir mais além, edificar uma doutrina que facilite a tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os seus atos. (MOSCOVICI, 1978, p. 27).

É por transitar no campo das relações sociais que o conceito de representação social apresenta um caráter híbrido eminentemente psicossociológico (MESQUITA; ALMEIDA, 2009; MARKOVÁ, 2007), ao confluir noções de ordem sociológica, como a cultura e as noções de procedência psicológica, tais como: a imagem e o pensamento.

Assim, “na sociedade, as representações sociais acontecem de forma dinâmica, no movimento de interação entre sujeitos, na cultura onde estão inseridos.” (MESQUITA; ALMEIDA, 2009, p. 39). As proposições firmadas por Moscovici (2011) trazem à luz a ideia de que as representações sociais constituem as realidades da vida cotidiana de um grupo social e, por seu intermédio, estabelecem-se as associações que possibilitam formas de interações diversas.

Essas interações desenvolvem-se mediante a comunicação e a linguagem. De acordo com Marková (2017, p. 363), as representações “são formadas, mantidas e mudadas na e por meio da linguagem e da comunicação e, da mesma forma, o uso de palavras e atributos ligados aos sentidos transforma as representações sociais”. Essa disposição, nos termos da autora, ilustra como as interações heterogêneas entre os grupos e seus contextos específicos produzem uma variedade de estilos de pensamento e comunicação, sendo alguns baseados em consenso e outros em dissenso e contradição.

Essa variedade de estilos de pensamento deve-se ao fato de existirem universos distintos em uma sociedade, atuando simultaneamente para moldar a nossa realidade. Sá (1993, p. 28) explica que os universos reificados podem ser entendidos como aqueles em que “se produzem e circulam as ciências e o pensamento erudito em geral, com sua objetividade, seu rigor lógico e metodológico

sua teorização abstrata [...] e sua estratificação hierárquica”. Já aos universos consensuais:

[...] correspondem às atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as Representações Sociais. As “teorias” do senso comum que são aí elaboradas não conhecem limites especializados, obedecem a uma outra lógica [...] e se mostram menos sensíveis aos requisitos de objetividade. (SÁ, 1993, p. 29).

A coexistência simultânea dessas modalidades de pensamento cunhou os termos objetivação e ancoragem de Moscovici (1978), por meio deles, explicando como as ideias se convertiam em objetos do senso comum.

O processo de objetivação, conforme os princípios moscovicianos, é a reabsorção de significações, materializando-as para o nível de observação, com a inferência de um símbolo, signos linguísticos ou imagens, por exemplo. Moscovici (1978; 2011) descreve que essa materialização para o nível de observação reforça a ideia de que a cultura, por meio desse universo material, pode ser tratada como uma fonte comportamental ou uma representação social. A objetivação ocorre pelas combinações de elementos simbólicos que se materializam porque deixam de ser um conceito e se tornam algo concreto, como a figura de um objeto.

Já a ancoragem, nas concepções do autor, funda-se na maneira como esses novos objetos são relacionados aos conteúdos representacionais pré-existentes. Esse enquadramento ocorre pela aproximação desses objetos às categorias mais familiares. Basicamente, consiste em incorporar esses objetos, conferindo um processo de classificação e nomeação substancialmente simbólica.

Portanto, as representações sociais podem ser entendidas como formas de conhecimento produzidas e sustentadas por grupos sociais específicos, em uma determinada conjuntura histórica. Elas apresentam um caráter simbólico e social, a partir dos quais é possível identificar o significado da representação, seus deslocamentos e os processos sociais que a subjazem. Como assevera Spink (1995):

[...] as representações sociais, enquanto formas de conhecimento, são estruturas cognitivo-afetivas e, desta monta, não podem ser reduzidas apenas ao seu conteúdo cognitivo. Precisam ser entendidas, assim, a partir do contexto que as engendram e a partir de sua funcionalidade nas interações sociais do cotidiano. (SPINK, 1995, p. 118).

Jodelet (2001, p. 21) apresenta uma primeira caracterização da representação social, ao afirmar que: “é uma forma de conhecimento, socialmente

elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Este saber é diferenciado do conhecimento científico e possibilita entender os processos cognitivos e as interações sociais. As representações sociais operam como sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros.

A respeito da transparência e da natureza ampla da teoria, o próprio Moscovici (2013, p. 206) esclareceu o seguinte: “Seja como for, a aspiração da teoria das representações sociais é clara, pelo fato de assumir como seu centro a comunicação e as representações. A teoria espera elucidar os elos que unem a psicologia humana com as questões culturais contemporâneas”.

Reforçando a ideia do autor supracitado, Jodelet (2001), ao elucidar que no plano epistemológico a TRS se apresentava como resolução aos estudos humanos centrados em processos intraindividuais, explanou a seguinte ideia: “Ela restitui ao pensamento e aos processos psíquicos seu caráter dialógico. Considerando os contextos em que se inscrevem a prática e a ação, ela reintroduz, na análise dos fenômenos representativos, a ordem da cultura e a da história.” (JODELET, 2001. p. 21).

Quanto à dimensão funcional da teoria, como produto social e aporte para compreender a realidade, o francês Abric (1998), que estuda a representação no mundo do trabalho, revelou que:

A representação funciona como um sistema de interação da realidade que rege as relações dos indivíduos com seu meio físico e social, ela vai determinar seus pensamentos e suas práticas. A representação é uma guia para a ação, ela orienta as ações e as relações sociais. Ela é um sistema de pré-decodificação da realidade por que ela determina um conjunto de antecipações e expectativas. (ABRIC, 1998, p. 28).

A análise de Sá (1998) demonstrou que a busca por tratar o indivíduo e a tentativa de abarcar sua complexibilidade, talvez, retratasse algum dos pontos que expliquem a visão holística das representações e, por conseguinte, desse campo de pesquisa que abrangeu estudos de diversas amostragens temáticas.

Ao analisar a noção de representação social com enfoque na Educação, partindo de um questionamento, esclareceu que tais formulações configuram um paradigma seminal de Moscovici e Jodelet sobre as Representações Sociais, com desdobramentos científicos fecundos, inclusive no Brasil. Sá (1998, p. 15) observa que “o campo de estudo das representações sociais se encontra em franca

expansão no Brasil”, não apenas no âmbito da Psicologia Social, mas também nos de disciplinas aplicadas, como Educação, Enfermagem, Serviço Social e tantas outras.

Ainda, nos termos deste autor, os fenômenos de representação social estão espalhados na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa, e nos pensamentos individuais. Por natureza, sendo difusos, fugidios, multifacetados, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias da interação social, inclusive em cenários educacionais, como observado no projeto de extensão que constitui o *locus* da investigação proposta nesta dissertação.

Em acordo com as posições teóricas supracitadas, parece pertinente apresentar, à guisa de ilustração, como ao longo da história as construções teóricas das Ciências Humanas, em especial da Sociologia, passaram a ter um importante papel na área educacional. Servindo de base para a ampliação dos debates em pesquisas da Psicologia, sobretudo, da Psicologia Social em contextos de ensino e aprendizagem.

1.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ARTICULAÇÕES COM AS CIÊNCIAS HUMANAS

É a partir do final da década de 1970 e em toda a década de 1980, de acordo com Sousa (2002), que algumas construções teóricas permitiram compreender os processos que ocorriam no interior das instituições de ensino e evidenciavam, por exemplo, como a ação pedagógica poderia produzir desigualdades sociais.

Entender os sentidos das ações pedagógicas, como essas se estruturam a depender da condição histórica e de onde estão sendo reproduzidas são intentos de Bourdieu e Passaron (1992), no livro “A Reprodução”. Na visão dos autores, a escola seria um ambiente carregado de parcialidade, porque reproduz um discurso dominante e tendencioso. Desenvolve-se no ambiente escolar a ação pedagógica, tida como um artifício da imposição. Ela produz a violência simbólica, porque é por meio da ação pedagógica que se reproduz a estrutura das relações de poder. Em termos gerais, consiste na imposição de significações como legítimas, sem apresentar as relações de força que estão na base de sua constituição.

Na perspectiva bourdieusiana, o espaço educativo é dotado de uma carga discursiva, que viabiliza a introjeção de capital simbólico em seus agentes partícipes. A construção desse sistema simbólico, de significados, não se dá de maneira espontânea, pois depende da cultura à qual está inserido, assim como a cultura “deve sua existência às condições sociais de qual ela é produto.” (BOURDIEU; PASSARON, 1992, p. 23). Deste modo, a partir da comunicação pedagógica, do discurso que é construído com os conceitos do espaço educacional, é que a escola vai prolongar os determinismos sociais ditados pela classe de origem, os determinismos de gênero e a desigualdade social entre os homens.

Para Durkheim (2011), o sistema educativo pode ser compreendido como parte de:

[...] um conjunto de práticas e instituições que se organizam lentamente ao longo do tempo, que são solidárias com todas as outras instituições, exprimindo-as, e que, por conseguinte, bem como a própria estrutura da sociedade, não podem ser modificadas à vontade. Parece que estamos diante de um puro sistema de conceitos, que a este último, implica apenas a lógica. (DURKHEIM, 2011, p. 47).

O modelo de interpretação dos fenômenos sociais do sociólogo francês estaria em contraposição ao conhecimento filosófico de sociedade, ou seja,

Durkheim (2007) desejava inaugurar o conhecimento sociológico, contrapondo-se a um mecanismo da Filosofia: o método dedutivo. Na perspectiva dedutiva, o conhecimento é construído a partir de uma necessidade de explicação dos fenômenos das sociedades, porém sem se aproximar propriamente desses fenômenos.

Na esteira das argumentações do autor, os fenômenos sociais, são fatos exteriores aos indivíduos e determinam uma realidade objetiva. Esses fatos vão se construindo, obedecendo às regras específicas que norteiam as vidas dos indivíduos em sociedade. Quanto mais essas regras estão no cerne das práticas sociais, mais tais práticas ficam conservadoras junto aos interesses da família, da religião e de outras instituições, cada vez mais, conduzindo-se por um poder coercitivo. Quanto mais os indivíduos são submetidos às regras, mais próximas ficam as consciências individuais que, quase sempre, passam a ser conduzidas pela consciência do grupo (a consciência coletiva).

Diante dessa dinâmica social, a escola e a Educação fazem parte do processo socializador, obedecendo às regras específicas de uma coletividade, pois cada sociedade elabora um ideal de homem, daquilo que ele deve ser, tanto do ponto de vista intelectual como físico e moral. Em certa medida, este ideal é o mesmo para todos os cidadãos e pode se diferenciar, de acordo com os meios singulares que toda sociedade compreende em seu seio (DURKHEIM, 2011).

Tomando em conjunto essas conceituações sobre a relevância do social na determinação de práticas educativas, as pesquisas na área da Educação, no final da década de 1980 e início da década 1990, passaram a exigir construções teóricas que unissem pontos de vista do ator individual e do ator social, em perspectivas micro e macro. Souza (2002) salienta que é nesse contexto que a teoria das Representações Sociais da Psicologia Social surge como uma das possibilidades teóricas para compreender um sujeito sócio-historicamente situado e, ao mesmo tempo, fornecendo condições para a análise das dinâmicas subjetivas. Portanto, a teoria das Representações Sociais estaria “na interface da sociologia e da psicologia, respondendo pelo sujeito e seu contexto, evidenciando que existe uma indissociabilidade entre eles” (SOUSA, 2002, p. 286).

Para Gatti (2010), ao aproximar dois campos de conhecimento, a tarefa da Psicologia e da Educação, que vem a ser denominado de Psicologia da Educação, consiste em uma tentativa de construção de uma perspectiva que permita integrar,

sob certas condições, o social e o pessoal, sem dissolvê-los entre si e vinculando as subjetividades ao contexto sociocultural em que se desenvolvem.

No tocante a essa vinculação, os estudos das Representações Sociais germinaram com o propósito de centralizar, como objeto de pesquisa, a relação indivíduo e sociedade - considerando que a mesma reflete sobre como as pessoas, grupos, sujeitos sociais constroem seu conhecimento, quando inscritos em determinada sociedade ou cultura. Por certo, antes de seguir com a exposição dos dados, é necessário direcionar a leitura para outros aspectos da teoria junto ao conceito durkheimiano de Representações Coletivas.

O conceito durkheimiano de Representações Coletivas aparece em estudos sobre as Representações Sociais, a fim de demonstrar que o termo já era investigado dentro da Sociologia clássica e serviu de base para Moscovici pensar e apresentar seu paradigma teórico de perspectiva psicossocial.

Ao divulgar este conceito, Durkheim estava determinado em situar os aspectos fundantes e observáveis da Sociologia como uma ciência com leis próprias e que deveria seguir práticas específicas, assim como em outro campo do saber. Sua preocupação principal, a partir das suas obras, sempre foi “compreender a essência da moralidade, o papel que ela desempenha nas sociedades, a maneira pela qual nestas se forma e se desenvolve, traduzindo suas aspirações” (BOUGLÉ, 1970, p. 08), de modo a fornecer diretrizes à ação social.

Nesse sentido, compreender o papel e o valor de uma regra ou uma disciplina moral seria um novo jeito de conceber as relações da consciência e de entender as relações sociais. Seu modelo explicativo dirigiu a atenção, não somente para as formas materiais, mas também aos estados psíquicos, às crenças coletivas, consideradas como nó vital de qualquer sociedade.

No desenvolvimento de suas pesquisas, ficou evidente a tentativa de identificar as aproximações entre as leis sociológicas e psicológicas, já que, para ele, tanto a vida coletiva como a vida mental do indivíduo, são compostas por representações individuais e sociais que podem ser observadas e comparadas. Durkheim foi o autor que primeiro trabalhou explicitamente o conceito de Representações Sociais, usado no mesmo sentido de Representações Coletivas (MOSCOVICI, 2003; MINAYO, 1995). O termo estaria relacionado às categorias de pensamento, por meio das quais determinados grupos sociais elaboram e expressam a sua realidade.

Sua concepção estabeleceu uma visão contrária aos modelos defendidos pelos pesquisadores da escola psicofisiológica, que reduziam as representações aos seus substratos anatômicos ou psicofísicos. Assim, na visão do autor, “um agente dotado de consciência não se conduz como um ser cuja atividade se reduzisse a um sistema de reflexos: ele hesita, tateia, delibera e é com essa particularidade que ele se identifica.” (DURKHEIM, 1970, p. 17).

As representações não poderiam ser confundidas como fenômenos orgânicos, pois na sociologia durkheimiana, as mesmas são os fatos sociais, consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores aos indivíduos, ou seja, estão presentes em um substrato social. As representações, destarte, não são dadas *a priori* e nem são universais, visto que são um grupo de fenômenos reais, com propriedades e comportamentos específicos.

Esse exercício e diálogo com a Psicologia contribuiu para ampliar o debate para além das generalidades sobre a natureza das sociedades e das relações do reino social e do reino biológico. Durkheim (2001, p 34) defendia a elaboração de um método de investigação sociológico, mais adaptado à “natureza particular dos fenômenos sociais”. Sua argumentação era de que esses fenômenos, os fatos sociais, poderiam ser observáveis em diversos contextos e grupos, e que apresentavam características expressivas de existirem fora das consciências individuais, permitindo fazer críticas aos partidários da teoria psicofisiológica, que explicavam as representações como associações derivadas das propriedades e disposições do sistema nervoso.

Os “estados de consciência” (DURKHEIM, 1970, p. 21) seriam originados pelos hábitos contraídos, os preconceitos, as tendências mobilizadoras dos sujeitos e como estas eram percebidas no bojo das relações sociais, configurando tudo aquilo que constitui a característica moral para um determinado grupo. Desta maneira, nos termos de Durkheim, qualquer representação produzida afetaria, além dos órgãos, o próprio espírito, isto é, as representações presentes e passadas que o constituem, já que as representações passadas subsistem mesmo com o aparecimento de outras.

Ora, quando dissemos alhures que os fatos sociais são, em um certo sentido, independentes dos indivíduos e exteriores em relação às consciências individuais, apenas afirmamos no que tange ao reino social aquilo que acabamos de estabelecer a propósito do reino psíquico. A sociedade tem por substrato o conjunto de indivíduos associados. O

sistema que formam pela união e que varia de acordo com sua disposição sobre a superfície do território, com a natureza e o número das vias de comunicação; constitui a base sobre a qual se constrói a vida social. As representações que são a trama dessa vida originam-se das relações que se estabelecem entre os indivíduos assim combinados ou entre os grupos secundários que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade total. (DURKHEIM, 1970, p. 38).

Logo, os fenômenos sociais são impostos aos indivíduos, por meio das manifestações mais características e obrigatórias da vida coletiva, como as crenças e práticas religiosas, as regras da moral. Durkheim (1996) postulava que essa obrigatoriedade era a prova de que as maneiras de agir e de pensar não são “obra do indivíduo”, mas emanam de uma potência moral que o ultrapassa, podendo ser imaginada, inclusive misticamente, como escrito em sua obra: “As formas elementares da vida religiosa”, sob a forma de um deus.

Duveen (2011) assevera que o propósito do pensador francês de estabelecer a Sociologia como uma ciência autônoma, o levou a defender uma separação radical entre representações individuais e representações coletivas, e a sugerir que as primeiras deveriam ser do campo da Psicologia e as últimas objeto de investigação sociológica. Além de estabelecer um caráter *sui generis* das representações coletivas, as interpretava como um dos elementos que pudesse integrar a sociedade e mantê-la coesa como um todo.

Dentro desta perspectiva, as representações coletivas assumem uma significância sociológica, pois ajudam a manter e a conservar o todo social. Seriam como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de integrar a sociedade na sua totalidade, em um sistema mais homogêneo. Ainda, sobre as representações coletivas, Minayo (1995) pontua que, na concepção durkheimiana, elas conservam sempre a marca da realidade social onde nascem. Ao mesmo tempo, possuem vida independente, reproduzem-se e misturam-se, tendo como causas outras representações.

Moscovici (2003) destaca que Durkheim busca se desfazer do domínio da psicologia introspectiva e distinguir uma classe particular de representações: as representações coletivas, que fundam uma outra Psicologia, a Psicologia Coletiva (Social). Se, em um primeiro momento, as representações coletivas são uma função direta da estrutura social, em um segundo momento, adquirem o poder generativo de outras representações. Sendo dever, sobretudo, da Psicologia Social, descrever e analisar este processo generativo, sendo igualmente importante considerar, tanto

os comportamentos individuais quanto os fatos sociais (as instituições e práticas, por exemplo), em sua concretude e singularidade histórica.

Importam ainda os conteúdos dos fenômenos psicossociais, pouco enfatizados pelos psicólogos sociais tradicionais em sua busca de processos tão básicos e universais que pudessem abrigar quaisquer conteúdos específicos. Além disso, não importa apenas a influência, unidirecional, dos contextos sociais sobre os comportamentos, estados e processos individuais, mas também a participação destes na construção das próprias realidades sociais. (SÁ, 1993, p. 20).

Ainda, na visão moscoviciana, é possível sintetizar que, no sentido clássico, as representações coletivas têm caráter mais fixo, constituindo-se em um instrumento explanatório e se referindo a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.). Na perspectiva psicossocial, são fenômenos específicos que estão relacionados como um modo particular de compreender e de se comunicar, um modo que cria, tanto a realidade como o senso comum.

Como as representações são fenômenos complexos e ativados pelo meio social, o contexto em que se desenvolvem estabelecem as definições partilhadas pelas pessoas, construindo a visão consensual da realidade para um determinado grupo. Esses sistemas de relações regem as interações com o mundo e com outras pessoas, organizando condutas e comunicações.

Assim, o paradigma das representações sociais amplia o olhar sobre as inúmeras interpretações de fenômenos presentes na sociedade (CAMARGO, 2016). Ao longo da história, as pessoas vivenciam o tempo de maneira diferente das gerações anteriores e a etapa etária se tornou um marcador cultural expressivo. Portanto, surgem novas interpretações sobre a velhice, que devem ser consideradas no engajamento em pesquisas sobre representações sociais. Sá (1998) explica que uma terceira temática geral, muito comum no campo da TRS, é o desenvolvimento humano, abrangendo diferentes níveis etários e que o processo de envelhecimento tem despertado um interesse crescente, conforme ilustrado pelas pesquisas do título subsequente.

1.3 O CONTRIBUTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA OS ESTUDOS SOBRE A VELHICE

Como parte deste tópico, foi realizada a leitura de produções acadêmicas tidas como iniciais dos estudos sobre a velhice no campo da Psicologia Social no Brasil. Sá (1998) indica que as pesquisadoras Eiras (2002) e Santos (1994) são consideradas referências em investigações sobre o envelhecimento, com base nos aportes teóricos das Representações Sociais, tendo publicado artigos sobre o tema em periódicos científicos.

De acordo com Sá (1998), é visível como o paradigma das representações sociais tem despertado crescente interesse e vem sendo consistentemente explorado por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Ao apresentar um panorama geral da produção empírica da teoria, este autor define o desenvolvimento humano como uma área temática recorrente, com o objetivo de identificar as representações em diferentes níveis etários, tanto na infância como na maturidade. Portanto, a velhice aparece como um alvo frequente de exclusão social e que tem despertado um interesse crescente.

Eiras (2002) apresenta em seu artigo, as representações da velhice para dois grupos específicos: os profissionais de saúde que atendem pessoas de mais idade e pacientes idosos atendidos por esses profissionais. O objetivo foi investigar se existiam semelhanças nas construções representacionais dos sujeitos pesquisados, em relação a esta fase da vida.

Com o título do artigo: “Representações sociais da velhice em instituições públicas de saúde”, disponível desde 2002, em uma edição temática da revista científica “Ciências Humanas”, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a autora inicia explicando a necessidade de se trabalhar sobre um padrão brasileiro da representação da velhice, condizente com a nossa realidade social.

Ela parte da hipótese de que “as representações sociais da velhice elaboradas pelos dois grupos são diferentes” (EIRAS, 2002, p. 118), sendo que os profissionais idealizam a velhice e a representam positivamente e os idosos têm uma representação social da velhice que destaca seus aspectos negativos.

Em seguida, fornece informações sobre seu referencial teórico-metodológico. Cabe destacar, que a pesquisa de Eiras está ancorada nas ideias iniciais de Moscovici; por outro lado, o estudo desenvolveu-se com base na abordagem

estrutural de Jean-Claude Abric. Sá (1998) pontua que a perspectiva estrutural da teoria surge com o propósito de comparar as representações de dois grupos diferentes ou de um mesmo grupo em ocasiões distintas.

Segundo Bertoni e Galinkin (2017), Jean-Claude Abric e seus colaboradores desenvolveram a “Teoria do Núcleo Central” para entender a estrutura de uma representação, partindo da definição de que as representações são organizações significantes, e não somente um “reflexo da realidade”. Na abordagem estrutural, as representações funcionam como um sistema de codificação da realidade, visto que, por meio delas, determina-se um conjunto de antecipações e expectativas. Ainda, conforme as autoras, na abordagem estrutural, a representação é constituída de um aglomerado de informações, crenças, opiniões e atitudes a propósito de um dado objeto social, além de estar organizada em torno de um núcleo central, que é seu elemento fundamental e determina sua significação.

Essa concepção orienta a escolha dos instrumentos metodológicos no estudo de Eiras (2002), por meio da identificação do núcleo central, sendo possível comparar duas ou mais representações, já que devem ser organizadas em torno de núcleos igualmente distintos. Na coleta de dados, foi utilizado o método de associação livre, “que consiste em se solicitar aos sujeitos da pesquisa que, a partir de uma palavra indutora, declare todas as palavras, expressões ou adjetivos que lhes venham à mente, sem qualquer censura prévia.” (EIRAS, 2002, p. 119).

Durante a análise dos dados, foi utilizada a técnica de Pierre Verges, que combina as palavras ou expressões evocadas com a frequência de sua emissão. “A combinação desses dois critérios constitui um indicador da centralidade de cada elemento e possibilita o levantamento daqueles que mais provavelmente pertencem ao núcleo central da representação.” (EIRAS, 2002, p. 119). O grupo dos participantes da pesquisa foi composto por 32 profissionais da área da Saúde e 63 pacientes idosos de um núcleo do Hospital Universitário Estadual. Cada pessoa individualmente entrevistada deveria dizer de três a cinco palavras que viessem à mente, ao pensar em velhice.

Os resultados confirmaram a hipótese de representações distintas entre os grupos. Em linhas gerais, o grupo de idosos demonstrou-se surpreso com a longevidade e associaram o processo de envelhecimento ao declínio corporal e exclusão social. Já o grupo de profissionais, colocou a “experiência” e a “sabedoria” como elementos centrais de sua representação.

Em seu artigo: “Velhice: uma questão psicossocial”, publicado em 1994, Santos conceitua a velhice como uma convenção social, sendo consequentemente representada de modo diverso nas diferentes sociedades. Os valores e expectativas socialmente compartilhados, em relação ao processo de envelhecimento, têm grande influência sobre “a percepção que tem o sujeito do mundo e sobre sua própria definição enquanto sujeito que interage com este mundo.” (SANTOS, 1994, p. 124).

Em articulação com a teoria das Representações Sociais, a autora apresenta, mesmo que brevemente, as explanações de autores de diferentes campos do saber, que tiveram o envelhecimento observado a partir de contextos, tais como a aposentadoria e como elemento constitutivo da identidade social. Assim, complementa:

[...] é a partir do estudo das representações sociais da velhice que se pode compreender o peso do envelhecimento para o sujeito, a criação do sujeito nos significados sobre envelhecimento e o peso da pressão social que encerra os idosos em um grupo de referência negativa. (SANTOS, 1994, p. 125).

Baseada nessa conceituação teórica, Santos (1994) estabelece como objetivo principal de sua pesquisa compreender a representação social da velhice e suas implicações na identidade dos sujeitos idosos. Foram entrevistadas, com roteiro pré-estabelecido, 92 pessoas moradoras de Recife, em Pernambuco, divididas em dois grupos. As questões de gênero e faixa etária foram usadas como critérios para a divisão, sendo que o primeiro grupo foi composto por pessoas com idades entre 20 a 49 anos e o segundo com idades acima de 50 anos.

A análise de dados foi centrada nas questões que suscitaram diferenças qualitativas com relação à forma de pensar a velhice. Foi possível identificar dois modelos de envelhecimento apresentados pelos grupos. O primeiro modelo estaria configurado a partir da noção de experiência, realização e alcance de conhecimento, sustentando a ideia de “quem vive mais, sabe mais”. O segundo modelo ressaltou a situação de perda da saúde e da desvalorização social. Nesse sentido, envelhecer significaria ficar doente e ser desprezado pelo outro.

Também foi possível averiguar que a entrada na velhice é marcada “por modificações subjetivas (sentimentos de inadaptação, incapacidade de produzir algo, falta de interesse pela vida e etc.) ou, propriamente, pela sinalização dada pelo outro (infantilização, desprezo, desrespeito, incompreensão, etc.)” (SANTOS, 1994,

p. 127). De maneira abrangente, foi observado que as construções representacionais dos dois modelos, ora se convergiam entre as opiniões dos grupos entrevistados, sinalizando a importância de considerar o contexto das relações que o sujeito tem com o grupo e que permeiam as ressignificações, advindas das estruturas social e pessoal.

Jodelet (2009) postula que a velhice não pode ser abordada sem considerar que o envelhecimento do indivíduo é um processo que se produz em um contexto social. O entendimento representacional sobre a velhice estaria também relacionado ao papel do indivíduo, desempenhado em seu meio de inserção. Com o aumento da população idosa, os grupos de velhos e de velhas, que historicamente foram objeto de desvalorização ou rejeição, hoje, aparecem como grupos emergentes que questionam o sistema social, tanto na prática quanto simbolicamente, sendo objetos de pesquisa em articulação com outros marcadores sociais.

Para Costa e Freitas (2010), pesquisar as representações sociais sobre a velhice implica fazer uma leitura, não só dos aportes teóricos normativos e científicos, mas cabendo focalizar também no conhecimento cotidiano, o qual permite examinar as representações que emergem das relações entre as pessoas de mais idade e seus contextos.

Notadamente, existem maneiras distintas de empreender o olhar sobre um determinado objeto, sobretudo, no campo das Representações Sociais. As investigações trazidas pelo levantamento a seguir simbolizam um florescimento de ideias, em relação à investigação social da velhice, em especial, no campo da Educação.

1.4 AS PESQUISAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VELHICE EM CONTEXTOS EDUCATIVOS

Dando prosseguimento na revisão da literatura sobre as representações sociais de velhice, foi realizado o mapeamento de teses e dissertações durante o primeiro semestre de 2019, entre os meses de abril a maio. Na ocasião foram levantadas as produções acadêmicas que tinham como campo de investigação os projetos destinados às pessoas idosas.

Foram destacadas as pesquisas que mostraram como objeto central de suas análises as representações sociais sobre processo de envelhecimento ou de velhice, em iniciativas na universidade ou em centros de convivência para a chamada terceira idade, uma vez que contemplavam o mesmo enfoque proposto nesta dissertação. Os dados foram coletados no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Pereira (2013) postula que o inventariado de produções acadêmicas sobre um determinado fenômeno constitui-se em uma das etapas fundamentais para a atividade científica. O estado do conhecimento pode ser considerado um dos ritos de iniciação, antecede a ida a campo e está diretamente relacionado com a postura questionadora do investigador. É baseado na compreensão do estado do conhecimento produzido sobre o assunto em pauta, é que o pesquisador poderá identificar lacunas, aspectos ainda por explorar ou modos diferentes de abordá-lo.

Já na visão de Lorenzetti, Muenchen e Slongo (2017), esse tipo de levantamento permite realizar balanços críticos sobre a produção científica, de modo a verificar as pesquisas relevantes de uma determinada área, contribuindo para o desenvolvimento de novos estudos. Além disso, por meio da revisão bibliográfica, é possível identificar o foco das pesquisas, a metodologia utilizada, as conclusões e os resultados obtidos a partir das análises dos dados, traçando um panorama elucidativo sobre o campo a ser investigado.

Sobre o panorama das representações sociais de velhice, Nascimento e Calsa (2017) pontuam como um campo promissor de pesquisa devido ao aumento da longevidade da população brasileira que vem alterando os modos de viver e ser na maturidade. Conseqüentemente, surgiram trabalhos empenhados em investigar a velhice não somente entre as pessoas idosas como entre grupos de diferentes gerações.

No tocante ao catálogo da CAPES, a busca foi concentrada em um único descritor, no caso, **velhice**. Desta maneira, foram encontrados 2.005 trabalhos. Ao especificar as áreas de concentração para Educação e Psicologia, por meio da busca refinada, foi possível identificar 101 trabalhos, sendo que 72 eram dissertações e 29 teses. Mesmo tendo aplicado o recurso de refinamento de busca, o sistema ainda apresentou trabalhos das áreas de Enfermagem, Gerontologia, Comunicação entre outras.

Durante a leitura dos títulos e resumos dos 101 trabalhos, foi estabelecido como critério de escolha aqueles que apresentavam no título os termos “representações sociais” ou “significações”, o que ajudou a afunilar mais a busca até o contingente das produções escolhidas para a análise.

Cabe reiterar que, também nesta fase de leitura, foram priorizados os trabalhos empenhados em investigar a velhice em cenários educativos destinados às pessoas idosas, como por exemplo, os projetos que existem nas universidades. A fim de constatar nas pesquisadas inventariadas a abordagem sobre esta fase da vida em articulação com a teoria das Representações Sociais e os instrumentos metodológicos utilizados para identificar o conteúdo representacional de velhice de pessoas inseridas em contextos de ensino e aprendizagem. Feitas as exclusões necessárias a partir desses critérios, seis trabalhos do montante final compõem os quadros de dissertações e teses analisadas, a saber:

Quadro 1 - Dissertações analisadas.

ANO DE DEFESA	TÍTULO	INSTITUIÇÃO	REGIÃO
2009	Representações Sociais de Professores e Alunos sobre Envelhecimento Humano e Educação em um Programa de Universidade Aberta à Terceira Idade.	UNESP/Bauru	Sudeste
2009	Universidade Aberta à Terceira Idade: representações da velhice	PUC-SP	Sudeste
2009	Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade	UFSC	Sul
2013	A pessoa idosa e o envelhecimento ativo: significações das pessoas idosas do Programa Integração de Gerações no Instituto Camillo Filho	UFPI	Norte

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Quadro 2 - Teses analisadas.

ANO DE DEFESA	TÍTULO	INSTITUIÇÃO	REGIÃO
2007	Representações e identidades na velhice: modos de ver e viver o envelhecimento	UFPB	Nordeste
2014	Representações sociais do “ser idoso” e suas implicações para a assistência e práticas educativas voltadas à população idosa em Natal/RN	UFRN	Nordeste

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Para entender as contribuições das seis produções escolhidas, foi feita uma leitura da parte metodológica, especialmente, de modo a estabelecer análises, ainda que superficiais, de como o fenômeno da velhice foi investigado em articulação com a Teoria das Representações Sociais e os instrumentos metodológicos utilizados. Assim, foi possível definir duas unidades temáticas: 1) A velhice e suas representações em espaços de desenvolvimento educacional; e 2) A velhice e suas representações em espaços diversos.

Entre os achados da pesquisa, somente a tese: “Representações sociais do “ser idoso” e suas implicações para a assistência e práticas educativas voltadas à população idosa em Natal/RN” está vinculada a um Programa de Pós-Graduação em Educação e o restante vinculado, quase que predominantemente, a Programas da Psicologia ou de outras áreas do conhecimento.

Além disso, podemos observar a concentração das publicações no período de 2007 a 2013, já que as iniciativas educativas destinadas a pessoas de mais idade no Brasil, ganharam mais força recentemente. Conforme Cachioni (1998), a nível nacional, a educação sistematizada para adultos foi iniciada na década de 70, como manifestação dos movimentos sociais, porém é somente nos anos 80 que as universidades começaram a abrir um espaço educacional, tanto para a população idosa como para profissionais interessados no estudo das questões do envelhecimento, o que pode justificar, de certa forma, a baixa quantidade de pesquisas sobre as representações da velhice no campo da Educação.

Contemplando o grupo da primeira unidade temática, em sua dissertação intitulada: “Representações Sociais de professores e alunos sobre envelhecimento humano e Educação em um Programa de Universidade Aberta à Terceira Idade”, Mennocchi (2009) tem como campo de investigação uma Universidade Aberta à Terceira Idade, vinculada a uma Instituição de Ensino Superior privada da cidade de

Bauru, no interior de São Paulo, e que, à época, contava com cerca de 180 alunos matriculados e 30 docentes.

A velhice aparece como uma categoria social e a sua representação subsidia a investigação de quais concepções estariam fundamentando a prática e a participação de professores e alunos no projeto. A autora trouxe algumas questões norteadoras, como: “Que concepções de ensino e aprendizagem estão presentes no discurso dos professores e alunos? Como é percebido o envelhecimento por essas pessoas? E como a questão do tempo livre e de seu preenchimento são articulados às questões educativas?”.

O estudo contou com dois grupos de participantes, constituídos por 30 alunos com mais de 60 anos e por 18 pessoas envolvidas com a atividade docente (estagiários, técnicos, graduados em diversas áreas ou professores universitários com titulação de Mestre ou Doutor), que ministraram aulas ou coordenaram atividades vinculadas ao programa. Foram utilizados três instrumentos metodológicos, sendo duas escalas (Escala de Diferencial Semântico de Crenças em relação à Velhice e Escala de Expectativas em relação ao programa) e um questionário.

Também pertencente ao grupo da primeira categoria, Lacerda (2009) coloca em questão as representações sobre a velhice mobilizadas por idealizadores e alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade, da Universidade Federal de Alfenas, em Minas Gerais. O objetivo principal foi abordar as concepções relativas a essa fase da vida, que servem como sustentação para programas dessa natureza.

Os dados foram coletados mediante entrevistas semiestruturadas realizadas com os dois grupos relatados. A análise das informações teve como dispositivo metodológico o “Discurso do Sujeito Coletivo”, idealizado por Lefèvre e Lefèvre. Desta maneira, foi possível identificar temas gerais inscritos nos discursos dos entrevistados, assim como suas marcas singulares, que subvertem as visões socialmente cristalizadas sobre o processo de envelhecimento.

Na pesquisa intitulada: “A pessoa idosa e o envelhecimento ativo: significações das pessoas idosas do Programa Integração de Gerações no Instituto Camillo Filho”, o objeto de investigação é o Programa Integração de Gerações (INTEGERA), do Instituto Camillo Filho (ICF), na cidade de Teresina, no Piauí.

Franco (2009) estabelece como recorte as oficinas temáticas e disciplinas avulsas, que são algumas das atividades disponíveis ao grupo. O objetivo geral foi

conhecer a percepção dos idosos sobre suas velhices e o impacto do projeto na vivência do chamado “envelhecimento ativo”. Para tanto, como método de pesquisa, utilizou-se alguns recursos, como: pesquisa bibliográfica, análise documental, depoimentos orais e observação direta.

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados o questionário socioeconômico e o roteiro de entrevista. Conforme os escritos da autora, a amostra da pesquisa foi constituída de alunos idosos ativos e egressos do programa, obedecendo a critérios específicos, como tempo de participação, cidade de moradia e gênero. Os discursos foram submetidos à análise de categorização das falas.

Biasus (2009) investiga aproximações entre a representação social do envelhecimento e da sexualidade. A velhice apareceu como uma categoria que permeia outros processos comportamentais, como as práticas sexuais. Participaram do estudo 40 homens e 40 mulheres, com idades entre 50 e 70 anos, divididos em duas cidades da Região Sul, sendo elas: Erechim, no Rio Grande do Sul; e Florianópolis, em Santa Catarina. As pessoas entrevistadas estavam vinculadas a Núcleos de Estudos de Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior (participantes, funcionários, professores).

Durante as entrevistas, foram realizadas perguntas a respeito da passagem do tempo e do envelhecimento, e também sobre a sexualidade na velhice. A coleta de dados foi realizada por meio de observação indireta, com a utilização de entrevista e um questionário com questões de caracterização dos participantes. Foi utilizada a técnica de entrevista não-diretiva acoplada à entrevista episódica, quando o entrevistador propõe um tema e encoraja o entrevistado a falar sem responder a um roteiro previamente estabelecido, com base em seu próprio quadro de referência. Tanto os dados de caracterização como os dados textuais foram analisados com o auxílio de *softwares*, a fim de identificar as representações, sob uma perspectiva mais estrutural da teoria.

O autor também pontuou a importância de estudos com Grupos da Terceira Idade, já que, nos últimos anos, a participação empírica destes nas instituições de Ensino Superior têm aumentado significativamente, configurando “num lugar onde o idoso pode pensar e viver a sua velhice, assim como construir novas práticas e experiências” e “experimentar relações intergeracionais.” (BIASUS, 2009, p. 66, grifos do autor).

O conjunto de pesquisas desse primeiro grupo demonstra que as investigações realizadas em espaços de desenvolvimento educacional apresentam uma abordagem mais social do processo de envelhecimento como parte da fundamentação teórica. Demonstrando que é a partir do entendimento da velhice como uma categoria social, que se passou a investigar as percepções em relação a esta fase da vida, inclusive em cenários como o da Educação.

Sobre aos procedimentos metodológicos, os pesquisadores escolheram pessoas diferentes pertencentes a grupos distintos ou de um mesmo grupo e utilizaram diferentes técnicas para as coletas dos dados, como o uso de questionário e de entrevistas. Contudo, referente às principais contribuições das pesquisas analisadas, está o tratamento dos dados por meio da análise categórica dos conteúdos das falas, demonstrando como a análise de conteúdo é frequentemente utilizada para a determinação do conteúdo representacional.

Em relação à unidade temática: 2) A velhice e suas representações em espaços diversos, as autoras apresentam análises em contextos maiores, abrangendo grupos populacionais. Na tese: “Representações e identidades na velhice: modos de ver e viver o envelhecimento”, Luna (2007) trabalhou com as representações das mulheres de classe média, residentes na cidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba.

A amostra foi constituída por 58 mulheres, das quais 51 eram consideradas ativas, na faixa dos 60 aos 92 anos, e sete mulheres jovens com idades entre 18 a 27 anos. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um roteiro de entrevista estruturada, além dos dados sociodemográficos, que compuseram o perfil de cada entrevistada. Como objetivo geral do estudo, buscou-se estabelecer como as mulheres que vivenciam o envelhecimento ativo e que continuam membros integrados da sociedade representam a velhice, bem como qual é a visão que têm de si mesmas e quais são suas crenças e vivências sobre o preconceito e a discriminação da velhice, e também acerca da promoção da velhice bem-sucedida.

Para a realização das entrevistas, foram escolhidos espaços distintos em que circulavam as mulheres em processo de envelhecimento e em atividade, abrangendo residências, academias de ginástica, centro de convivência do idoso vinculado à prefeitura, dois shoppings centers, na Associação dos Clubes da Melhor Idade, na Associação de Inativos e Pensionistas da Universidade Federal da Paraíba e em locais de trabalho das pessoas inquiridas. Os dados foram analisados

como base em duas modalidades metodológicas: a análise de conteúdo temático, tendo Bardin como suporte teórico, e a análise de dados textuais com o emprego do *software ALCESTE*.

Já Paula (2014), pesquisou as representações sociais do “ser idoso” e suas implicações para a assistência e práticas educativas voltadas à população idosa, em Natal, no Rio Grande do Norte. Os locais pesquisados foram os grupos de convivência de diferentes bairros em contexto urbano, vinculados a uma Secretaria Municipal. Foram ouvidos 103 idosos participantes dos programas com mais de 60 anos, em período vespertino, durante a oferta das atividades e funcionamento dos estabelecimentos.

Como suporte teórico foi utilizada a perspectiva fundante da teoria de Moscovici e a teoria do Núcleo Central de Abric. Do ponto de vista metodológico, foi determinado o núcleo central das representações dos idosos participantes e foram realizadas entrevistas com idosos não participantes dos grupos para contraste. O estudo foi organizado a partir da análise estrutural das entrevistas e de evocações submetidas ao uso de *software*, para identificar o conteúdo representacional.

O trabalho de Paula (2014) teve uma importante contribuição para se pensar as variações do léxico da velhice em estudos das representações sociais. Ao se utilizar do termo “ser idoso” durante as entrevistas, reforça-se a ideia de um novo estilo de viver na maturidade desvinculado da representação mais tradicional de velhice vinculada ao declínio corporal e mental.

Os estudos inventariados sinalizam que, no bojo de diferentes configurações sociais, surgem visões e crenças acerca da velhice, assim como práticas sociais destinadas exclusivamente a pessoas de mais idade, que são influenciadoras de concepções sobre a senescência. Nesse sentido, as pessoas são atores sociais ativos e caracterizados pela inscrição social (JODELET, 2009; CONTARELLO, 2011). Essa caracterização estabelece-se, partindo da maneira como esses atores se comunicam em uma rede de interação com outros atores e a posição que ocupam na estrutura social e nos grupos culturais que definem suas identidades.

Observa-se que as representações sobre o processo de envelhecimento oscilam entre contextos informacionais amplamente difundidos, em centros de convivência, projetos e programas institucionais, e o universo consensual dos sujeitos sociais pertencentes a esses grupos específicos. Nesse sentido, as

dinâmicas presentes nos estudos encontrados se tornaram contextos visivelmente em consonância com a perspectiva inaugural moscoviana.

Para Moscovici (2011), as representações dão-se na interação social e estão condicionadas pelo contexto em que se desenvolvem. “Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura” (MOSCOVICI, 2011, p. 35); ou seja, uma das funções das representações é convencionalizar os fenômenos (os objetos), concedendo uma forma definitiva e operando sobre as categorias que ajudam a estabelecer modelos de referência partilhados por grupos de pessoas.

As representações também podem ter um caráter prescritivo, sendo impostas sobre nós. Essa imposição é entendida como “uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta *o que* deve ser pensado.” (MOSCOVICI, 2011, p. 36, grifo do autor). Em alguma medida, são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo, como por exemplo, os sistemas de classificação, das imagens e das descrições que circulam em determinada cultura e conceitos científicos. Esses sistemas implicam em um elo anterior com outros sistemas de conhecimento, que quebram as amarras da informação no presente, viabilizando ressignificações.

Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais e suas abordagens fornecem o aporte necessário, também, à compreensão da formação complexa dos conhecimentos sociais atinentes ao processo de envelhecimento, sobretudo, em cenários educativos. Entretanto, constata-se que esse empreendimento teórico-metodológico em pesquisas sobre a velhice no campo educacional, ainda é pouco expressivo no meio acadêmico, tendo em vista a pequena quantidade de pesquisas aqui apresentadas, denotando que os significados sobre o desenvolvimento humano, em especial a senilidade ainda não são aspectos privilegiados.

Para Gilly (2011), as representações sociais, presentes nesses espaços do campo educacional, ajudam a compreender os arranjos de significações sociais no processo educativo. Nos termos deste autor, o interesse essencial da noção de representação social para o entendimento dos eventos do campo da Educação consiste no fato de que orienta a atenção para o papel de conjuntos organizados de significações no processo educativo, fornecendo assim possibilidades de análises significativamente promissoras.

Percebe-se que as representações sociais do processo de envelhecimento têm implicações na vida cotidiana, uma vez que impulsionam comportamentos suscetíveis de serem adotados por um indivíduo ou comunidades diversas. Tais sujeitos e agrupamentos, como observado, são investigados variavelmente no decorrer das pesquisas supracitadas, reforçando o ideal indissociável da psicologia com o social.

O postulado pelas pesquisas apresentadas articula as dimensões do conteúdo representacional com as condições socioculturais, que favorecem a emergência da representação e tornam um determinado saber familiar.

Quando as pesquisas ocorreram em cenários educativos, algumas observações parecem importantes, no que tange ao panorama dessas investigações. São estudos feitos a partir de óticas bem específicas, sendo possível delinear neles algumas tendências sobre a orientação teórica e os instrumentos metodológicos estabelecidos. As técnicas de entrevistas, a análise textual e de conteúdo aparecem como recorrentes para o tratamento dos dados.

Esteado no exposto, a velhice é representada com base em um novo debate conceitual distante do discurso biologizante, suscitando que outros marcadores sociais sejam inseridos como parte das representações. Basicamente, a descoberta das Representações Sociais como possibilidade teórica para uma análise de dinâmicas subjetivas ajuda a ampliar os enfoques de pesquisas em contextos educacionais, contribuindo para o aparecimento de interpretações fecundas.

Ao considerar a abordagem da TRS em investigações da velhice, percebe-se que ainda há muito o que ser explorado em pesquisas nacionais sobre a pessoa idosa em contextos educacionais. Talvez, esta dissertação de Mestrado possa vir cadenciar um novo olhar das produções com um entendimento mais amplo sobre a velhice, para além de uma etapa etária, conforme os conceitos fixados na seção a seguir.

UMA PERSPECTIVA SOCIAL DA VELHICE

As pesquisas mapeadas, como parte da revisão teórica desta seção, apresentam dimensões importantes para pensar a diversidade de respostas que as pessoas mais velhas foram e são capazes de oferecer, ante as transformações ocorridas no seio social, ao longo da história. São interpretações seminais para refletir sobre o processo de envelhecimento, em diferentes momentos da história até o período de aparecimento dos discursos contemporâneos de redirecionamento desta etapa da vida.

De acordo com Beauvoir (1976), os primeiros estudos que surgiram com atenção voltada à população idosa privilegiavam os aspectos biológicos predominantes na maturidade e suas consequências ao organismo. O foco era o declínio do corpo, as limitações causadas pelo avanço da idade, a dependência e a saída do mercado de trabalho. Desde a antiguidade, os estudos no plano biológico sobre a velhice a consideravam como um estágio intermediário entre a doença e a saúde, sendo que “todas as funções e fisiologias do velho se veriam reduzidas e enfraquecidas.” (BEAUVOIR, 1976, p. 20). As análises estavam centradas na higiene preventiva, ao invés de diagnósticos ou terapias.

Somente no início do século XIX, a medicina preventiva cedeu lugar à terapêutica e, a partir daí, a preocupação era curar os sujeitos mais velhos. Viu-se uma série de estudos preocupados com a patologia da velhice. A senescência refletia um momento de involução sexual ou “autointoxicação provocada pelos produtos do metabolismo das células.” (BEAUVOIR, 1976, p. 26). No entanto, outros elementos além dos aspectos biologizantes dão a tônica aos discursos sociais sobre a velhice.

Como mostra Beauvoir (1976), em sua obra: “A velhice”, a compreensão do fenômeno do envelhecimento depende de um olhar sobre o todo desta questão, não apenas como um fator biológico como também cultural. No ponto de vista da autora, a exclusão dos idosos pode ser considerada como uma herança ancestral que perpassa diferentes culturas, ao longo do tempo.

[...] a maior parte das sociedades não deixa os velhos morrerem como bichos. Sua morte é cercada de um cerimonial para o qual se reivindica, ou se finge reivindicar, seu ‘consentimento’. Por outro ângulo, muitas sociedades respeitam as pessoas idosas enquanto estão lúcidas e robustas, mas livram-se delas quando se tornam decrépitas e senis. (BEAUVOIR, 1976, p. 66, grifo do autor).

Ao observar a exclusão do idoso como um fenômeno presente em todas as culturas, a autora defende que é necessária uma observação relativizada, especialmente sobre as diferenças de gêneros. “A velhice não tem o mesmo sentido nem as mesmas consequências para os homens e para as mulheres.” (BEAUVOIR, 1976, p. 104). Pode-se dizer que as representações sociais sobre a senescência revelam os níveis de relações entre as pessoas mais velhas e os interesses coletivos, no que se refere à sua existência.

É o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice. Inversamente: através da maneira pela qual uma sociedade se comporta com seus velhos, ela desvela sem equívoco a verdade – muitas vezes, cuidadosamente mascarada – de seus princípios e de seus fins. (BEAUVOIR, 1976, p. 108).

Com o objetivo de desvendar os aspectos que definem as representações sobre a velhice como um fenômeno social, esta pensadora apresenta dois significados distintos. O primeiro é de que a velhice é uma categoria social, mais ou menos valorizada de acordo com as circunstâncias, conforme o ponto de vista dos legisladores e dos moralistas. Estes ideólogos forjam concepções da velhice em razão dos interesses de sua classe. Já o segundo significado, é o dos poetas, que se opõe radicalmente ao primeiro (BEAUVOIR, 1976). O processo de envelhecimento estaria ligado à condição da classe social.

Para Beauvoir (1990, p. 15), assim como todas as demais circunstâncias humanas, “a velhice tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Na velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence”. Ou seja, idade implica uma condição social: a vida adulta e a velhice são construídas socialmente, por meio de normas reguladoras de cada segmento etário.

Sobre os discursos em relação à velhice presentes no constructo social, algumas aproximações criteriosas são merecedoras de crédito, especialmente no campo das Ciências Humanas. Veras (1999; 2016) pontua que a longevidade se tornou um fenômeno mundial, juntamente com a queda da fecundidade e o envelhecimento acentuado da população do planeta. Conseqüentemente, várias questões tornaram-se cruciais, não apenas para pesquisadores/as da área do Envelhecimento Humano, mas para a sociedade como um todo.

Essas questões não se referem apenas aos problemas demográficos, consideram outros aspectos em relação aos contextos de desenvolvimento do processo de envelhecimento, como por exemplo, a desigualdade social, a fragilidade de algumas instituições, a carência de recursos e a demanda de programas públicos de qualidade. Cuidar das demandas das pessoas idosas, na visão deste autor, tornou-se uma questão social que engloba o interesse de todos e é um problema que faz parte das agendas contemporâneas deste século.

Para Uchôa (2003), o importante aumento da população idosa revelou indicadores positivos de uma melhora na qualidade de vida. Por outro lado, fez com que surgissem novas iniciativas, mediante a elaboração de políticas públicas que assegurassem ao público mais velho o atendimento médico e a solução de problemas prioritários.

Ainda, nos termos da autora, os estudos socioantropológicos tornaram-se imprescindíveis para a formulação de intervenções adequadas às características sociais e culturais da população idosa de cada localidade, em nosso país. Conforme Uchôa (2003, p. 850), “é preciso conhecer um pouco mais sobre a maneira como os idosos brasileiros envelhecem, como atribuem significado a esse período de suas vidas ou como o interagem à sua experiência”.

Doll, Ramos e Buaes (2015) pontuam que o Brasil encontra-se em uma fase de mudança da estrutura etária da sua população. Vários fatores de saúde pública impulsionaram as mudanças no estilo de vida e, por isso, o grupo de pessoas idosas aumentou significativamente. Em 2012, de acordo com esses autores, a taxa de crescimento da população idosa foi equivalente a 12,6%.

Em relação à pirâmide etária, afirmam que, em 2030, o grupo de pessoas idosas será maior que o grupo de crianças com até 14 anos e, em 2055, o grupo senil será maior que a quantidade de adolescentes e jovens até 29 anos. Já em 2060, um terço da população nacional será composto por pessoas com 60 anos ou mais. Tais estimativas favorecem a emergência de estudos que problematizem “a constituição de identidades geracionais” (DOLL; RAMOS; BUAES, 2015, p. 12) e precisam entrar no debate da Educação e de diferentes campos do saber.

Dentro desse espírito de discussão, as inquirições focadas em aspectos sociais contribuíram para a relativização de uma visão universalista, usualmente adotada em pesquisas sobre o envelhecimento, associada aos prejuízos corporais e ao declínio desta etapa da vida. Nas últimas décadas, entretanto, houve uma

mudança no tratamento dado à senioridade. Ela passou a integrar os debates sobre políticas públicas, os momentos eleitorais, a definição de novos mercados de consumo e formas inovadoras de lazer, nas quais a pessoa idosa é reconhecida como um ator social vinculado a um conjunto de discursos produzidos culturalmente.

Sendo assim, os estudos que privilegiaram os aspectos sociais da velhice demonstraram que o processo de envelhecimento não é igual em todas as culturas e, por isso, não pode ser homogeneizado. À medida que as pesquisas de diferentes campos do saber foram documentadas em sociedades distintas, constatou-se a diversidade de formas de envelhecer, considerando além dos aspectos naturais, os fenômenos fortemente influenciados pela cultura.

Corroborando essa discussão teórica, Aidar (2014) argumenta que as pessoas idosas são possuidoras de bagagens culturais diferentes, expectativas diversas e múltiplos modos de viver. Em uma perspectiva cultural, econômica e social, as pessoas idosas podem ser parecidas como diversas entre grupos diferentes ou até dentro do mesmo grupo, razão que direciona o enfoque das investigações sociais para as singularidades na senescência, ao invés de abordá-la de forma genérica e imprecisa.

Debert (2012) explica que diferentes especialistas, em destaque para os da área da Gerontologia, estiveram empenhados em acompanhar a maneira como a velhice vinha sendo retratada, a partir do momento em que o processo de envelhecimento passou a ser uma especialidade científica. Os primeiros discursos gerontológicos pertenciam ao campo médico e tratavam o envelhecimento do ponto de vista orgânico, compreendido como um desgaste fisiológico, apresentando medidas de higiene corporal, relacionadas com o retardamento dessa fase da vida. Mais tarde, com o surgimento das políticas de aposentadoria, a maturidade configurou objeto central das análises do campo político-administrativo.

Trata-se de analisar o custo financeiro do envelhecimento, estabelecendo a relação entre a população ativa e aquela que está fora do mercado de trabalho. Dessa relação demográfica servem-se os experts em administração pública e na gestão das caixas de aposentadoria, para calcular o montante de impostos ou das cotizações de seus associados e dos gastos em pensões. Da mesma forma, e para responder às demandas dos mais velhos, especialistas em psicologia e sociologia emprestaram seu saber para definir as necessidades dos aposentados e as formas de resolvê-las. (DEBERT, 2012, p. 16-17).

Além dessas questões, segundo a autora, cada vez mais, a Gerontologia tendeu a abarcar os problemas sociais decorrentes da longevidade da população. Sendo que, em pesquisas mais recentes, já não se trata somente de melhorar as condições de vida vinculadas ao contexto econômico ou propor formas de bem-estar. De maneira geral, a preocupação passou a ser com os problemas que o crescimento da população idosa traz para a perpetuação da vida, contrapondo-o à diminuição das taxas de nascimentos. Assim, a transformação do envelhecimento em objeto do saber científico põe em evidência múltiplas dimensões, que vão além dos determinismos biológicos e que atestam que a velhice é uma construção sociocultural.

Dentro desse quadro, Debert (2012) faz crítica aos geriatras e gerontólogos que radicalizaram a ideia de construção social das gerações e atribuíram a um conjunto de práticas, crenças e atitudes a indicação de que a juventude é um bem eterno e que pode ser conquistado por todos os sujeitos, sendo possível fazer da “alta idade” uma etapa útil e satisfatória, sem decrepitudes e doenças.

Compreender o modo como o conhecimento sobre a velhice mudou, não somente por meio das pesquisas e pelos diferentes discursos dos especialistas, mas também dentro das relações sociais e na interação das pessoas, são aspectos observáveis e guiantes para verificar as formas distintas de sociabilidade, presentes no modo pelo qual a vida é periodizada. Em acordo com essas características apontadas, Debert (2012) sinaliza que a análise das categorias dos grupos etários é parte importante das investigações empenhadas em dar conta dos tipos de organização social, das formas de controle de recursos políticos e das representações sociais.

A autora também enfatiza que, em sociedades ocidentais e não ocidentais, sempre existiram parâmetros para os comportamentos adequados, direitos e deveres próprios de cada faixa etária. Em sociedades ocidentais, esses parâmetros acompanhados das transformações das idades envolveram e envolvem laços simbólicos constituintes de atores sociais e redefinição de mercados de consumo. Por exemplo, quando as reivindicações sociais das pessoas aposentadas ganharam notoriedade em contextos midiáticos ou a produção da moda no vestuário utilizou-se das categorias crianças, jovens, adultos e idosos.

Um dos pontos que também se pode observar é em relação à idade geracional ser relevante em muitas sociedades, para a família e para as

determinações de parentesco. Independentemente da idade cronológica ou estágio de vida, um pai sempre vai ser um pai, assim como um irmão é um irmão. Muitos fatores adventícios das diversas formas que organizamos nossas relações primárias e sociais pelas gerações podem ser observados em diversos contextos socializadores e ordenamento político.

Essa “institucionalização crescente do curso da vida” (DEBERT, 2012, p. 51) abarcou quase que praticamente todas as esferas do mundo familiar e do trabalho, e segue presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais, têm como meta abranger faixas etárias específicas. Como característica da própria modernidade, essa institucionalização do curso da vida, além de representar a regulamentação das sequências, constitui-se em conjunto de perspectivas e projetos, por meio dos quais as pessoas se orientam, planejam suas ações, individual e coletivamente.

As pesquisas sobre grupos de idade mostram, por um lado, que a geração, mais do que a idade cronológica, é a forma privilegiada de os atores darem conta de suas experiências extrafamiliares; por outro lado, indicam que mudanças na experiência coletiva de determinados grupos não são apenas causadas pelas mudanças sociais de ordem estrutural, mas que esses grupos são extremamente ativos no direcionamento das mudanças de comportamento, na produção de uma memória coletiva e na construção de uma tradição. (DEBERT, 2012, p. 52-53).

Mesmo em uma era informacional a experiência contemporânea apontando-nos para outra possível direção na interpretação do conceito de geração, contornando uma sequência evolutiva unilinear e levando-nos a crer que é possível escapar dos estereótipos, das normas e dos padrões de comportamento baseados nas idades, a questão etária ainda é uma dimensão fundamental na organização social.

Por mais que, atualmente, estejamos acostumados a presenciarmos os diversos discursos na nossa cultura, que consideram a velhice como uma “nova juventude” (DEBERT, 2012, p. 58) ou como uma nova etapa produtiva da vida, a questão etária sempre foi e é reiterada para apontar importantes contextos sociais determinados pela idade cronológica, como a questão da aposentadoria e tantas outras situações referentes ao papel do Estado e ao avanço etário.

As diferentes formas como a velhice passou a ser abordada na contemporaneidade revela a dificuldade central de como se desenvolve o processo de reordenamento do curso da vida, com a tendência de confundir os níveis de

maturidade e a idade cronológica. Se, por um lado, as idades ainda configuram importantes mecanismos para a instauração de mercados de consumo, na estipulação de direitos e deveres e na formação de autores políticos, no contexto vigente, foram distanciadas dos estágios de maturidade física e mental.

Nesta condição, a velhice moderna, assim identificada por Debert (2012, p. 58), é “transformada em uma responsabilidade individual”. Os discursos difundidos na sociedade, com base na ideia de autorresponsabilização, deslocam o processo de envelhecimento humano das preocupações sociais para o âmbito privado, gerando novas lógicas que orientam maneiras de convívio e práticas sociais.

Barros (2011) assevera que essas práticas e o conjunto de ideias de responsabilização do indivíduo pelo próprio cuidado e bem-estar opõem-se ao estigma da velhice, que é percebida como fim da vida, doença ou solidão. Esses dois modelos de envelhecimento coexistem hoje na sociedade como formas incorporadas nas trajetórias de vida e como referências para ação.

Por meio de novas imagens e formas contemporâneas de gestão da velhice, concebeu-se a imagem de maturidade vinculada a um quadro mais positivo. Os estereótipos e as imagens tradicionais de doença física e declínio mental são alternados por novos eventos, como a abertura de espaços para que novas experiências de envelhecimento passassem a ser compartilhadas coletivamente.

Contudo, como sugere Debert (2012), essas mudanças não são acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação às idades, sobretudo, à velhice. A característica mais marcante dessas transformações é a valorização de uma eterna juventude, que substancialmente passa a estar associada a estilos de vida e torna-se um mecanismo fundamental para a constituição de novos mercados de consumo.

Compreende-se, portanto, que o curso da vida, caracterizado como uma maneira de vivenciar as experiências etárias, dentre elas, as da velhice, é uma construção social e cultural. Existe um conjunto de significações específicas compartilhadas entre os sujeitos durante cada fase da vida, além de arranjos para lidar com as questões geracionais, conforme os contextos em que se desenvolvem.

Os argumentos trazidos por Debert (1996; 2012) demonstram como a velhice brasileira também se consolidou, ao longo do tempo, como uma construção social, congregando diferentes ações que envolvem contextos de âmbitos público e privado, instituições sociais, família, medicina, mídia, práticas de consumo e

protagonismo da própria pessoa idosa. São diversas as linhas de ações que surgiram e ainda surgem para dar conta das realidades das comunidades envelhecidas.

Essas iniciativas impactam sobremaneira nas representações sociais da velhice, ampliando os vários termos do léxico da senilidade, como a meia-idade, terceira idade, velho-jovem e tantos outros. Cada vez mais, esses termos estão presentes no cotidiano dos cidadãos e das cidadãs, e correspondem à invenção social das sequências intermediárias entre a vida adulta, a velhice e a velhice considerada mais tardia.

Essas sequências abarcaram diferentes comportamentos sociais e os estereótipos vinculados aos momentos distintos do envelhecimento, como se fosse esperado o cumprimento de um conjunto de práticas pré-estabelecidas para cada período etário. Caradec (2011) observou essas práticas em relação ao corpo das pessoas idosas.

Em seu estudo, na França, relacionou a visão que as pessoas sexagenárias e octogenárias apresentavam em relação aos seus corpos e os estereótipos e padrões estéticos veiculados pela indústria de cosméticos e pelos meios de comunicação. As representações sobre as pessoas sexagenárias apareceram menos afetadas por problemas físicos, mais eretas e com estilo jovem. Por outro lado, quando completavam 80 anos, vivenciavam o período considerado pelo autor como a verdadeira velhice ou velhice tardia, uma fase marcada por distúrbios mentais e corporais acentuados.

Caradec (2011) orienta que devemos estar atentos à maneira como as manifestações corporais contribuem para o advento do sentimento de estar envelhecendo. Ao analisar as entrevistas, ele constatou que o envelhecimento corporal ocorre a partir de três registros: do corpo orgânico, da aparência e da energia, que correspondem, respectivamente, às preocupações com saúde, beleza e a forma.

O registro do corpo orgânico tem a ver com as capacidades físicas, os limites e doenças. O registro da aparência são os sinais, como despigmentação dos cabelos e aparecimento das rugas, que remetem a uma questão mais estética. O registro da energia diz respeito à vitalidade do corpo, à fadiga e à fraqueza energética como sinais da velhice. Essa falta de energia está mais presente entre os octogenários e nonagenários, aparecendo como falta de vontade ou vivacidade.

No entanto, essas transformações corporais promoveram adaptações de existência comuns a todos os sujeitos entrevistados pelo autor. A primeira delas é a desconexão com o mundo, por causa das perdas corporais e dificuldades físicas. A ausência de bancos em espaços públicos ou o impedimento de subir no ônibus, neste caso, favorecem o aumento do coeficiente de adversidade aos ambientes materiais. A segunda é a perda de vitalidade para a realização de certas atividades, como por exemplo, encontrar os amigos. Já a terceira adaptação, é a desistência, por causa da vergonha da aparência envelhecida, tão falada e observada por outras pessoas.

Com o texto de Caradec (2011), foi possível verificar como as transformações corporais, como uma característica da velhice, impactam no cotidiano das pessoas idosas e seus arredores. Essas mudanças puderam ser categorizadas e entendidas, a partir do comportamento e representações sociais das práticas adotadas para lidar com os sinais do avanço da idade. Esse olhar mais diversificado para as questões e práticas relacionadas ao envelhecimento configura uma etapa mais recente das pesquisas sociais, que contrapõem a visão fundada por outras abordagens de que a velhice seja uma experiência homogênea.

Para Debert (2012), é a partir da década de 1970 que os estudos sobre a velhice vieram a retratar outras diferenças sociais, como classe social, etnia e gênero, considerando a hipótese da diversidade das experiências do envelhecimento. No Brasil, na década de 1990, é que as discussões sobre o papel social da pessoa idosa passaram a ter mais relevância em diversos contextos culturais.

Simões (1994) afirma que, durante esse período, o tema aposentadoria ganhou destaque nacional, depois que aposentados de todo o país se manifestaram contra o “arrocho de benefícios pagos pela Previdência Social – especialmente durante a mobilização pelos 147%, entre 1991 e 1992, quando até apanharam da polícia.” (SIMÕES, 1994, p. 01). Este cenário trouxe à tona a dimensão política da Previdência Social e a condição do processo de envelhecimento na sociedade brasileira.

Essas mobilizações ajudaram a reconstruir a imagem dos aposentados e evidenciaram o momento em que as pessoas idosas se tornaram uma “espécie de corporação, com interesses, demandas e formas de organização próprias.” (SIMÕES, 1994, p. 01). Os discursos científicos da época estavam

fundamentalmente empenhados em desconstruir as concepções de periodização da vida, reconhecidas como etapas específicas “de desenvolvimento, estabilidade e declínio” (SIMÕES, 2011, p. 121), substituindo a imagem da velhice por um novo estilo de vida, “ativo e agradável”, e com novas formas de consumo. Os atributos que marcavam a juventude em nossa sociedade foram transpostos à maturidade, vista a partir daquele período e, até os dias atuais, como uma etapa de reinvenção pessoal.

É também a partir da década de 1990 que, em nosso país, os problemas sociais, em relação ao idoso, conviveram com os programas para a chamada terceira idade. A ideia de velhice passou a ser expressa por pessoas com mais de 60 anos, “ativas”, que frequentavam centros de convivência, bailes e programas de lazer. A perspectiva sobre esta fase da vida não era mais marcada apenas pelo avanço da idade, mas por comportamentos que sugerem a “manutenção corporal, comidas saudáveis, ginásticas, medicamentos e outras formas” de convívio (DEBERT, 1999, p. 01).

Enfatizando que a idade não é um marcador pertinente de comportamentos e estilos de vida, essas manifestações tratam de divulgar uma série de receitas como técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, ginásticas, medicamentos, bailes, universidades e outras formas de lazer que procuram mostrar como os que não se sentem velhos devem se comportar, apesar da idade. (DEBERT, 1997, p. 01).

Essa forma de institucionalização crescente do curso da vida teria envolvido praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho, e esteve e está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que, cada vez mais, têm como alvo grupos etários específicos (DEBERT, 1997). É visto que, em programas destinados às pessoas idosas, por exemplo, o valor atribuído à juventude faz com que os/as participantes adotem novos estilos de vida adequados ao modelo difundido pela instituição e, conseqüentemente, passam a ter novas formas de consumo e de comportamento.

Embora essas iniciativas fossem mais conhecidas e mais divulgadas a partir dos anos 90, no Brasil, Debert (2012) afirma que os projetos empenhados em promover uma ideia de “envelhecimento bem-sucedido” surgiram, ainda, nos anos 60, sendo que os primeiros programas foram promovidos pelo Serviço Social do

Comércio (Sesc). A organização possibilitava que associados de mais idade pudessem se reunir e realizar uma série de atividades de lazer.

Nos anos 80, essas iniciativas multiplicaram em razão dos conselhos, comitês e outras organizações que começaram a ser criados de maneira organizada, em esferas Municipal, Estadual e Federal. Surgem também os programas estatais e de instituições privadas de assistência às pessoas idosas por todos os cantos do país, fomentando a preocupação com a velhice, que passou a ser um dado importante para a elaboração do plano de ação de muitos municípios brasileiros.

Em relação aos projetos nas universidades, Debert (2012) menciona que, em 1996, já existiam no Estado de São Paulo cerca de dez projetos nomeados como “Faculdades Abertas para a Terceira Idade”, com o currículo de vinte cursos livres e uma média de 300 alunos inscritos na faixa etária de 60 anos ou mais. Ainda com base nos dados aos quais a autora teve acesso, ela explica que, no Sesc, as atividades envolviam trabalhos manuais, bailes, passeios, excursões e ginástica; já nas universidades, a ênfase era maior para aulas e palestras.

Desde o surgimento, os projetos nas universidades enquadravam-se a um eixo de inovação, tendo como foco apresentar uma proposta diferente do caráter tradicional assistencialista de outras iniciativas já existentes. Basicamente, tinha-se o objetivo em comum, presente até hoje em discursos amplamente difundidos socialmente, de fornecer formas de redirecionamento da vida, no momento em que a velhice chega, tomando consciência das perdas e ganhos do ingresso na maturidade e na aposentadoria.

Cabe reiterar que as justificativas para a formulação dos objetivos dos projetos nas universidades estavam pautadas também em problemas sociais, referentes ao crescimento da população idosa, especialmente no período das primeiras décadas do século XXI. Tópicos em voga, comuns nesta etapa de surgimento, foram o desrespeito e discriminação, injustiças sociais, subemprego, subnutrição, valores sociais e incapacidade do Estado em atender às demandas da população idosa.

Com o objetivo de promover a autoestima dos idosos e lutar contra os preconceitos, representações bastante distintas sobre a velhice são acionadas pelos promotores dos programas. A dívida social que os mais jovens e a sociedade como um todo têm para com o idoso deve ser reconhecida e paga. Nesses contextos promover uma velhice bem-sucedida é uma questão de justiça social. O idoso é detentor de uma experiência única, de uma história que deve ser passada e ouvida com atenção pelos mais jovens. (DEBERT, 2012, p. 149).

As representações trazidas pelas iniciativas acadêmicas, neste contexto inicial, almejavam a criação de uma imagem mais positiva da velhice, tornando-a como um período da vida a ser vivido, “de maneira mais madura e profícua” (DEBERT, 2012, p. 149), conferindo uma nova sensibilidade em relação ao processo de envelhecimento. As pessoas idosas passaram a vivenciar novas interações, inclusive, intergeracionais e redescobrir novos interesses, a se sentirem mais estimuladas a solucionar seus problemas pessoais.

O panorama sobre os projetos para pessoas idosas nas universidades brasileiras é mais bem descrito na seção em que o projeto Envelhecimento Ativo é apresentado. Coube até aqui, destacar como essas iniciativas ajudaram a ampliar o olhar social sobre a velhice, atentando-nos para a maneira como a vivência nesses grupos estimulou a experiência de recodificação do envelhecimento.

Esse contato da pessoa idosa com o meio universitário demonstra que nossas relações sociais ainda estão pautadas por um princípio geracional e que o contato entre o jovem e a pessoa velha é um discurso recente, fruto das transformações da modernidade, que incluíram o processo de envelhecimento também nos debates e contextos acadêmicos.

O termo “terceira idade” é também reforçado neste meio para substituir a velhice, que assumiu novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer” (DEBERT, 2010). Essa nova consciência sobre as pessoas idosas surgiu, sobretudo, pelo aumento do número de aposentados. As pessoas aposentadas passaram a frequentar outros grupos e a consumir outros serviços e produtos (pacote de férias, clubes, etc.), influenciando também a reordenação das atividades em contextos educativos. Essa imagem mais moderna das pessoas idosas permitiu desconstruir estereótipos e, ao mesmo tempo, sinalizou a inserção deste grupo em espaços diversos. Como assevera Debert (2010), é:

[...] um quadro mais positivo do envelhecimento, que passa ser concebido como uma experiência heterogênea em que a doença física e o declínio mental, considerados fenômenos normais nesse estágio da vida, são redefinidos como condições gerais que afetam as pessoas em qualquer fase. (DEBERT, 2010, p. 57).

Visivelmente, os discursos difundidos em novos espaços de sociabilidade para pessoas mais velhas estão empenhados, de certa forma, em modificar as imagens culturais tradicionais associadas a homens e mulheres de mais idade. A

vida social ainda se apresenta impregnada de etarismo, e a idade é tida como um dos critérios de organização e integração social, suscitando que as pessoas adotem práticas sociais.

Mosquera e Stobäus (2012) explicam que a partir da década de 90, o envelhecimento converteu-se um tema multidimensional, sendo concebido não apenas como um processo biológico, mas também como um processo interativo, determinado por um conjunto de elementos biológicos, sociais e psicológicos.

O avanço da idade, na atualidade, revela novas formas de viver a velhice e reúne componentes comportamentais de um envelhecimento tido como ativo e saudável. Na visão de Mosquera e Stobäus (2012), a definição do envelhecimento ativo é abordado segundo uma perspectiva multidisciplinar presente em discursos biomédicos, psicológicos, sociológicos e culturais que consideram a competência de se conseguir obter o bem-estar ou a satisfação com a vida mesmo com a chegada da maturidade.

O envelhecimento pode ser considerado como um longo e contínuo processo biopsicossocial, através do qual se produzem transações mútuas entre o organismo biológico, a pessoa e o contexto ambiental. Envelhecer está em íntima relação com aquilo que a pessoa faz e com aquilo que a pessoa possui, por isso a saúde comportamental e o ajustamento físico dependem de múltiplos fatores, entre os quais encontra-se o de ter acesso e participar ativamente de um bom atendimento médico e ter bom amparo psicossocial. Complementamos afirmando que qualquer pessoa é também responsável pelos seus hábitos mais saudáveis e, conseqüentemente, em certa medida, por seu próprio processo de envelhecimento mais sadio. (MOSQUERA e STOBÄUS 2012, p. 17).

Possibilitar formas de as pessoas idosas terem mais qualidade de vida e se sentirem amparadas psicossocialmente é nitidamente uma das questões trabalhadas em projetos que almejam promover a ideia de um envelhecimento ativo. A promoção dessa ideia abrange uma dimensão educativa, da Educação em Saúde, que, para os referidos autores, deve saber discriminar as tarefas positivas para o alcance da longevidade e a imagem negativa de velhice ainda tão presente socialmente, repensando formas de abordar o processo de envelhecimento e demonstrando que um ser humano mais saudável na velhice, pode ser desejável e possível.

Partindo de uma nova abordagem de velhice, o projeto Envelhecimento Ativo é moldado, desde o momento da sua criação, por uma proposta de uma senilidade

bem-sucedida baseada em diretrizes bem definidas e que orientam suas práticas e discursos institucionais conforme o discorrido na próxima seção.

3 O PROJETO DE EXTENSÃO ENVELHECIMENTO ATIVO DA UNIVERSIDADE ABERTA À PESSOA IDOSA (UNAPI/UFMS)

Uma norma frequentemente citada em estudos sobre o envelhecimento é a Lei n.º 10.741, de 1.º de outubro de 2003 (o Estatuto do Idoso), cujo texto tem validade em todo território nacional e foi instituído para regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, sendo que, ao atingir essa faixa etária, o/a cidadão/ã brasileiro/a passa ser considerado/a, nos termos da lei, uma pessoa idosa. No que se refere à Educação, o documento determina que o poder público deve criar oportunidades de acesso, adaptando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados a essa população.

Em 15 de dezembro de 2017, a lei do estatuto foi alterada e o artigo 25 foi acrescentado, para garantir às pessoas idosas a oferta de cursos e programas de extensão pelas universidades. No entanto, a corrida para instituir propostas assim começou bem antes no Brasil. Em outro dispositivo jurídico, a Lei n.º 8.842/94, da Política Nacional do Idoso, fica estabelecido como compromisso do Estado, por meio dos órgãos e entidades públicos, “apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber.” (BRASIL, 1994, p. 01).

Os programas para a chamada “terceira idade” recebem nomes diferentes nas instituições de Ensino Superior. Assim, Eltz *et al.* (2014) constataram que a nomenclatura mais comumente utilizada por nove das 51 instituições pesquisadas é Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI).

As características dos programas mudam de acordo com a realidade de cada universidade, mediante a data de criação, número de vagas, atividades ofertadas e a quantidade de participantes. As autoras explicam que existem objetivos comuns, como: “contribuir para uma melhor qualidade de vida dos idosos, oferecendo orientação, cursos de capacitação e oportunidade de lazer e entretenimento.” (ELTZ *et al.*, 2014, p. 87). Além disso, as ações desenvolvidas devem promover a integração das pessoas mais velhas com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

Ao pensar o processo de aprendizagem apoiado em iniciativas para pessoas idosas, Gehlen e Stobäus (2019) pontuam que a aprendizagem, em contextos

gerontológicos, qualifica os indivíduos a adequar-se às diferentes demandas e circunstâncias, promovendo formas de melhorar a saúde, a adaptação às condições clínicas, a funcionalidade e o bem-estar.

Durante algumas conversas informais, realizadas no primeiro semestre de 2019, com a Coordenadora do projeto Envelhecimento Ativo, foi possível conhecer um pouco mais sobre o discurso da origem institucional. Cabe destacar que iniciativas assim, conforme estabelece Oliveira (2013, p. 79), surgem como “possibilidade de inserção da pessoa idosa em espaço educacional não formal, almejando à integração social, à aquisição de conhecimentos, à elevação de autoestima, à valorização, ao conhecimento dos direitos e deveres e ao exercício pleno da cidadania”.

Alinhado a esses princípios, o projeto Envelhecimento Ativo, vinculado ao Curso e a Clínica-Escola de Fisioterapia desde 2012, desenvolveu-se similarmente com base em outras diretrizes. Uma delas foi a Carta de Princípios para Pessoas Idosas, lançada pelas Organizações das Nações Unidas (ONU), em 1991. O documento está pautado pelos princípios de independência, participação, assistência, autorrealização e dignidade (BRASIL, 2015), e serve de base para as ações destinadas a uma nova concepção do processo de envelhecimento que vem sendo incorporada socialmente.

Nesta proposta, a senescência deixa de ser vista como uma etapa de repouso e passa a ser compreendida como uma etapa de reinvenção e ação, redefinindo-se pelos conceitos da terceira idade ou envelhecimento ativo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005), uma vida mais longa deve ser acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança. Para a entidade, o envelhecimento ativo consiste na otimização das oportunidades, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida, de modo que a pessoa idosa ainda consiga ter autonomia para participar “nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais, civis, e não somente a capacidade de estar fisicamente ativo ou fazer parte da força de trabalho.” (OMS, 2005, p. 19).

A OMS (2005, p. 19) também preconiza que as políticas de envelhecimento ativo devem reconhecer “a necessidade de incentivar e equilibrar a responsabilidade pessoal (cuidado consigo mesmo), ambientes amistosos para os mais velhos e solidariedade entre gerações”.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tem mais 208 milhões de habitantes. O levantamento da Secretaria de Direitos Humanos (BRASIL, 2015) evidencia que, em 2011, cerca de 23 milhões de pessoas tinham 60 anos ou mais. O total é 7,6% maior, se comparado ao índice de 2009. Em 2012, 810 milhões de pessoas idosas constituíam 11,5% da população global.

No início de 2010, na Região Centro-Oeste, mais de 416 mil pessoas tinham entre 60 e 64 anos e pouco mais de 84 mil tinham entre 80 e 84 anos. Neste mesmo período, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, cidade onde o projeto Envelhecimento Ativo funciona, de acordo com o Mapeamento dos Índices de Inclusão e Exclusão Social (SAUER; CAMPÊLO; CAPILLÉ, 2012), a população urbana no município, era de 776.242 habitantes.

Deste total, 381.333 pessoas eram homens e 405.464 eram mulheres. Mais de 25 mil pessoas tinham entre 60 e 64 anos e mais de 8 mil estavam na faixa etária entre 80 e 89 anos. Há uma predominância feminina nos grupos etários mais velhos. Aos 100 anos, a quantidade de homens (28) era a metade do número de mulheres (56). A população idosa na cidade era estimada em mais de 78 mil, correspondendo a pouco mais de 10%.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Mato Grosso do Sul publicou a Pesquisa do Perfil da População dos Bairros (SEBRAE, 2010). Cinco bairros concentram a maior quantidade de idosos na capital sul-mato-grossense: Centro (23,43%); Monte Líbano (21,93%); São Bento (19,84%); Jardim dos Estados (19,84%); e Amambaí (19,13%).

É na capital sul-mato-grossense que o programa, ao qual o projeto Envelhecimento Ativo está vinculado, conhecido como Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UNAPI), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), foi institucionalizado em agosto de 2018. De acordo com o *site* da instituição, trata-se de um Programa Institucional de Extensão, cujo objetivo é organizar, promover e fortalecer o desenvolvimento de ações integradas de ensino, pesquisa e extensão, que tenham como foco a valorização da pessoa idosa na sociedade e a qualificação dos serviços e das políticas sociais públicas voltadas a este segmento populacional, articulando-as de modo a explorar a natureza *multicampus* da universidade, a intersetorialidade e a interdisciplinaridade.

Atualmente, as atividades do programa são desenvolvidas em vários *campi* da UFMS, organizadas em disciplinas de Graduação presencial e em ações de

extensão, cultura e esporte, podendo participar pessoas com 60 anos ou mais. As inscrições podem ser feitas em qualquer *Campus* em Campo Grande, Aquidauana, Coxim, Naviraí, Corumbá, Paranaíba e Três Lagoas, junto às suas respectivas Secretarias Acadêmicas, sendo que, a partir de 2019, passou a ser cobrado R\$ 50 (cinquenta reais) pelo valor da matrícula. O Programa UNAPI/UFMS congrega diversos projetos destinados às pessoas idosas, inclusive, alguns que já eram desenvolvidos na universidade anteriormente ao programa.

Entre os projetos presentes nos editais da UNAPI/UFMS, existe, por exemplo, o projeto cultural do Coral, em que são ensaiadas músicas de diversos épocas e estilos, além do projeto de extensão das aulas coletivas de violão com os fundamentos do violão clássico e popular.

Hoje em dia, são mais de 300 vagas ofertadas em diversos projetos, semestralmente. Quatro eixos guiam os participantes: inclusão social; assistência; aperfeiçoamento profissional e capacitação; e Ensino, Pesquisa e Extensão. As pessoas podem inscrever-se em projetos de mais de um eixo de inserção, se assim desejarem.

Os projetos desenvolvidos nos eixos são subsidiados pelo Programa UNAPI/UFMS, tendo cada qual um coordenador da ação, responsável pela sua execução. Dentre os projetos desenvolvidos, no eixo de inclusão social, está o projeto de Extensão: “Envelhecimento Ativo: Saúde e Bem-estar para a pessoa idosa”, escolhido como objeto de investigação deste estudo, uma vez que é um dos mais antigos da universidade e serviu de referência para a concepção do Programa UNAPI/UFMS, tendo como base a Educação em Saúde e oficinas.

O projeto Envelhecimento Ativo oferece 40 vagas e disponibiliza oficinas, como: desenvolvimento da memória, prática de exercícios físicos, aprimoramento das habilidades pessoais e conhecimentos de informática. As atividades são organizadas da seguinte maneira: as pessoas idosas inscritas participam todas as quartas-feiras, das 13h30min às 15h, das iniciativas de Educação em Saúde, como as rodas de conversas com temáticas diversas e, em seguida, escolhem qual oficina participar até às 16h30min. As oficinas memória, habilidades e exercícios terapêuticos são desenvolvidas pelas pessoas extensionistas que orientam as práticas para que a pessoa idosa consiga ter capacidade de se autogerir, preservar seus movimentos e manter-se ativamente na sociedade e com seus afazeres do cotidiano. Também são promovidas atividades de Arte e Cultura, como os eventos

organizados em datas comemorativas, em alguns casos, organizados pelos próprios participantes. As quantidades de pessoas idosas participantes, extensionistas e professores podem variar semestralmente, conforme o cronograma das ações e disponibilidade de recursos. No entanto, existem pessoas idosas que já são participantes frequentes há mais de cinco anos.

Em relação à origem geográfica das pessoas idosas, todas declararam residir em Campo Grande - MS, sendo que um quantitativo expressivo está localizado em bairros próximos da universidade, como Piratininga e Parati. Por outro lado, no bairro Bandeirantes, mesmo sendo mais longe, é também onde abriga uma faixa expressiva de participantes.

Não foram obtidos os dados sobre o perfil dos/as das pessoas extensionistas do projeto. Entretanto, durante algumas idas ao projeto durante as atividades ou eventos programados no ano de 2019, foi possível constatar a participação expressiva de mulheres graduandas envolvidas com as práticas docentes, concebendo um espaço quase de universalização feminina.

O objetivo principal do Envelhecimento Ativo, como consta do edital de divulgação do UNAPI/UFMS, de resolução nº 145 de 11 de julho de 2019, é proporcionar um espaço que favorece o respeito à intergeracionalidade e onde o idoso pode ressignificar o viver, o ser valorizado, adquirir/aperfeiçoar conhecimentos, desenvolver/recuperar habilidades e competências, ser protagonista de seu processo de envelhecimento e se reinserir na sociedade (UFMS, 2019).

Acompanhando a tendência contemporânea em abordar o envelhecimento como etapa ativa, o projeto apresenta, por meio de suas práticas e discursos, o objetivo de promover um redirecionamento da representação da velhice. Por mais que seja explícita a compreensão de que é um período da vida marcado por um processo de perdas, existe a atribuição de novos significados sobre o avanço da idade, que passa a ser interpretado como um momento de busca pela satisfação e realização pessoal.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

No decorrer desta seção, será apresentado todo o processo metodológico utilizado para a realização deste trabalho, começando pela perspectiva da pesquisa qualitativa, para em seguida delinear as técnicas utilizadas e o perfil das pessoas que participaram da coleta de dados.

4.1 A PERSPECTIVA SOCIAL COMO EMPREENDIMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

As pesquisas sobre as representações desenvolvem-se no campo social, com o viés eminentemente qualitativo. Sobre a característica da pesquisa qualitativa Piatti (2018) compreende que, no campo das Ciências Humanas a proposta é entender os sujeitos e seus contextos, suas histórias, trajetórias de vida e profissão, seu cotidiano e outras questões que permeiam seus caminhos. Na investigação qualitativa, o foco é oferecer uma análise aprofundada do fenômeno, e não a quantificação do mesmo.

Minayo (2007, p. 12) conceitua que a pesquisa qualitativa “trabalha com parte da realidade social dos sujeitos, pois, as pessoas se diferem pela forma de agir, de pensar” e interpretarem suas ações inseridas em contextos específicos. Cada sociedade existe e constrói-se em um determinado espaço, organizando-se de forma peculiar e diferente de outras.

Segundo esta autora, a realidade social pode ser entendida como o seio do dinamismo da vida individual e coletiva, com toda a riqueza de significados dela transbordante. Esta pensadora assevera que o empreendimento de uma abordagem qualitativa possui teorias e instrumentos que possibilitam interpretar a diversidade de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nas representações sociais, nas expressões de subjetividade, nos símbolos e significados.

A convergência de universos do conhecimento sobre um fenômeno configura aspectos observáveis para compreender a construção de uma representação e sua relação com o contexto das interações desenvolvidas por um grupo específico. É dentro dessa dinâmica sobre as formas como esses discursos circulam no bojo social, que o conhecimento do cotidiano, do senso comum, não pode ser tido somente como uma generalização.

Conforme postulado por Flick (2013), na investigação social o conhecimento do cotidiano sinaliza respostas aos problemas de pesquisa e torna-se o ponto de partida para o desenvolvimento de uma teoria e para as fundamentações de um estudo empírico. As proposições iniciais da pesquisa social podem fornecer o entendimento de aspectos que propiciam as descrições dos campos e dos fenômenos incididos das relações públicas e particulares entre os sujeitos.

A pesquisa qualitativa estabelece para si outras prioridades, não seguindo moldada na mensuração de dados, como nas Ciências Naturais. Flick (2013) explica que, em um estudo social, são abrangidas outras complexidades com o objetivo de “descrever ou reconstruir” (FLICK, 2013, p. 23) as práticas sociais, configurando um levantamento mais representativo sobre o objeto investigado.

Nesta direção, a Teoria das Representações Sociais aparece como uma possibilidade teórico-metodológica para entender as dinâmicas subjetivas (SÁ, 1998) e as estruturas delas advindas. Alves-Mazzotti (2008) determina que a TRS pode ser um empreendimento teórico consistente para ampliar os enfoques de pesquisas em contextos educacionais, contribuindo para o aparecimento de interpretações fecundas e que evidenciem a relação entre o sujeito e seu contexto.

Na visão da autora, existem formas de conceber e de abordar as representações sociais, relacionando-as ou não ao imaginário social. Porém, é mediante as interações sociais que é possível perceber universos consensuais, “no âmbito dos quais novas representações vão sendo produzidas e comunicadas” (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 21) até se tornarem conjeturas do senso comum.

O paradigma teórico de Moscovici (1978) fundamenta-se nos constructos discursivos, no interior desses universos, que orientam a maneira como um fenômeno social é comunicado e as condutas de pertencimento a um determinado grupo onde um tipo de saber é difundido. A área educacional, assim sendo, aparece com um campo privilegiado para verificar como as representações se constroem e se modificam no interior de grupos sociais específicos, a fim de ilustrar o papel dessas construções consensuais nas relações desses grupos, com o objeto de sua representação.

A junção dos conceitos da pesquisa qualitativa em articulação com a TRS aponta ser o suporte adequado para compreender contextos diversos das gerações. Vemos que a modernidade ascende um novo debate conceitual, inclusive em contextos educativos, entorno do processo de envelhecimento

distante de uma visão biologizante, suscitando que outros marcadores sociais sejam inseridos como parte das representações, demandando ser investigados a partir de um todo discursivo.

Partindo desses pressupostos teórico-metodológicos, formulou-se a seguinte problemática de pesquisa: quais os aspectos são considerados pelas pessoas mais velhas que, participam de projetos de extensão destinados às pessoas idosas, ao apresentarem suas representações sociais de velhice?

Trata-se de uma pesquisa empírica, sob o viés qualitativo, na qual foram entrevistadas as pessoas idosas e as extensionistas do projeto Envelhecimento Ativo do programa Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UNAPI), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A pesquisa foi desenvolvida a partir da hipótese, de as informações divulgadas no projeto, seja mediante práticas educativas ou discursos institucionais, concebem uma nova ideia do processo de envelhecimento como “idoso(a)”, pautada nos princípios de auto-gestão, ativa idade e cuidados com o corpo, principalmente.

Essas informações influenciam, em certa medida, o processo de ressignificação da velhice, pois passam a fazer parte do conhecimento socializado durante das interações sociais do grupo, além de serem consideradas pelas pessoas idosas e pelas extensionistas para a estruturação de suas representações.

A estruturação metodológica desta dissertação ocorre sob os aportes teóricos das representações sociais que, na perspectiva moscoviana (SÁ, 1998), compreende como um processo que consiga dar conta da compreensão das estruturas significantes e ressignificantes que estão por trás e dentro das interações sociais de comunidades diversas. Nesse sentido, o trabalho visa atender aos seguintes objetivos:

4.2 OBJETIVOS

4.2.1 Objetivo geral

- Identificar como a velhice é significada pelos participantes da pesquisa (pessoas idosas e extensionistas) e os elementos constitutivos de suas representações sociais sobre o processo de envelhecimento.

4.2.2 Objetivos específicos

- Investigar, com base nos relatos das pessoas idosas e das extensionistas, se suas representações sobre a velhice mudaram depois do início da participação no projeto;
- Identificar como as representações/informações socializadas no projeto sobre a velhice favorecem a adoção de novos estilos de vida, por parte dos/as participantes idosos e idosas.

4.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada que, de acordo com Sá (1998), é uma técnica recorrente nos estudos das representações sociais. A entrevista, na abordagem qualitativa, é um processo em que é impossível prever todas as etapas. O pesquisador está sempre em estado de tensão, porque sabe que o conhecimento é parcial e limitado - o “possível” para ele (GOLDENBERG, 2004). O interlocutor é um agente social que tem espaço social. Ele fala a partir de um ponto que permite identificar quem é, onde está e por que fala, compreendendo assim as estruturas que não estão dadas e também entendendo que aquelas relações ocorrem dentro uma determinada estrutura.

Goldenberg (2004) afirma que, na pesquisa qualitativa, a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado ou entrevistado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, uma organização, uma instituição e os elementos das trajetórias dos sujeitos.

As entrevistas, assim como as conversas informais, no decorrer do campo, foram importantes para tentar deslindar os contextos das relações que circundam as representações de velhice, além de evidenciar especificidades nos meandros do grupo investigado e seus sistemas de referência para a formulação do conteúdo representacional.

Para subsidiar a análise e o alcance dos objetivos propostos, as entrevistas, norteadas por roteiros semiestruturados, foram realizadas junto às pessoas idosas participantes e pessoas bolsistas do projeto, todas do curso de Fisioterapia e aqui

denominadas de extensionistas. Cabe salientar, que somente a Coordenadora do Projeto Envelhecimento Ativo é tida como professora titular. Como o contato com ela foi intenso desde as formulações do esboço inicial da pesquisa, a opção por ouvir somente as extensionistas que desenvolvem a transmissão de conteúdo em atividades práticas, pareceu mais oportuna para a compreensão das representações sociais, uma vez que um contato mais distanciado com as extensionistas foi respeitado.

No primeiro semestre de 2019, por meio de conversas informais com a Coordenadora, foi possível conhecer mais sobre a realidade das atividades e os sujeitos que iriam compor os grupos de informantes da pesquisa. Durante os encontros, ela explicou como as pessoas extensionistas iniciavam o contato com o universo da velhice em disciplinas e atividades na graduação, já que todas extensionistas ouvidas e que apresentam vínculo com o projeto são costumeiramente ingressos ou egressos do curso de Fisioterapia.

Participaram desta pesquisa, portanto, as pessoas idosas matriculadas e as extensionistas vinculadas ao projeto no segundo semestre de 2019. O período em que se deu a coleta das entrevistas, entretanto, compreendeu os meses de maio a junho de 2020. Inicialmente, já estava previsto no cronograma das atividades da pesquisa de as entrevistas acontecerem em 2020, entretanto, o contato com o grupo foi iniciado em 2019, em atividades do projeto Envelhecimento Ativo e em celebração oficial de fim de ano do programa UNAPI/UFMS.

Foi solicitada mediante ofício (Apêndice B) a permissão para a coleta de dados à Coordenadora do projeto. Aos participantes, foram apresentadas as informações gerais sobre o estudo, explicando-se o caráter voluntário da participação, conforme firmado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com base na Lei n.º 196/96 (Apêndice C).

Mediante ao contexto de isolamento social, durante o curso pandêmico do Coronavírus no Brasil e em Campo Grande - MS, algumas adaptações em relação à etapa de coleta das entrevistas foram necessárias. O contato com os dois grupos (pessoas idosas e extensionistas) foi feito, exclusivamente, por meio telefônico, em cumprimento às condutas de biossegurança. Em razão do contexto adverso, o número de participantes mudou, sendo possível conversar com três idosas e um idoso, além de cinco extensionistas (quatro mulheres e um rapaz).

Inicialmente, a proposta foi ouvir oito pessoas idosas identificadas durante o campo, com mais tempo de participação no projeto, contudo, algumas desistiram de participar, alegando problemas de saúde, atribuições domésticas ou indisponibilidade. O contato virtual também exigiu certo manejo em relação ao envio dos termos assinados. Em muitos casos, foram encaminhados pelos parentes que conseguiam ter mais domínio quanto ao uso dos meios digitais.

As entrevistas, com média de duração de 30 minutos, foram gravadas com o uso do aplicativo gravador Cube ACR, disponível para a versão do sistema operacional *Android* 8.1.0, que permite iniciar a gravação automaticamente durante a ligação telefônica, armazenando no dispositivo móvel os arquivos de áudio.

Em relação ao arquivamento dos áudios, estes foram sincronizados em pastas de arquivo no Google Drive para o tratamento devido. O formato de áudio do aplicativo precisou ser transformado em MP3, facilitando a reprodução durante os momentos de transcrição. Devido ao tamanho dos áudios, a mudança de formato por meio de renderizações, acabou levando um período maior do que o previsto, inicialmente, requerendo o investimento de maior tempo para tais soluções tecnológicas.

O roteiro das entrevistas para as pessoas idosas (Apêndice D) teve 21 perguntas, objetivando analisar questões pontuais, tais como: os motivos que levaram os/as idosos/as a frequentar o Projeto, a representatividade sobre a velhice, quais as práticas cotidianas realizadas nesta fase da vida e o valor simbólico atribuído ao processo de envelhecimento. Em relação ao roteiro, para as pessoas extensionistas (Apêndice E), foram feitas 19 perguntas, questionando acerca das práticas pedagógicas adotadas, além de suas aceções sobre a velhice.

Reitera-se que a pesquisa em questão foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética: 28355019.6.0000.0021, conforme o disposto no Apêndice A. Para fins de considerações, um esquema de análise de conteúdo das falas foi traçado para a definição de categorias, sob os aportes teóricos de Bardin (2016).

4.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Como critério de inclusão para a realização das entrevistas, foram escolhidas as pessoas idosas que participam a mais tempo do projeto e, no caso das pessoas extensionistas, foram eleitas aquelas com mais tempo de permanência no envolvimento das atividades propostas.

Na perspectiva de Moscovici (1978), o conteúdo representacional está, em certa medida, relacionado com a maneira como um determinado tipo de conhecimento, sobre um fenômeno, passa do domínio dos estudiosos para o domínio comum, das pessoas em sociedade. Assim, foi levado em conta o tempo de contato com o conhecimento de velhice amplamente difundido dentro do projeto acreditando ser uma determinante relevante para a incorporação dos elementos apontados no discurso institucional ser “idoso(a)”. Por conseguinte, como uma especificidade, foi estabelecido o tempo mínimo de permanência das pessoas entrevistadas no projeto, de ao menos, um ano.

Já como critério de exclusão, não foram ouvidas as pessoas que, de maneira geral, iniciaram recentemente as suas participações. Assim, foram montados os quadros seguintes com o perfil das pessoas entrevistadas, ou seja, Idosa A, Idosa B, Idoso C, Idosa D (Quadro 3) e Extensionista A, Extensionista B, Extensionista C, Extensionista D e Extensionista E (Quadro 4). Também não são apresentadas imagens fotográficas ou ilustrações, a fim de preservar a identidade das mesmas.

Quadro 3 - Perfil das pessoas idosas entrevistadas.

NOME	SEXO	IDADE (ANOS)	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE	TEMPO DE PROJETO (ANOS)	PROFISSÃO
Idosa A	Fem.	63	Viúva	Ensino Fundamental Incompleto	8	Aposentada
Idosa B	Fem.	84	Divorciada	Ensino Fundamental	4	Pensionista
Idoso C	Mas.	74	Casado	Ensino Médio	2	Aposentado
Idosa D	Fem.	75	Casada	Mestrado	2	Aposentada

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Quadro 4 - Perfil das extensionistas entrevistadas.

NOME	SEXO	IDADE (ANOS)	CURSO	SEMESTRE	TEMPO DE PROJETO (ANOS)	FUNÇÃO
Extensionista A	Fem.	39	Fisioterapia	9.º	4	Bolsista
Extensionista B	Fem.	27	Fisioterapia	9.º	4	Bolsista
Extensionista C	Mas.	19	Fisioterapia	3.º	1	Bolsista
Extensionista D	Fem.	22	Fisioterapia	9.º	5	Bolsista
Extensionista E	Fem.	26	Fisioterapia	9.º	3	Bolsista

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

4.5 O TRATAMENTO DOS DADOS

Para o tratamento dos dados, foi utilizada a Análise do Conteúdo de Bardin (2016), que consiste em um conjunto de técnicas de análises das comunicações, com o intuito de organizar informações contidas no conteúdo das mensagens, seja no campo oral ou escrito, abrangendo aspectos léxicos ou temáticos. Moscovici (1978) pontua a técnica como uma ferramenta precisa para investigar o conteúdo de uma representação social. Além de que é a prática articulada mais comum de pesquisa, “quase o Romeu e Julieta” (SÁ, 1998, p. 86) das representações sociais.

Bardin (2016) explica que a análise de conteúdo, na atualidade, é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a conteúdos muito diversificados e de diferentes áreas do conhecimento. No campo das Ciências Humanas, a técnica possibilita determinar, por exemplo, a influência cultural das comunicações de massa em nossa sociedade ocidental.

Esta variedade de instrumentos metodológicos, segundo a autora, abrange todas as formas de comunicação, desde a análise de conteúdo de uma mensagem por meio de uma imagem ou de falas de pessoas capturadas durante entrevistas. Seja qual for o instrumento metodológico utilizado, a análise de conteúdo pretende compreender os códigos linguísticos para além dos seus significados imediatos.

A técnica de análise de conteúdo, assim sendo, tem dois objetivos. Para Bardin (2016), o primeiro deles, é o de realizar uma leitura válida das generalizações, identificando quando uma visão muito pessoal passa a ser compartilhada por um grupo maior até se tornar generalizável. Já o segundo objetivo da análise de conteúdo, é enriquecer a leitura dos conteúdos e das estruturas que

confirmam o que se procura demonstrar a propósito das mensagens. Ou seja, esclarecer os elementos de significações suscetíveis de conduzir a descrição de mecanismos de um determinado fenômeno que não era conhecido anteriormente em uma determinada cultura ou grupo social.

Nos termos desta autora, ainda podemos dizer que a análise de conteúdo apresenta duas funções. A função de enriquecer uma análise qualitativa, aumentando a propensão para a descoberta do conteúdo de uma mensagem e a função de “administração de prova” (BARDIN, 2016, p. 35) que, através de uma verificação sistemática, pode-se averiguar o sentido de uma confirmação ou de uma informação. As duas funções coexistem de maneira complementar durante a realização da análise de conteúdo, independentemente dos tipos das mensagens que serão exploradas.

Partindo das hipóteses de uma pesquisa, dá-se início a uma análise de conteúdo, por meio de instrumentos metodológicos mais apropriados ao contexto de uma determinada investigação. Após a coleta das informações, os códigos linguísticos e as mensagens são revistos, relidos ou reinterpretados até este conteúdo ser sistematizado com uso de técnicas específicas, como uma lista de categorias, quadros, matrizes ou modelos. Bardin (2016) afirma que a análise de conteúdo é marcada por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto como é o das comunicações, portanto, os procedimentos de análise podem ser bastante diversos.

Contudo, a autora postula domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo que abrangem maneiras distintas de como uma mensagem é codificada, seja por meio oral e escrito, por meio de imagens e ícones ou até através de outros códigos semióticos como cheiros, músicas e objetos diversos. Além disso, cabe considerar a quantidade de pessoas implicadas na comunicação, podendo ser desde uma pessoa como em um monólogo, uma comunicação dual em um diálogo, um grupo restrito ou a comunicação de massa desempenhada por veículos da imprensa, exposições, discursos presentes na televisão, cinema ou rádio e por fim, a comunicação icônica que, exemplificado pela autora, pode ser a sinalização urbana, monumentos e etc.

Deve-se, portanto, compreender o contexto de comunicação do campo da pesquisa, onde os sujeitos pesquisados compartilham suas falas e códigos orais. Por meio da análise do conteúdo das mensagens é possível fazer proposições para

descrever os conhecimentos e visões de mundo das pessoas e entender mais sobre o contexto em que as comunicações de um determinado grupo se desenvolvem.

Levantar tais proposições durante a análise de conteúdo é um procedimento definido por Bardin (2016) como inferência. As inferências ou deduções lógicas em relação ao conteúdo das mensagens ajudam a responder algumas questões problemáticas, exemplificando o que levou a formulação do conteúdo da mensagem, suas causas, seus aspectos antecedentes e as suas consequências, o que ela pode provocar e os seus efeitos.

Para tanto, é preciso considerar algumas dinâmicas durante o processo de inferência. Uma dinâmica importante é a procedência, ou seja, a situação em que o emissor da mensagem se encontra e as associações subjacentes que foram feitas por ele no momento em que elaborou a mensagem. A outra dinâmica é a forma como o destinatário recebeu a mensagem. Sendo possível, a partir destas duas dinâmicas, observar as condições de produção da comunicação e suas variáveis (condições psicológicas do emissor ou contextos sociais e culturais).

Em certa medida, isso implica dizer, nas definições de Bardin (2016), que a interpretação feita por um analista de conteúdo não é somente uma leitura “à letra”, ao que está escrito ou ao que foi dito, esta interpretação também deve realçar um sentido que figura em segundo plano. De modo a decifrar significados que levem ao entendimento de novos significados, novos fenômenos e novos conhecimentos.

Cabe ao analista de conteúdo criar um conjunto de operações analíticas mais ou menos adaptados à natureza do material pesquisado e à questão que se procura resolver com a sua pesquisa. Entre as técnicas de análise de conteúdo apontadas pela pensadora, como frequentemente utilizadas consta a análise de entrevistas e que se aplica a esta pesquisa.

Bardin (2016) salienta que, durante uma entrevista, a fala da pessoa entrevistada é espontânea, porém, orquestrada pela pessoa entrevistadora, quem irá elaborar as perguntas e de certa forma, irá conduzir o diálogo. No decorrer de uma entrevista, muita subjetividade da pessoa entrevistada está em jogo, sendo possível identificar “seus sistemas de pensamento, seus processos cognitivos, seus sistemas de valores e de representações, a sua afetividade, e a afloração do seu inconsciente” (BARDIN, 2016, p. 94). A pessoa entrevistada, desde o primeiro momento da conversa com a pessoa entrevistadora, consegue ir demonstrando sua estrutura temática, sua lógica pessoal e generalidades.

Todos estes aspectos supracitados, presentes nos discursos das pessoas entrevistadas, devem ser considerados durante a análise de conteúdo de uma entrevista. Após a transcrição de uma entrevista, Bardin (2016) também posiciona que, a leitura de uma entrevista não deve ser feita “normalmente” e deve ser acompanhada de questões como: “O que está dizendo esta pessoa realmente? Como isso é dito? Que poderia ela ter dito de diferente? O que ela não diz? Como as palavras, as frases, as sequências se encadeiam em si? Qual a lógica discursiva do conjunto? Será que posso resumir a temática de base e a lógica interna específica da entrevista? etc.” (BARDIN, 2016, p. 99). Tais questões, de acordo com a autora, ajudam no processo de decifração da mensagem e, por isso, nortearam a análise de conteúdo das entrevistas dos sujeitos ouvidos nesta perquirição.

Tendo como referência as mensagens das falas destes sujeitos, foi possível realizar uma descrição objetiva do conteúdo e sistematizar as categorias a fim de entender o conteúdo manifesto das comunicações em reflexão conjunta com o conteúdo teórico da dissertação. A partir do processo inferencial, sugerido pela autora, efetuou-se a apreciação das falas e as descrições categóricas da pesquisa, alicerçadas no conteúdo representacional dos sujeitos entrevistados acerca da velhice.

Na sequência foi realizada uma análise temática que, como defende Bardin (2016), é uma divisão em alguns temas principais em relação ao conteúdo presente nas falas das pessoas entrevistadas. Através desta análise temática, foi possível identificar repetições, organizar a lista de categorias e seus códigos gerais que subsidiaram a escrita dos resultados e das considerações finais. As seis categorias apresentadas na seção 5, foram formuladas a partir da análise de conteúdo das falas das pessoas entrevistadas, após as transcrições e uma leitura atenta, sublinhando as informações relevantes para um eventual recorte de ideias que as pessoas entrevistadas revelaram relacionadas ao processo de envelhecimento.

Bardin (2016) estabelece três fases para a organização de uma análise de conteúdo. Sendo elas a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Na fase de pré-análise é realizada uma sistematização das ideias iniciais e que irá conduzir o desenvolvimento das operações sucessivas.

Basicamente, é quando se define a escolha do conteúdo que será analisado, a formulação da hipótese, dos objetivos e de indicadores que possam fundamentar a

interpretação final. Também ocorre, na fase de pré-análise, a preparação do material, que no caso das entrevistas, a autora indica para que sejam digitadas e lidas cuidadosamente de modo a identificar os códigos linguísticos que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens.

Já na fase de exploração material, explora-se o conteúdo capturado e às operações de codificação, como a elaboração de categorias, que possibilitam identificar os trechos que merecem ser destacados durante a terceira fase. Na fase de tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, os dados brutos são tratados de maneira a serem significados, revelando as informações fornecidas pela análise, propondo inferências, novas interpretações sobre o conteúdo analisado e as confrontações com o referencial teórico.

Tomando como exemplo as fases de organização da análise de conteúdo propostas por Bardin (2016), foi possível aplicá-las no decorrer da pesquisa durante a análise do conteúdo das entrevistas realizadas com as pessoas idosas e as extensionistas, conforme o disposto em cada fase a seguir.

5 AS DISCUSSÕES SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA

As discussões sobre os resultados da pesquisa empírica estão divididas em duas partes. Na primeira parte é apresentada a organização da análise de conteúdo conforme o proposto por Bardin (2016) e, na segunda parte, a análise prossegue com as discussões em relação às seis categorias identificadas.

5.1 A ORGANIZAÇÃO DAS FASES DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A organização das fases da análise de conteúdo está baseada nas entrevistas realizadas e na ordem das fases a seguir. Na primeira fase, a de pré-análise, são apresentadas as duas unidades principais “velhice” e “idoso(a)” de recorte da análise de conteúdo em relação às representações sociais de velhice. Na segunda fase, a de exploração do material, foi possível identificar os códigos linguísticos das pessoas entrevistadas, agrupados nas duas unidades principais e que fundamentaram a elaboração das seis categorias. E por fim, na terceira fase, é explicado o processo que levou à interpretação das seis categorias, permitindo fazer as inferências sobre como a velhice é socialmente representada pelos participantes da pesquisa.

5.1.1. A pré-análise

Em um primeiro momento, com base nas entrevistas, foi possível constatar outros termos do léxico da velhice e que aparecem nas falas das pessoas idosas e das extensionistas quando declararam as suas visões sobre esta fase da vida. Neste contexto, se sentir uma “pessoa idosa” ou utilizar o termo “idoso(a)” surgiu como uma referência a um período de existência mais proveitoso, mesmo com o avanço da idade, marcado pela aquisição de novos conhecimentos e de novos comportamentos, como forma de tornar a velhice uma experiência “mais positiva”.

Durante a transcrição e leitura atenta das entrevistas, foi possível constatar como “velhice” e “idoso(a)” são os códigos linguísticos que mais se aproximaram durante a formulação das representações sociais de velhice e, por isso, foram escolhidos como as duas unidades principais durante o recorte para a análise de conteúdo, levando-se em conta a questão problema e os objetivos da pesquisa.

Entre as pessoas idosas, ser velho remete a um período da vida de estagnação, às dores no corpo, à incapacidade de ir e vir e de perdas da memória e de cognição. Já ser idoso(a) tem a ver com a capacidade de ainda conseguir aprender coisas novas, com o fato de conseguir lidar com as adversidades do avanço da idade e, conseqüentemente, ter mais autonomia.

Entre as extensionistas prevalece a representação de velhice relacionada com as perdas funcionais e corporais. A velhice é enxergada por um viés mais biológico, como uma fase da vida em que a deterioração do corpo é esperada como parte de um processo natural do viver. O termo “idoso(a)” aparece para as extensionistas ligado a um contexto mais social de velhice, quando a pessoa mais envelhecida, mesmo nesta condição, consegue ainda desempenhar suas atividades do cotidiano, tendo mais independência para continuar exercendo seu papel como cidadã.

Assim, a partir da construção das duas unidades principais: velhice e idoso(a), foi possível agrupar os discursos e as respostas dos participantes da pesquisa obtidas durante as entrevistas. Este agrupamento categórico, apresentado no Quadro 5, foi diferenciado para as pessoas idosas e para as extensionistas, sendo possível identificar algumas ideias em comum e algumas contradições.

Quadro 5 – Aspectos norteadores das duas unidades principais da pré-análise.

<p>Problema de pesquisa: quais os aspectos são considerados pelas pessoas mais velhas que, participam de projetos de extensão destinados às pessoas idosas, ao apresentarem suas representações sociais de velhice?</p>	
<p>Objetivo geral da pesquisa: Identificar como a velhice é significada pelos participantes da pesquisa (pessoas idosas e extensionistas) e os elementos constitutivos de suas representações sociais sobre o processo de envelhecimento.</p> <p>Objetivos específicos da pesquisa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Investigar, com base nos relatos das pessoas idosas e das extensionistas, se suas representações de velhice mudaram depois do início da participação no projeto; • Identificar como as representações/informações socializadas no projeto sobre a velhice favorecem a adoção de novos estilos de vida, por parte dos/as participantes idosos e idosas. 	
<p>Aspectos do agrupamento categórico das unidades principais</p>	
<p>Pessoas Idosas</p>	<p>Extensionistas</p>

<p>Velhice: fase da vida de declínio corporal, estagnação, desocupação e perda de memória.</p> <p>Idoso(a): pessoa com capacidade de aprender, de se movimentar e continuar exercendo suas atividades normalmente na sociedade</p>	<p>Velhice: fase da vida de perdas corporais condizentes ao avanço da idade biológica.</p> <p>Idoso(a): pessoa com capacidade de contornar as adversidades do avanço da idade biológica e assim continuar sendo ativa cotidianamente.</p>
<p>Pontos em comum:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A velhice é significada pelas Pessoas Idosas e pelas Extensionistas como uma fase da vida expressivamente marcada pelas perdas das capacidades funcionais; - As representações de velhice mudaram entre as Pessoas Idosas e Extensionistas por motivos diferentes. Para as Pessoas Idosas foi mais em razão de novos conhecimentos adquiridos com a participação no projeto e, para as Extensionistas, foi em razão do aprendizado sobre a velhice em uma perspectiva mais social, além dos aspectos biológicos; - As Pessoas Idosas e as Extensionistas reconhecem a capacidade de “idosos(as)” de aprender novos conhecimentos por meio da participação no projeto; - Para as Pessoas Idosas e para as Extensionistas as informações socializadas no projeto favorecem um estilo de vida como idoso(a), que reflete saber conviver com o avanço da idade de maneira mais positiva, habilitado(a) para dar prosseguimento à vida, aos afazeres do cotidiano e assim exercer socialmente seu papel como cidadão(ã). 	
<p>Pontos de contradição:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os elementos constitutivos das representações de velhice não mudaram totalmente após a participação no projeto, sendo que ainda existe uma visão estigmatizada sobre esta fase da vida especificamente entre as Pessoas Idosas; - As diferentes visões de mundo em relação ao processo de envelhecimento são consideradas pelas Pessoas Idosas e pelas as Extensionistas em conjunto com os conhecimentos adquiridos por meio do projeto e na convivência no interior do grupo e, assim, interferem nas representações sociais de velhice; - Instaura-se no interior do grupo, tanto entre as Pessoas Idosas e as Extensionistas, duas visões relevantes em relação às representações de velhice. A primeira visão é a de velhice como uma etapa de declínio corporal, não aceita e que causa aversão. A segunda visão é a velhice substituída pelo termo “idoso(a)”, remetendo a um novo estilo de vida que reúne os elementos tidos como mais positivos do avanço da idade. 	

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Conforme o exposto no Quadro 5, na fase de pré-análise, foi possível estabelecer os pontos em comum e de contradição das pessoas idosas e das extensionistas a partir das duas unidades principais de referencial categórico. Sendo

admissível fazer as aproximações das representações sociais de velhice a partir das visões de “velhice” e de “idoso(a)”.

Nitidamente, existe um agrupamento de ideias mais positivas de velhice vinculado a um novo estilo de vida, como um(a) idoso(a) e não mais como velho(a). Como se os conhecimentos adquiridos com a participação no projeto propiciassem se tornar uma “pessoa idosa” com a possibilidade de ser mais sociável mesmo que estando em idade avançada.

Assim, recaí sobre a unidade “velhice” as ideias mais negativas como o declínio corporal, a desocupação advinda da aposentadoria, a perda de prestígio social e a estagnação. Tais perspectivas estão presentes nas falas das pessoas idosas e das extensionistas, sendo, portanto, um guia para o momento de exploração do material.

5.1.2. A exploração do material

No segundo momento, após ter estruturado o conteúdo das falas dos sujeitos entrevistados em duas unidades principais de análise, foram realizadas leituras sucessivas e minuciosas das entrevistas transcritas em busca da elaboração das categorias.

No Quadro 6 é demonstrado o processo de exploração das entrevistas de onde emergiram as seis categorias e os códigos linguísticos identificados atinentes às duas unidades principais. Sendo que a unidade “velhice” apresenta os elementos de uma dimensão mais negativa do avanço da idade, detectando as categorias Aposentadoria, Declínio corporal e Estigma.

Já em relação à unidade “idoso(a)”, existe uma dimensão mais positiva representada por aspectos que compõem as categorias Autogestão da pessoa idosa, Socialização e Intergeracionalidade.

Quadro 6 – O processo de exploração das entrevistas com as pessoas idosas e com as extensionistas e as categorias emergidas.

Unidade Velhice (dimensão dos aspectos negativos)	
Categorias	Códigos linguísticos identificados nas entrevistas
1. Aposentadoria	“mais parado”, “só um salário-mínimo”, “aposentadoria”, “depressão”.
2. Declínio corporal	“desequilíbrio”, “queda”, “cair”, “adaptar”, “desânimo”, “não tenho mais força”, “quebrado”, “cirurgia”, “doença”, “ficar parado”, “passar mal”, “medo”, “dor”, “descontrole”, “remédio”, “limitações”.
3. Estigma	“aquele que não morreu”, “que não precisa mais”, “sapato velho”, “não quer mais”, “nunca pensei”, “condição natural do ser humano”, “muito peso”, “desprezo”, “isolamento”, “avanço da idade”.
Unidade Idoso(a) (dimensão dos aspectos positivos)	
Categorias	Códigos linguísticos identificados nas entrevistas
4. Autogestão da pessoa idosa	“autoestima”, “cuidados”, “autonomia”, “independência”, “movimento”, “prevenir”, “demonstrar que são capazes”, “capacidade”, “não ficar parado”.
5. Socialização	“bater papo”, “ajuda”, “exercícios”, “interação”, “sair”, “compromisso”, “atividade”, “socializando”, “participação”, “aprender”.
6. Intergeracionalidade	“acompanhar”, “atenção”, “convivência com os jovens”, “participar”, “conhecimento”, “carinho”, “transmitir a informação”, “suporte”.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Na exploração do material, identificou-se que na unidade velhice existe uma representação mais negativa do processo de envelhecimento e na unidade idoso(a) há uma referência aos aspectos mais positivos. Em ambas as unidades os códigos linguísticos foram extraídos de trechos elaborados pelas pessoas idosas e pelas extensionistas ao longo das entrevistas, ratificando que os aspectos de cada unidade são baseados nas visões dos participantes da pesquisa e determinaram a definição das seis categorias.

Nesse sentido, a partir das seis categorias observadas foi praticável progredir com o terceiro momento da pesquisa, assim dizendo, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

5.1.3. O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação

O terceiro momento consiste em uma análise dos dados que permite a elaboração de inferências e a interpretação do fenômeno pesquisado, que no caso, é a velhice, ponderando o todo simbólico que ajuda a indicar as representações sociais de velhice das pessoas idosas e das extensionistas.

Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) ao estudarem as representações sociais do envelhecimento, salientaram que o objetivo de uma análise a partir da perspectiva teórica de Serge Moscovici, é priorizar o conteúdo das representações buscando destacar os aspectos mais relevantes e centrais da conceituação de velhice.

Como parte desse processo de destaque é sugerido por Moscovici (1978) que se considere a dimensão de atitude, que retrata as orientações positivas ou negativas em relação ao objeto socialmente representado. Assim, tomando também por base os aspectos positivos e negativos das unidades principais, operacionalizou-se a discussão sobre as construções categóricas alicerçadas a partir das entrevistas e dos objetivos da pesquisa, vide o tópico de discussões sobre as categorias seguinte.

5.2 AS DISCUSSÕES SOBRE AS CATEGORIAS

As discussões sobre as seis categorias identificadas durante a organização da análise de conteúdo são apresentadas respeitando a sequência posta na fase de exploração do material. As categorias Aposentadoria, Declínio corporal e Estigma estão relacionadas com a unidade “velhice” e as categorias Autogestão da pessoa idosa, Socialização e Intergeracionalidade são referentes a unidade “idoso(a)”. Em cada categoria são apresentados os trechos das falas das pessoas entrevistadas confrontando, principalmente, com as leituras das seções teóricas e possibilitando fazer inferências sobre as representações sociais de velhice.

5.2.1 Aposentadoria

A aposentadoria é uma categoria muito presente na representação sobre o processo de envelhecimento e foi mencionada em diversos contextos pelas pessoas idosas entrevistadas, sobretudo para relatar como este benefício interfere em suas experiências do cotidiano.

A conquista da aposentadoria é um aspecto importante para a maioria destes sujeitos, uma vez que, em suas concepções, dispor de recursos financeiros durante a velhice permite ter autonomia, mesmo que, aposentar-se acarrete a diminuição do convívio social por causa da saída do universo do trabalho. No discurso de uma das interlocutoras, o fato de ter conseguido se aposentar com um baixo salário a coloca em situação de dependência da filha, que a ajuda com o custeio das despesas de moradia. A Idosa argumenta: “É bem assim: eu, na verdade, moro sozinha e aí tenho uma filha, que tem vez que ela vai almoçar comigo, e ela paga o aluguel para mim, porque a minha aposentadoria é só um salário mínimo”. (Idosa A).

De acordo com Veras (1999, p. 43), a aposentadoria é um aspecto da velhice que merece destaque, pois marca a passagem de um período ativo “para outro sem motivações, objetivos e reconhecimento social”. Há uma diminuição do padrão de vida e a exteriorização física do envelhecimento, que acarretam “perdas acentuadas do *status* social e financeiro do indivíduo” (VERAS, 1999, p. 44).

A saída do mercado de trabalho é um marco que atinge igualmente homens e mulheres na velhice. De uma maneira geral, entre as pessoas idosas entrevistadas, o trabalho é lembrado como um período de utilidade, quando eram requisitados/as e tinham de tomar decisões consideradas mais importantes. A aposentadoria aparece no discurso de um entrevistado idoso como um período atribuído à inutilidade, pois, enquanto trabalhava ele conseguia ser mais ativo.

A vida, para mim, é boa - sempre foi e é. A idade, quando eu era novo, era uma coisa. A gente tinha uma outra perspectiva, a gente tinha um outro trabalho, tinha uma outra visão. Agora, a gente está tendo que ficar ativos, tendo que ir buscando viver melhor. Muda, porque fica mais parado. Antes de aposentar, eu agitava muito, trabalhava, corria para baixo e para cima. (Idoso C).

Na fala do Idoso C, a frase “a idade, quando eu era novo” reforça o ideal de juventude de se conseguir ter mais atividades quando mais jovem e porque ainda participava do universo do trabalho. Na visão dele, para contornar a estagnação

durante a velhice, uma vez que já se aposentou e não trabalha mais, foi necessário buscar formas de se manter ativo e de viver melhor.

O universo do trabalho está relacionado fortemente com um período de vida em que era mais jovem, quando as possibilidades para ganhos financeiros eram melhores e podia exercer propriamente o papel de provedor da família. Nas entrelinhas dos seus dizeres, ele, por vezes, combinou o período da sua juventude com as representações de que conseguia se movimentar com facilidade e ser reconhecido pelo trabalho que desempenhava. Na velhice este reconhecimento, devido à sua ocupação profissional, desaparece com o avanço da idade, levando a uma sensação de desprestígio social.

Se para o Idoso C a aposentadoria está relacionada a um período de inatividade durante a velhice, devido à perda das atividades laborais, para uma das idosas entrevistadas, a aposentadoria tem uma outra representação social no processo de envelhecimento. Foi um momento mais planejado na vida e ansiosamente aguardado, como ela mesma pôde relatar:

Eu trabalhei muito para chegar - fiz concurso público – para que no final, quando me aposentasse, eu tivesse o que ganhasse e que me desse condições de levar uma vida tranquila. Eu quero ter tranquilidade, poder viajar quando eu quiser. Vamos supor, tem uma festa - minhas famílias moram todas sós - se há um casamento, tenho condições de ir na festa, poder viajar, isso que eu quis e consegui, graças a Deus (Idosa D).

A maneira como a Idosa D se preparou para a fase de aposentadoria, pensando em suas condições financeiras e a realização de vontades futuras, demonstra o quanto as mulheres idosas estão mais dispostas a estabelecer projetos de vida e a driblarem as adversidades que surgem em razão do envelhecimento do corpo, enfermidades, solidão ou dificuldade financeira. Foi possível perceber durante o campo da pesquisa que a participação no projeto é tida, por elas, como uma nova iniciativa para não quererem ficar paradas ou sem ocupação mesmo que não estejam mais inseridas no mercado de trabalho.

Cabe destacar também que a maioria das entrevistadas idosas desempenham suas atividades laborais relacionadas ao campo doméstico, tendo trabalhado como donas de casa e sem remuneração. Somente em alguns momentos de suas vidas, “trabalharam para fora”, vendendo itens que produziam por meio de práticas culinárias ou de costura. A chegada da aposentadoria, para elas, representa um recurso financeiro disponível que as permitem investir em novas

atividades, gerir despesas domésticas e ter gastos que anteriormente não lhes eram possíveis.

Conforme postulado por Debert (2012), o contingente cada vez maior de pessoas aposentadas ao redor do mundo fez com que, ao longo do século XX, muitas pesquisas viessem a tratar a aposentadoria como uma questão relevante vinculada ao processo de envelhecimento. Na visão da autora, esses estudos apontam como a aposentadoria foi abordada em diversos momentos da história até a contemporaneidade quando a ideia de aposentadoria ativa se opõe a uma visão tradicional de estagnação.

O conceito de aposentadoria ativa, conforme a autora explica, surge em razão do crescente número de beneficiários, principalmente a partir da década de 70 e como forma de criar uma nova linguagem para o tratamento das pessoas idosas aposentadas. Na medida em que as pessoas aposentadas vivem mais e dispõem de recursos financeiros e tempo livre, novos mercados vão surgindo para atender às demandas deste público com mais de 60 anos de idade.

Socialmente, os signos do envelhecimento foram invertidos e passaram a assumir novas designações, como por exemplo, “nova juventude” ou “idade do lazer” (DEBERT, 2012, p. 61). Neste contexto, a aposentadoria também ganhou outro significado e deixou de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e recreação. Esta representação social mais recente sobre a aposentadoria acompanha os cuidados culturais e psicológicos das pessoas idosas na atualidade e que, de acordo com Debert, servem de base para a formulação de iniciativas que tentam integrar socialmente a população idosa, em diversos contextos, como na universidade ou grupos de convivência.

As pessoas idosas da pesquisa iniciaram a participação no projeto sob o argumento de se manterem ocupadas, pois na velhice, depois de aposentadas, conseguem ter mais tempo livre e querem adquirir novos conhecimentos que as ajudam a compreender esta etapa da vida como uma etapa em movimento.

As pessoas idosas ouvidas reconhecem a iniciativa do projeto Envelhecimento Ativo como uma forma de promover o bem-estar e a inserção da pessoa envelhecida, apesar das adversidades decorrentes do avanço da idade e das limitações físicas, habilitando-as para se sentirem integradas socialmente e exercerem a cidadania. Um aspecto significado como positivo é o fato de o projeto

possibilitar o aprendizado contínuo para seguir a vida com mais qualidade para se manterem socialmente mais engajadas, mesmo com a saída do mercado trabalho.

5.2.2 Declínio corporal

A dimensão dos cuidados com o corpo aparece como um relevante aspecto das representações sociais das pessoas entrevistadas sobre o processo de envelhecimento. O desenvolvimento de doenças com o passar dos anos e o avanço da idade exigem delas novas adaptações frente às limitações corporais. Nesse sentido, a ideia de “envelhecer bem” está relacionada com a capacidade de lidar, sobretudo, com o declínio corporal e as perdas funcionais.

Em muitos casos, as pessoas idosas disseram ter aprendido a conviver com os sintomas de algumas doenças ao longo do tempo. Na medida em que a idade foi avançando, estes sintomas se intensificaram e novos comportamentos foram requeridos para tentar contornar as dificuldades. No caso da Idosa A, ela aprendeu a ter mais cuidado ao se deslocar e explica:

Como eu vou explicar? Eu tenho que ter muito cuidado. Eu levo a minha vida normal, mas eu tenho que ter muito cuidado, tenho que prestar atenção onde eu piso. Eu não posso andar muito com a cara para cima, tenho que olhar onde piso, porque eu posso perder o equilíbrio e cair. Mas tudo bem, eu tive que me acostumar, tive que adaptar com isso. Foi difícil? Foi. E aí, no que eu entrei nos projetos, para mim, foi muito bom. (Idosa A)

O fato de a Idosa A encontrar uma maneira para conviver com as suas limitações, continuar tocando a sua vida e participando do projeto são situações supervalorizadas por ela, em seu cotidiano. A necessidade de controlar os movimentos do corpo e a capacidade de manter o equilíbrio fazem parte da construção social e cultural de uma imagem mais positiva da velhice, marcada, na atualidade, por pessoas que conseguem lidar com os fenômenos da doença física e do declínio mental.

Coloca Debert (2012) que a perda de controles do corpo é que leva a estigmatização das pessoas idosas e serve de base aos estereótipos negativos, muito embora este conjunto de perdas tenha sido fundamental para legitimar os direitos sociais da população envelhecida. Por outro lado, a imagem mais positiva da

velhice, nos termos da autora, trata de enfatizar os ganhos que o avanço da idade traz, sugerindo, através de diversas iniciativas para o público idoso, que é possível se preparar e conservar um corpo jovem e em movimento mesmo durante o último estágio da vida.

Veras (2009) pontua que o prolongamento da vida é uma aspiração de qualquer sociedade, porém, só pode ser considerado uma realidade na medida em que iniciativas e políticas para as pessoas idosas agreguem qualidade de vida aos anos adicionais vividos.

Para assegurar a qualidade de vida, tais iniciativas precisam ponderar a capacidade funcional e a necessidade de autonomia na velhice. Além de possibilitar a atuação em vários contextos sociais e promover a elaboração de novos significados para a vida na idade avançada.

Na explicação de Veras (2009), o crescimento da população idosa no Brasil, ocorrido nas duas primeiras décadas dos anos 2000, trouxe uma série de questões cruciais para os gestores e os pesquisadores dos sistemas de saúde, constatando como este crescimento afeta a sociedade como um todo e evidencia o contexto de acentuada desigualdade social e fragilidade das instituições.

Neste quadro de uma população cada vez mais longeva surgiram enfermidades complexas e que exigem tratamentos onerosos, como o caso das doenças crônicas, que persistem por anos, ordenam cuidados constantes e medicação contínua. Conseqüentemente, essas doenças, que segundo Veras (2009) são próprias do envelhecimento, ganharam mais expressão na sociedade brasileira nos últimos anos.

Associada à ideia de cuidado e o lidar com as conseqüências das doenças na velhice, o projeto Envelhecimento Ativo trabalha com o foco na prevenção de doenças e na habilitação das pessoas idosas. Assim, elas aprendem a como manejar as mudanças do corpo, restabelecer a mobilidade e passam a ter mais disposição e autonomia para encarar os desafios diários.

As adaptações com a rotina aparecem nas propostas de conteúdos ministrados em atividades do projeto, incentivando a adoção de novas práticas sociais e estilos de vida durante a velhice. A aquisição de itens de segurança, o cuidado com medicamentos, a maneira de lidar com uma limitação corporal, se tornam tópicos debatidos e comuns entre os sujeitos dentro e fora do grupo. O conhecimento institucionalizado a respeito de práticas saudáveis é ressignificado e

apropriado fazendo com que as pessoas idosas adotem hábitos de consumo e até uma nova mentalidade sobre essa fase da vida. Assim, a Extensionista B menciona como estes novos ensinamentos são transmitidos às pessoas idosas: “Atualmente trabalha tanto a parte cognitiva, a parte de saúde física e a parte de interação mesmo, social”. Já entre as pessoas idosas, em geral, estes novos ensinamentos são interpretados como uma nova consciência sobre a velhice, além dos aspectos físicos, contribuindo para estabelecerem outras interpretações e se sentirem mais libertas, como relata a idosa A.

Minha mudança foi uma mudança física e mental. A minha cabeça, hoje, é outra. Eu vejo as coisas diferentes de antes, que eu não fazia nada. Hoje, eu consigo ver as coisas... como vou te falar? Eu vejo as coisas mais aberta. Antes, parece que minha vida era só em função de estar ali dentro de casa, fazendo serviço de casa. Hoje, não. Através do projeto parece que eu me libertei. (Idosa A).

A liberdade mencionada pela Idosa A está relacionada ao fato de ter sido ensinada a lidar com as adversidades do avanço da idade, que a permitiu ter uma mudança de consciência de vida, enxergando aspectos além da esfera doméstica que estava mais acostumada. O conhecimento institucionalizado, tido como científico e divulgado dentro do projeto a possibilitou ressignificar suas ocupações, adotando uma nova postura com muito mais autonomia.

Em relação à abordagem desenvolvida durante os trabalhos dentro do projeto Envelhecimento Ativo, existe uma ênfase na prevenção da capacidade funcional compreendendo os aspectos biológicos e sociais da velhice. Jodelet (2009) afirma que as representações sociais e as Ciências Sociais apresentam uma importante contribuição para o tratamento cultural das questões relativas à vida corporal.

De acordo com Jodelet (2009), muitos discursos presentes em nossa sociedade ocidental e que orientam as práticas privadas e institucionais tomam por base as concepções do corpo como um símbolo natural e a saúde como uma significante social.

Ou seja, os sistemas de interpretação da saúde e que organizam as práticas simbólicas sociais se referem não apenas à medicina e à doença, como também às questões sociais do trabalho, da educação, da família permitindo estabelecer lógicas e sentidos à vida cotidiana das pessoas. Entre as Idosa A e Idosa D fica evidente como os novos conhecimentos em relação à velhice, adquiridos dentro do projeto,

são incorporados em ações diárias para lidar com as limitações físicas e as ajudam a formular aprimoramentos constantes. Assim elas relatam:

Acho que ali a gente aprende muita coisa, como nas palestras sobre saúde. Então, a gente aprende até como o seu dia-a-dia, dentro das suas casas, até as coisas que você tem que se adaptar dentro da sua casa, que nem o banheiro - tem que ser um banheiro adaptado para você não ter problemas, não escorregar, não cair - você aprende tudo isso, começa até dos tapetes nas portas. (Idosa A).

Os conhecimentos que eu adquiri mais mesmo foram sobre a questão de remédios, de como tomar os remédios certos, como era; e a dúvida sobre as doenças também, que foi falado. Inclusive, eles falaram também sobre doenças infecciosas, que no Brasil, não tem muita prevenção para doença infecciosa em adulto, em idoso. Então, isso foi muito bom. Eu entrei, fiz a oficina de informática. Quer dizer, aprimorei o conhecimento de informática. E tinha lá outras oficinas também, que depois passou a ser um projeto também, tinha a memorização, tinha essas coisas, que achei muito bom mesmo. Então, você aprende muitas coisas, como memorizar. Então, são diversos conhecimentos. Sempre aprende mais. (Idosa D).

O aprendizado contínuo por meio do projeto ajuda a promover uma nova compreensão do cuidado com o corpo e das limitações corporais decorrentes do avanço da idade, sem desprezar os aspectos sociais do processo de envelhecimento. Este modelo de educação em saúde segue práticas adaptadas, conforme explicado pela Extensionista E. “Elas são adaptadas, principalmente a parte física, porque os idosos são idosos saudáveis, mas nem todos têm a mesma capacidade física”.

Assim sendo, quando os exercícios físicos são realizados no projeto, as pessoas idosas com dificuldades funcionais recebem mais atenção dos extensionistas que as auxiliam a como contornar uma incapacidade motora, por exemplo, e a continuar realizando, mesmo que de maneira adaptada, suas atividades cotidianas.

Já em relação aos aspectos sociais, o aprendizado contínuo é percebido como um aspecto importante para a melhora do estado físico e emocional durante a velhice, conseqüentemente, tem-se uma melhora da qualidade de vida e uma participação mais ativa da pessoa idosa dentro e fora do projeto, em situações de convívio social e com mais autonomia.

O conteúdo representacional de uma velhice ativa, por meio dos discursos do projeto, influencia uma visão de participação social da pessoa idosa de maneira

mais efetiva, apesar de qualquer questão corporal que seja necessário lidar com o avanço da idade. Este discurso institucionalizado, de um resgate da independência na velhice, é socializado entre as pessoas idosas e extensionistas que fazem parte do projeto e acaba perpetuando práticas do cotidiano que vão além das interações no interior do grupo, como os hábitos de cuidado dentro de casa relatados pela Idosa D.

Que nem nesse projeto do envelhecimento, uma coisa muito boa, teve muitos temas que foram sobre a saúde mesmo, [...] foi muito interessante sobre a diabetes, que tem muitos idosos que têm [...] e eles falaram sobre os cuidados, sobre os tratamentos, sobre o que é verdade, porque tem muitos mitos, muitas coisas que não são verdade. Foi muito bem esclarecida também a questão de doenças. A questão da pressão alta, que eles também têm hipertensão, que também foi abordado esse assunto. Os horários de tomar remédio, quais são os remédios que tem que ter uso contínuo, como tem que ter. Isso tudo foi falado no envelhecimento - foi isso que foi falado. A questão dos cuidados em casa com acidentes domésticos, uso de tapetes. Quem tem problema de locomoção, questão de colocar barras em banheiro, essas coisas todas. Tudo isso aí é abordado no curso, muito interessante mesmo. Então, as pessoas sabem que vão tomando conhecimento de tudo. Inclusive, colocar o sapato, se estiver muito ruim o piso. [...] é um curso muito bom mesmo para a pessoa idosa. (Idosa D).

Para Moscovici (1978), esta dinâmica de socialização dos saberes científico e do cotidiano é que influencia as ressignificações sobre um determinado fenômeno e irá resultar na adoção de novas práticas sociais, já que deste saber empírico ressignificado passa a ser incorporado em novos discursos e novos hábitos no cotidiano das pessoas. Pode-se observar que a representação social de velhice das pessoas idosas no projeto, sobretudo em relação à ideia de lidar com a questão do corpo envelhecido, sofre a interferência do conhecimento divulgado nas ações extensionistas, é ressignificado pelas pessoas idosas e incorporado por elas em suas atividades do cotidiano.

A adoção de novas práticas cotidianas, para lidar com certas limitações corporais, por outro lado, não representa propriamente a chegada da velhice. No caso da Idosa B, mesmo convivendo com lesões físicas importantes e tendo mais de 80 anos de idade, ela não se considera velha porque não sente dores permanentes. Entretanto, ao mencionar a velhice em sua fala, a associa imediatamente com os prejuízos da mente e a perda da memória.

Eu não me considero velha porque uma coisa que eu me considero velha é que estou esquecida. Às vezes, está na minha frente e eu não estou vendo. Mas não tenho dor nenhuma. Inclusive, que eu quebrei a coluna, descontrolou muito aqui a nuca, o pescoço - esses ossos aqui ficaram tudo...então, na médica de coração, ela falou: "a senhora tem muita dor", eu

falei: "não sei o que é essa dor", aí ela falou: "é dor de um lado toma banho?", eu falei: "tomo". Não sei se é banho ajuda. Eu boto umas coisas naturais - óleo, não; só coisa natural da terra, aí bem. Mas não é banho, é que não sei, não entendo. Não sei se toma algum remédio para a dor, não sei. (Idosa B).

Mesmo participando do projeto Envelhecimento Ativo na UFMS, onde é ensinado formas de lidar com o corpo envelhecido, o estereótipo negativo da velhice vinculado ao declínio corporal e ao declínio mental ainda faz parte da representação da Idosa B. Este mesmo estereótipo negativo é reforçado pela Idosa D, quando explica sobre o impacto dos problemas de saúde em sua vida e afirma que com a idade, estes mesmos problemas só pioraram.

A única coisa que mudou na minha vida foi de não poder participar de nenhuma caminhada, de coisas longas. Eu não tenho mais [...], tem a limitação de que tem que andar pouco, tem que descansar mais também durante o dia. Quanto a isso, mudou. Geralmente, coisas longes, vou de carro - às vezes, vou de avião. Em Campo Grande, eu ainda dirijo pela cidade inteira, não tem problema. Só não posso ficar dirigindo tudo por muito tempo, porque o problema maior meu é na perna direita, aí dói tudo. Mas, do contrário, não mudou muita coisa. E a questão da vista, que vamos supor, eu evito dirigir à noite e na chuva, essas coisas. Eu passo a evitar e é isso. Isso mudou. E muda, porque é lógico, você vai ficando com mais idade, vai piorando, vai tendo mais limitações mesmo. Mesmo com óculos e tudo, não compensa muito. (Idosa D).

As limitações corporais com o avanço da idade ainda estão fortemente presentes nos discursos das pessoas idosas B e D. Por mais que novos sentidos sejam estabelecidos sobre estas limitações em seus cotidianos e que consigam reorganizar suas vidas por meio dos conhecimentos e práticas adquiridas no projeto, o reconhecimento de que o vigor físico não é o mesmo da juventude e que só piora com a chegada da velhice aparece, nas entrelinhas das falas e, desvelam o quanto a velhice é ainda representada por um ideal de decrepitude física.

5.2.3 Estigma

Como parte das representações de velhice, o estigma sobre o envelhecimento ainda faz parte do processo de reconstrução das identidades das pessoas idosas participantes do projeto. Embora as atividades propostas e os discursos institucionais impulsionem uma ressignificação da representação da velhice e a formação de um universo consensual em que se impera a ideia do indivíduo se manter ativo e em movimento, se sentir uma pessoa velha ainda

provoca aversão e não é aceito por grande parte das pessoas entrevistadas. “Velho é aquele que morre, que se entrega, que se deita e fica cruzado. Eu não sou. Eu sou ativo, eu sou novo, sou jovem. A velhice é como eu te falei - velhice é o fim da vida, é onde termina a esperança” (Idoso C).

Na visão do Idoso C, a velhice é ainda um estágio da vida que está por vir e que mesmo ele estando em idade avançada, ter se aposentado e conviver com problemas de saúde, não são aspectos que o fazem se perceber como velho. Ele supervaloriza o fato de se sentir novo e ativo, os quais são valores ligados a uma ideia de juventude e remete ao processo de envelhecimento os sentimentos de autonomia e independência em conformidade com os discursos difundidos pelas extensionistas A e C sobre a realidade da pessoa idosa.

E é uma realidade que a gente tem que buscar e tem de disseminar, e é realmente o idoso ativo e com uma qualidade de vida, porque a gente tem uma população com doenças crônicas muito grandes. E eu [...] achava que nunca ia encontrar, pelo menos nunca tinha encontrado pessoas tão ativas assim. (Extensionista A).

Ser idoso, eu acho que seria mais um avanço da idade, mesmo. Um avanço do corpo, a idade no corpo, entendeu? [...] porque realmente lá tem, pelo o que eu percebi, lá tem idoso tipo..., com a mente melhor que a minha, sabe? [...] todos, mas na verdade eles não se sentem velhos, sabe? Eles [...] usam a cabeça praticamente, eles têm as limitações deles, mas mesmo assim não se deixam abater. (Extensionista C).

As realidades que as extensionistas buscam disseminar entre as pessoas idosas visam a construção de uma imagem mais positiva de velhice, em uma perspectiva mais biopsicossocial, de Educação em Saúde, advinda dos conhecimentos científicos previamente adquiridos em sala de aula, no curso de graduação de Fisioterapia. Em linhas gerais, essa perspectiva mais biopsicossocial tem o propósito de reconhecer a pessoa idosa como detentora de conhecimento, com a capacidade para lidar com as consequências do avanço da idade e de continuar a exercer a cidadania.

As extensionistas incentivam as pessoas idosas a buscarem novas formas de expressão da velhice, por meio das atividades físicas, de lazer e do convívio intenso propiciado com a participação no projeto. Demonstrando que a velhice é também uma etapa para o aprendizado e para a aquisição de novas experiências pessoais.

Para Debert (2012), os projetos da terceira idade enfatizam as ideias de autocuidado e de que viver bem em idade avançada é uma vitória pessoal.

Conseqüentemente, os estilos de vida na velhice moderna tentam mascarar as distinções etárias e aproximam as pessoas idosas de um ideal de juventude marcado por valores de independência e de vivacidade destacados nas falas das Idosas A e D.

Porque eu sou independente, eu faço as coisas tudo. Eu faço as coisas em casa, eu pego ônibus - sou capaz de pegar um ônibus, de pegar um Uber - ir e vir onde eu quiser. Tudo isso. Agora, eu não estou fazendo isso por causa da pandemia, porque eu já falei que eu não quero saber desse vírus, não. O que eu puder fazer para não pegar ele, eu vou fazer. (Idosa A).

Ser idoso, idoso é aquele que não morreu. Chegar a ser idoso é porque não morreu, está vivo. [...] pessoa que tem que aceitar a velhice, manter o relacionamento com a família, com os amigos. Então, não adianta ficar reclamando muito das dores e das limitações, e das doenças perto dos outros, que o pessoal não gosta muito de ouvir lamentações. (Idosa D).

A supervalorização de aspectos como a vivacidade e a independência, nas falas das duas idosas, contornam qualquer ideia de decadência em razão da velhice. Na visão de Elias (2001), a decadência, em razão da doença ou do envelhecimento, provoca o isolamento social. O medo de envelhecer é presente socialmente, porque ser velho remete à ideia de um ser moribundo, à espera da morte. Diante do processo civilizador, os aspectos elementares que significam perigo à vida humana são controlados ou até banidos da vida social pública. É característico na sociedade ocidental que os moribundos e os velhos sejam comumente excluídos do convívio social, seja por meio dos ritos, formas de expressão ou instituições.

Esse sentimento de exclusão do social é uma realidade, principalmente, no meio familiar como foi relato por uma das entrevistadas idosas.

[...] vou te falar, eu vejo que é muito desprezo pelos idosos - isso, eu vejo. Vejo pelos meus próprios netos, meus próprios filhos. Mas velhice, não tenho queixa, porque o meu filho não me deixa faltar nada - ele que paga ele faz compras para mim. (Idosa B).

A representação da Idosa B de que os idosos são desprezados considera o fato de não “faltar nada” para a sua sobrevivência, já que recebe a ajuda dos familiares para os custeios básicos do dia a dia. Porém, no plano afetivo e social se sente desprezada por filhos e netos, o que evidencia que ao chegar à velhice, a pessoa está mais sujeita a ficar excluída dos ciclos de convivência que estava acostumada a participar frequentemente.

Mesmo a Idosa B tendo 84 anos, em outro trecho da entrevista ela nega a própria idade, reiterando a representação de que a velhice não é bem vista ou não deve ser considerada. “Às vezes eu...você sabe, eu tenho um prazer tão grande de contar a idade, mas me esqueço que tenho essa idade. Não me considero - eu esqueço” (Idosa B). A tentativa de contornar a idade cronológica para não admitir a velhice é outro elemento apresentado na fala do Idoso C, que revelou “Você vai ficando velho, vai ficando no fim da vida. Você sabe que eu vou completar 74 anos. Eu imagino que eu tenho 25. Eu não tenho 74, eu tenho 25” (Idoso C).

A partir dos relatos da Idosa B e do Idoso C, é possível ilustrar que a velhice ainda são temas continuamente empurrados para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador. Segundo Elias (2001), o encobrimento de temas como a morte e a velhice mudou de maneira específica com o correr do tempo para amenizar o medo da própria transitoriedade do existir que predomina em nossa sociedade. Como efeito, a ressignificação dos marcadores sociais da velhice, por meio de diversas iniciativas e de diversos discursos, se tornou um processo tão presente e ordinário do nosso cotidiano.

No entanto, foi possível identificar um ponto de contradição na fala da Idosa D, em relação ao estigma de velhice. No entendimento dela, aparece como uma fase da vida em que consegue ter a clareza sobre as suas próprias limitações. “A velhice é a idade avançada que a pessoa tem [...] a velhice é uma adaptação, você tem que se adaptar, ver o que você pode fazer, o que você não pode. Tem que ver as suas limitações e a sua saúde, a sua alimentação” (Idosa D).

Durante a entrevista com a Idosa D, ficou evidente que ela não se imaginava com outra idade, como nos casos da Idosa B e do Idoso C. Parece que a Idosa D vive a realidade, o tempo presente, ela se preparou para essa fase da vida mesmo com as consequências do avanço da idade. Talvez por ter maior nível de escolaridade, a Idosa D manteve as próprias representações de velhice, enquanto as outras pessoas idosas foram mais influenciadas pelo projeto Envelhecimento Ativo, com a ideia de valorizar o “ser idoso” e desvalorizar a velhice.

Comenta Debert (2012) que as iniciativas para a população idosa apresentam o objetivo de promover a autoestima e lutar contra os preconceitos sociais que existem em relação à velhice. Chegar à velhice ainda é ressaltar uma condição de discriminação, de perda de *status* e das relações funcionais decorrentes do trabalho, levando a um isolamento e desinteresse pela vida. Redefinir a experiência do

envelhecimento, como uma fase positiva é uma noção presente em diversas atividades promovidas na atualidade.

Nas falas das Extensionistas B e D ficam evidentes que passaram a ter um entendimento mais amplo de velhice, vista de uma perspectiva mais social, como forma de tornar a experiência do envelhecimento mais positiva. Assim elas argumentam:

[...] muitas pessoas que encaram a velhice como algo ruim, por exemplo, meu pai não gosta de ser chamado de idoso, apesar de ele ter a idade, para ele, ele não é idoso, idoso é uma pessoa limitada. Mas não é assim, a gente vê atualmente, por exemplo, que tem várias possibilidades de você encarar a velhice e somente de uma forma positiva, eu vejo a velhice como uma forma positiva, porque é uma forma que você tem de experienciar, como eu falei, um mundo de outras formas, de ter contato com coisas diferentes, de aproveitar o seu tempo. (Extensionista B).

[...] a velhice é muita coisa, depende de todo o perfil, as vezes as palavras que vem na minha cabeça são amadurecimento. Mas assim pensando em pessoas, em coisas aqui no Brasil a gente tem a mania de achar que o velho não pode, ainda é aquela cultura mais ocidental que é sabedoria [...] Dar valor na pessoa idosa, então eu acho que é uma sabedoria. (Extensionista D).

Foi possível constatar, no interior do projeto Envelhecimento Ativo da UFMS, um discurso institucional que busca demonstrar para as pessoas idosas participantes que a velhice é uma experiência única e que deve ser vivida com plenitude por cada indivíduo. Este discurso, de acordo com Debert (2012), acompanha a representação social de velhice presente em estudos recentes da Gerontologia, em que apontam características essencialmente mais positivas nessa fase de existência. Nesta direção, o termo velhice passa a ser redefinido por conceitos de “terceira idade” ou “pessoa idosa” como foi reconhecido durante a entrevista da Idosa A.

Velhice é um sapato velho, que não precisa mais. Você não quer mais usar ele, põe no lixo. Que nem diz a [...] a professora - ela não gosta dessa palavra velhice. É idoso. Velhice é uma coisa que você não quer mais, que você vai pôr no lixo. Então, como idosa, eu curto muito a minha idade. É sinal de que estou viva. Porque você está naquela idade que já teve uma boa experiência de vida, já aprendeu tudo de bom e de ruim também, e você pode passar as coisas boas para as pessoas. Então, eu gosto da minha idade, porque é sinal de que estou viva ainda. (Idosa A).

O termo “idoso” foi incorporado no dia a dia da Idosa A, que dessa maneira, conseguiu representar a velhice como um momento de melhor avaliação crítica em virtude dos aprendizados acumulados. Também cabe destacar que, como idosa,

existe uma representação de se aproveitar mais a vida, enquanto a velhice é representada com a inutilidade. Sobre o processo de construção do conteúdo representacional de um determinado fenômeno, Moscovici (1978) aponta que uma representação social é formada por novos conhecimentos e pelas visões de mundo dos indivíduos. Portanto, mesmo aprendendo novos conteúdos entorno do processo de envelhecimento e que estimulam as ressignificações no seu cotidiano, o Idoso C cita que a participação no projeto Envelhecimento Ativo da UFMS não alterou substancialmente a sua visão anterior de maturidade.

[...] a visão é a mesma (de antes). Eu não espero muita coisa. Não tem muito o que espera, só viver. Viver o dia-a-dia, levantar cedo - levanto de madrugada, quatro horas. Quatro e meia, estou levantando. E vou viver a vida enquanto Deus quiser. Enquanto Ele me der vida, eu vou viver. (Idoso C).

Também é possível considerar os conhecimentos acadêmicos anteriores das extensionistas e que interferem em suas concepções do processo de envelhecimento, como uma fase biológica e em uma perspectiva mais acadêmica. Conforme o que foi explicado pela Extensionista E: “Para mim, é um processo de envelhecimento natural. Tem as suas características fisiológicas que atendem o idoso biopsicossocial”.

Para Beauvoir (1976), as representações da senescência mudam conforme o contexto de vivência, pois a depender do contexto, a dimensão existencial pode variar. A vida adulta e a velhice podem ser significadas socialmente de maneiras distintas e porque em cada cultura existem normas reguladoras de cada segmento etário. No contexto do projeto, mesmo havendo componentes discursivos com o objetivo de promover uma ideia de envelhecimento ativo, a velhice ainda continua sendo temerária pelas pessoas idosas e estigmatizada como uma etapa de profunda estagnação.

5.2.4 Autogestão da pessoa idosa

Conforme o postulado por Debert (2012), existe uma tendência contemporânea de inversão da representação da velhice como uma etapa de reinvenção pessoal e “ativa idade”, reforçada pelo discurso institucional do projeto

Envelhecimento Ativo e compartilhada entre os sujeitos participantes da pesquisa, principalmente entre as pessoas idosas.

Entre as pessoas entrevistadas de mais idade, é reforçada a ideia de que a participação no projeto é uma prova da capacidade de conseguir se movimentar, já que, “a cabeça ainda está funcionando bem”, associando a continuidade do preparo físico como um aspecto possível mesmo com o avanço etário, como pode ser observado no relato de uma das participantes.

Eu já te falei que estou com 62 anos, já sou idosa, mas a minha cabeça ainda funciona bem. Eu consigo resolver minhas coisas, eu vou e venho sozinha para onde eu quero. Eu gosto de sair, gosto de andar. Estou presa dentro de casa agora por causa do Coronavírus. (Idosa A).

A capacidade de seguir realizando as atividades diárias e de manter um corpo ativo são pontos fortemente trabalhados durante os conteúdos ministrados nas atividades do projeto. A oportunidade de ter contato com esses novos conhecimentos é o que motiva a participação de uma das senhoras entrevistadas e é visto como um resgate da autoestima.

O que eu faço, eu vou para realmente assistir e ver o que é ministrado. Porque tem um conteúdo muito bom - eles falam sobre vários assuntos bons para os idosos, abordam muita coisa. Fala muito sobre a autoestima, que a maioria dos idosos parece que perde a autoestima. Eles falam também sobre... falam muito como melhorar a autoestima, o que a pessoa tem que fazer e tudo. Tem gente que chega na idade e se anula mesmo, não quer saber de nada, não tem mais vaidade, não sai para exercício físico. Então, eles falam muito importante de tudo isso aí. (Idosa D).

Cabe salientar que a Entrevistada D é a única que, entre as pessoas de mais idade, tinha curso de graduação e mestrado, visto que as outras três pessoas tinham ensino fundamental incompleto (Idosa A), ensino fundamental completo (Idosa B) e ensino médio completo (Idoso C). Participante há dois anos do projeto, a Entrevistada D frequentava as reuniões para “ver o que é ministrado” e tinha clareza de que as orientações contribuíam para aumentar a autoestima da pessoa idosa.

Nesse sentido, Debert (2012, p. 149) salienta que muitos projetos destinados às pessoas envelhecidas têm “o objetivo de promover a autoestima dos idosos e lutar contra os preconceitos”. Tais projetos contribuem com o trato social de assuntos relacionados à velhice, como a discriminação de pessoas idosas no momento em que se tornam improdutivas para o trabalho e até para quebrar paradigmas de que ser velho é necessariamente ser obsoleto ou ultrapassado.

Por conseguinte, as atividades do projeto Envelhecimento Ativo e os novos conhecimentos compartilhados dentro dele ajudam nas adaptações cotidianas e promovem, no interior do grupo, a representação de uma “velhice bem-sucedida”. O termo “velhice bem-sucedida” foi apresentado por Debert (2012) para explicar uma ideia de que é possível viver este período da vida de maneira mais profícua e madura, sendo uma redefinição do processo de envelhecimento comumente trazida em programas para a terceira idade. Existe a representação de que a participação no projeto é uma forma de contornar as adversidades da velhice, como a depressão, as incapacidades motoras e o isolamento, habilitando práticas de autogestão para as pessoas idosas continuarem vivendo suas vidas de maneira mais efetiva.

Ao comentar sobre relevância do Projeto Envelhecimento Ativo, ofertado pelo curso de Fisioterapia da UFMS, a Idosa D exalta as diversas orientações que as pessoas idosas recebem e que são importantes para a autogestão e cuidados com a saúde.

[...] nesse projeto do envelhecimento, uma coisa muito boa é que teve muitos temas que foram sobre a saúde mesmo e foi muito interessante. Foi falado sobre a diabetes e tem muitos idosos que têm a doença [...] foi falado sobre os cuidados, sobre os tratamentos, sobre o que é verdade, porque tem muitos mitos, muitas coisas que não são verdade. Foi muito bem esclarecida também a questão de doenças. A questão da pressão alta e da hipertensão que eles [idosos] têm, também foi abordado esse assunto. Sobre os horários de tomar remédio, quais são os remédios que tem que ter uso contínuo, isso tudo foi falado no envelhecimento - foi isso que foi falado. A questão dos cuidados em casa com acidentes domésticos, uso de tapetes, quem tem problema de locomoção deve colocar barras em banheiro, essas coisas todas. Tudo isso aí é abordado no curso, muito interessante mesmo. Então, as pessoas sabem que vão tomando conhecimento de tudo. Inclusive, para colocar o sapato, se estiver muito liso o piso... Tudo isso! É um projeto muito bom mesmo para a pessoa idosa. (Idosa D).

O relato da Idosa D é confirmado por algumas extensionistas, que assim enfatizam sobre a preocupação com a autonomia e autogestão das pessoas idosas:

Todo o trabalho é montado em cima da vivência, da experiência dos idosos, daquilo que é do interesse deles, de coisas da necessidade deles. Então assim, no projeto existe essa visão de que eles têm que ter a sua autonomia, a sua independência, a gente tem que respeitar essa autonomia deles [...] a gente sempre buscou trabalhar esse lado mesmo da atividade, de demonstrar que eles são capazes [...] que eles podem fazer, justamente isso, não deixar ficar parado (Extensionista A).

[...] a gente cuida deles [idosos], previne eles, tenta prevenir de tudo só que não é bem assim, sabe? Eles estão na sociedade fazendo parte, então a gente tem que incluí-los em tudo, se eles não conseguem, a gente tem que adaptar. (Extensionista C).

É interessante notar que o Extensionista C, de 19 anos, menciona a questão do cuidado, que historicamente foi atribuído à mulher, como ressalta Nascimento (2019, p. 4), que na cultura brasileira, “em que a relação entre cuidado e feminino é simbolicamente carregada, fatores culturais e socioafetivos fazem com que, muitas vezes, esse cuidado ao idoso [...] seja considerado atribuição exclusiva das mulheres da família”. O Extensionista C é homem, jovem e desenvolve ações de extensão com pessoas idosas, que não são membros de sua família, evidenciando que, independentemente de gênero e idade, as pessoas que convivem em determinado grupo social devem dividir as responsabilidades em relação aos cuidados e atendimento a pessoas idosas.

A Extensionista B, por sua vez, destaca o aspecto bidimensional do Projeto Envelhecimento Ativo, que contribui com tanto com a formação das pessoas idosas, quanto com quem desenvolve as ações de extensão na UFMS.

O projeto em si traz várias informações importantes, não só para os idosos, mas para a gente também, como acadêmicos, que são de suma importância para esses idosos, em relação à questão de cuidados pessoal, em relação a cuidados da saúde, até mesmo em questão da socialização. Então eu vejo como um ponto positivo, tanto para eles quanto para nós acadêmicos. (Extensionista B).

A abordagem adotada principalmente pelas pessoas extensionistas se concentra em construir capacidades para que a socialização, na velhice, não seja perdida. A Organização Mundial de Saúde (2015) estabelece que este tipo de abordagem permita, nos termos da instituição, que as pessoas idosas naveguem no mundo moderno, em transformação e inventem maneiras novas, melhores e mais produtivas de se viver.

Ainda conforme a OMS (2015), as iniciativas destinadas para as pessoas idosas em centros de convivência e nas universidades, oportunizam o alcance da autovalorização, percebendo a velhice como uma etapa da vida que envolve mudanças significativas além das perdas biológicas.

Nesta direção, estas iniciativas vão além de questões de saúde pública, pois consideram como as pessoas idosas lidam com as perdas e podem reforçar a capacidade de resistência e o crescimento psicossocial. Percebe-se no projeto Envelhecimento Ativo, a representação social que considera a velhice como um

processo do viver sujeito à manutenção da capacidade funcional que, permite o bem-estar em idade avançada.

Principalmente entre as pessoas extensionistas mais acostumadas a lidarem com as questões de saúde referentes ao corpo, existe a compreensão de que a capacidade funcional deve ser constantemente preservada como idoso(a). Mesmo que esta capacidade tenda a diminuir com o aumento da idade, as práticas no projeto buscam desenvolver sistemas de cuidados de longo prazo, para que a pessoa idosa seja capaz de participar ativamente da sociedade.

A gente tenta um idoso mais ativo. A gente tenta devolver, digamos assim, para a sociedade, um idoso que é capaz de cuidar do seu próprio dinheiro, da sua própria alimentação, dos seus afazeres em casa, da memória, que consegue sair de casa, lembrar o caminho para voltar. Então, um idoso mais ativo. (Extensionista E).

A ideia de um estilo de vida mais ativo na velhice vem sendo frequentemente incorporada em nosso cotidiano, dentre outras formas, pelo discurso de se viver como idoso(a). Segundo Jodelet (2009), podemos compreender a incorporação desses discursos a partir de um confronto entre o saber científico e as experiências subjetivas. Para a autora, essa confrontação evidencia a apropriação da ciência na vida cotidiana e que acarreta os saberes tradicionais referentes à vivência singular dos indivíduos.

Basicamente, é possível afirmar que os conhecimentos de autogestão difundidos por meio do projeto, são apropriados entre as pessoas idosas, que passam a se sentir mais valorizadas, depois de inseridas no grupo e adotam condutas de autocuidado de modo a manter as suas vidas em movimento. Já entre as pessoas extensionistas, faculta a representação de que a habilitação da capacidade funcional pode sim inserir novamente a pessoa idosa no convívio social, desde que sejam respeitadas também as suas questões subjetivas.

5.2.5 Socialização

Identificou-se entre as pessoas idosas que a participação no projeto Envelhecimento Ativo estimula a socialização entre pessoas da mesma faixa etária e de menos idade (se referindo aos extensionistas que contribuem com o desenvolvimento das atividades e convivem com os idosos). A socialização é um

processo primordial na velhice e aparece nas representações das pessoas entrevistadas sobre esta fase da vida, relacionada com a questão da ocupação do tempo e poder ter encontros regulares com pessoas de um mesmo grupo etário.

A OMS (2005) estabelece que para se promover uma velhice mais ativa, de modo a tornar o processo de envelhecimento mais positivo, deve-se oportunizar a participação contínua de pessoas idosas em espaços de convivência e nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis. Desta maneira, é possível manter a autonomia e a independência de uma pessoa em idade avançada. Tais definições da OMS serviram de base para a formulação das diretrizes do projeto, das atividades e ações no interior do grupo.

Assim sendo, o projeto Envelhecimento Ativo é percebido, por seus participantes, como um espaço de convivência, onde pessoas de uma mesma faixa etária, com 60 anos ou mais, com valores sociais e morais muito parecidos, conseguem interagir, compartilhar saberes antigos e novos conhecimentos de maneira contínua. As idas às atividades passaram a ser tornar um momento de socialização importante e ordinário, sendo facilmente incorporado no cotidiano destes sujeitos, como salienta o Idoso C: “Eu não ia, não saía, aí vieram as atividades, eu fiquei na obrigação de ir lá. Ajuda bastante porque vai lá, você conversa, aprende, bate papo, faz exercícios, alguma coisa que aparece. Isso tudo ajuda”.

A “ajuda” mencionada pelo Idoso C está relacionada com a ideia de que sua participação no projeto Envelhecimento Ativo o possibilitou socializar mais, sair de casa e a se ocupar com novas atividades, o que anteriormente acreditava que não conseguiria vivenciar com a chegada da velhice, vista inicialmente por ele, somente como uma etapa de repouso. Com a participação nas atividades, ele conseguiu sair de casa com mais frequência, adquiriu novos conhecimentos, estabeleceu novos vínculos com as pessoas, devido às amizades desenvolvidas por meio do projeto, e conseguiu aplicar os conhecimentos adquiridos nos afazeres do seu cotidiano, como a administrar melhor as suas medicações, por exemplo.

Nesse cenário de participação nas atividades do projeto, as mulheres estão em maior número e em busca frequente por novas formas de socialização na maturidade. Elas conseguem encaixar a participação no projeto em suas rotinas, combinando com outras atividades que estão acostumadas ou que começaram a

fazer na velhice, como os cuidados com a casa, a família, as ocupações com a igreja, viagens e encontros com outras pessoas, como é exposto pela Idosa A:

O meu dia-a-dia, agora com esse negócio de ter que ficar em casa, é complicado falar. Mas antes de tudo isso, desse coronavírus, o meu dia-a-dia era: eu só ficava em casa na parte da manhã. De segunda à quinta-feira eu só estava em casa até meio-dia. E de meio-dia eu ia para o ponto, pegar um ônibus para ir para a universidade federal [no projeto]. Aí na sexta-feira, quando eram duas horas, eu pegava o ônibus e ia para a universidade para a oficina de memória, que era até às quatro e meia, e eu saía, pegava o ônibus e ia embora. Na quarta-feira, eu tinha compromisso o dia inteiro. De manhã eu ia para Perpétuo Socorro fazer a minha novena, aí chegava o nosso almoço, almoçava e eu ia para a universidade de novo. E aí nas quintas-feiras, três horas da tarde, eu tinha reunião da Legião de Maria, que é na igreja que fica perto de casa, na Cristo Luz dos Povos, das três às quatro e meia. E aí, sobrava sexta, sábado e domingo. Geralmente, nas sextas-feiras, nosso grupo da Legião de Maria, na parte da tarde, a gente saía para fazer visitas - visitar as pessoas doentes. E sábado e domingo, às vezes dava uma saída, ia no *shopping*. É isso. (Idosa A).

Ainda sob a consideração da Idosa A, ela é uma mulher viúva e que após a viuvez passou a ter várias atividades além da esfera doméstica. O fato de não ter mais um esposo, a permitiu ter mais tempo livre e dedicar-se a outros compromissos que não têm relação com os afazeres do lar. Debert (2012) menciona que o ingresso em projetos para a terceira idade é para as mulheres, em muitos casos, uma espécie de divisor de águas, que substitui um período de solidão seguinte à viuvez ou separação, por um outro de novas amizades, encontros e passeios.

Sobre a incorporação das programações do projeto no cotidiano das pessoas idosas, duas extensionistas comentam que interfere diretamente na maneira pela qual passam a socializar dentro do grupo, na universidade e em outros contextos de interação como, por exemplo, no âmbito familiar. Estas extensionistas apresentam a significação de uma velhice com mais autonomia desenvolvida graças à participação no projeto, promovendo assim a perda da timidez, mais sociabilidade e uma nova perspectiva de vida para as pessoas idosas. Assim elas relatam:

No começo eles [idosos] eram meio envergonhados, meio fechados e aí conforme foi passando o tempo, depois se socializando, eles foram se abrindo mais, foram começando a participar mais dos projetos que a gente botava para eles participarem, sabe? O convívio deles foi ficando melhor. (Extensionista C).

Desde posicionamento no âmbito familiar, também e se posicionar ali no projeto, alguns [idosos] tinham muita vergonha de falar, quando você pedia para eles desenharem, fazerem um autorretrato sobre o envelhecimento, apareciam coisas muito negativas: "agora eu estou velho, não preciso ir votar, não preciso fazer exercício, vou morrer mesmo". Tinha gente que falava isso e hoje eu vejo eles tendo uma disciplina, vão ao projeto, fazem

as atividades que a gente passa também para a casa. E a família tem uma participação nessas atividades e eles gostam de ir ao projeto. (Extensionista D).

O propósito de socializar as pessoas idosas, por meio da participação no projeto, reforçado nas falas das Extensionistas C e D condiz com uma nova visão sobre o envelhecimento que, de acordo com Debert (1999), passou a fazer parte na sociedade brasileira a partir da década de 90. Esta nova visão surgiu junto de outras representações sociais sobre a velhice já existentes e expressadas pelas imagens de pessoas idosas abandonadas nos asilos ou em filas à espera do dinheiro da aposentadoria.

As representações sociais já existentes da velhice passaram a conviver com as representações da “velhice gratificante”, que na explicação de Debert (1999), se refere a uma visão da velhice como um período da vida mais vibrante e produtivo. As representações da velhice gratificante ganharam notoriedade com o aparecimento de programas para a terceira idade em universidades, grupos de convivência e de lazer, pois nesses espaços as pessoas idosas conseguem passar por experiências inovadoras e coletivas, que as encorajam na busca da autoexpressão e na exploração de identidades na maturidade.

Na perspectiva de Debert (1999), esses programas emergem dentro de um contexto em que um conjunto de discursos amplamente divulgados pela mídia se dedica em apresentar visões alternativas às imagens tradicionalmente associadas ao avanço da idade, reunindo uma série de condutas para a manutenção corporal, hábitos alimentares mais saudáveis, ginásticas, medicamentos, grupos de convivência e atividades de lazer que procuram mostrar como as pessoas que não se sentem velhas devem se comportar, apesar da idade.

Um discurso de uma velhice mais positiva, por meio da socialização conquistada devido à participação no projeto, é indicado no que foi dito pelas Extensionistas C e D. As pessoas idosas participantes do Envelhecimento Ativo reiteram este mesmo discurso em suas experiências diárias, pois acreditam que a vivência no projeto às levam a alcançar um modelo de velhice mais bem-sucedido, como idoso(a), sendo que um dos motivos para este alcance é se tornarem mais sociáveis dentro e fora do grupo.

Nas falas das pessoas idosas surgiram termos como “se posicionar”, “aprender”, “não ficar parado” e “ter uma atividade” vinculados a capacidade de

socialização fortalecida com a participação no projeto, contribuindo para um olhar sobre a velhice a partir de duas novas direções: a primeira, em que a velhice é vista como um motivo para o pertencimento no grupo; e a segunda, como uma etapa da vida para expressarem seus desejos, suas identidades e não se sentirem mais tão isoladas no convívio social e familiar.

5.2.5 Intergeracionalidade

A convivência entre as gerações é estimulada por meio das atividades do projeto e tem um relevante papel representacional em relação à velhice e as possibilidades de convívio social durante esta fase da vida. Conforme estabelece a OMS (2005), para promover o envelhecimento ativo, os contextos em que as iniciativas para as pessoas idosas se desenvolvem precisam promover a solidariedade entre as gerações, entre os sujeitos jovens e velhos.

O projeto Envelhecimento Ativo segue este princípio e entre as pessoas idosas participantes este convívio com pessoas mais jovens permite além da troca de conhecimentos, o entendimento de que mesmo em idade avançada, como idoso(a), podem continuar tendo contato com pessoas de faixa etária mais baixa. As Idosas A e D pontuam sobre se sentirem mais inseridas no projeto devido às trocas de aprendizados ocorridas por meio da convivência com as extensionistas, durante as práticas educativas. Assim elas afirmam:

Eu acho importante a convivência porque o que eles [extensionistas] aprendem, eles aprendem muita coisa com a gente - que nem diz eles - e a gente também aprende as coisas com eles. Eu acho que uma das coisas que os jovens devem aprender com os idosos é a parte de responsabilidade, uma coisa que eles devem aprender com os idosos - ser responsável, ser mais humano, ser carinhoso, ser dedicado, o respeito, tudo isso. (Idosa A).

A convivência com os jovens é sim, é necessária. Não tem que pegar e fazer o que eles fazem; tem que participar da vida deles, tudo assim, participar das coisas. Mas tem coisas que acho que são para jovem - o que é para jovem, é para jovem; o que é para pessoa idosa, é para a pessoa idosa. Você não tem que penetrar no mundo [...] tem que observar e participar onde te cabe. (Idosa D).

Através das práticas educativas, de educação em saúde, as atividades do projeto reforçam o propósito de inclusão da pessoa idosa. Segundo Leite e França (2016), a educação é um instrumento fundamental para a inclusão social pois

propicia a qualquer pessoa a capacidade de se expressar e exercer seus direitos em todos os extratos sociais. No caso das pessoas idosas, as autoras afirmam que os novos conhecimentos adquiridos na velhice empoderam as pessoas idosas na tentativa de superação das dificuldades, pois passam a sentir mais preparadas para exigirem mais respeito, direitos e dignidade.

A convivência com pessoas da mesma idade também aparenta ser um aspecto expressivo na questão da identidade e foi reforçado pela Idosa B: “Então, para mim, velhice, eu gosto de conversar mais com as pessoas da minha idade”. Contudo, a relação intergeracional ainda é mais valorizada em contextos educativos destinados as pessoas idosas, como menciona Leite e França (2016), a solidariedade intergeracional pode ser uma determinante para a reversão de determinados valores, favorecendo a ruptura de preconceitos e promovendo um efeito mais positivo para saúde e bem-estar das pessoas mais envelhecidas. Este efeito mais positivo é observado pelo Extensionista C que destaca como a participação no projeto e o convívio entre as gerações modificaram a maneira como percebe as pessoas mais velhas.

Tipo, eles são pessoas muito..., dos que eu conheci, por exemplo, são pessoas realmente excepcionais, sabe? De conhecimento, de um carinho... Nossa, eles são super carinhosos ou eles gostam da companhia de outras pessoas. Sem palavras, sério, eles são muito legais. (Extensionista C).

Também é percebido pelas Extensionistas B e E que algumas adaptações foram necessárias para efetivar a comunicação com as pessoas idosas durante a prática educativa, buscando se aproximar mais da realidade cotidiana da pessoa mais velha e considerando, inclusive, que a forma de ensinar e aprender é diferente na terceira idade.

Até porque os idosos eles já têm uma certa experiência de vida mesmo. Então, por exemplo, as vezes quando a gente ia falar sobre determinado assunto ou vinha outra pessoa para falar sobre determinado assunto, alguns idosos já têm aquela crença, já tem enraizadas algumas informações e aí se torna mais difícil de você passar aquela informação e ele aceitar. Mas aí tem que saber também trabalhar dentro da pessoa, trabalhar isso. Eu acredito que é diferente sim, justamente, por conta da experiência que ele tem de vida, mesmo sobre os assuntos que a gente acaba abordando. (Extensionista B).

É preciso saber lidar e ver a forma que você quer transmitir a informação. A gente também teve dificuldade no modo de se expressar para o idoso. Às vezes a gente fala de uma maneira que na convivência, na cultura, no mundo em que ele está habituado com os familiares, é completamente diferente do nosso. Então, a gente tem que aprender a lidar com isso

também. Isso foi uma dificuldade. A gente consegue ver o idoso em si, em todo o contexto dele, e entender que é um processo fisiológico, que a gente tem que ter paciência. Lidar com idosos não é fácil, não é todo dia que ele quer participar da sua dinâmica, que ele está aberto para conversar, assim como a criança também. Só que com o idoso a gente tem que ir com mais jeito, mais carinho, dando todo um suporte para ele se sentir à vontade, assim como nós também. (Extensionista E).

Em relação ao que foi dito pela Extensionista E, é uma dificuldade recorrente no processo de ensino e aprendizagem na terceira idade percebida nas relações no interior do grupo. As extensionistas precisam dispor de mais paciência para transmitir os conteúdos durante o desenvolvimento de suas práticas educativas, exigindo novas disposições, arranjos e adaptações para o aprendizado efetivo e assimilação dos conteúdos por parte das pessoas mais velhas. Ao mesmo passo que a convivência estimula um novo olhar das extensionistas sobre a maturidade e passam a ter uma aceção mais social da pessoa envelhecida (ela não está marcada somente por sua limitação corporal, ela é dotada de desejos e outras qualidades).

Orienta Leite e França (2016) que a relação entre distintas gerações (a intergeracionalidade) é estabelecida inicialmente pela família, por meio de apoio emocional, uma espécie de solidariedade, dos pais para com os filhos, dos netos com os avós. Esta solidariedade entre as gerações se estende a outros contextos como os de ensino e aprendizagem e contribui para modificar a visão preconceituosa da incapacidade atribuída apenas pela idade e ajuda na inclusão da pessoa idosa e na comunicação intergeracional. No caso da Extensionista D, estabelecer o contato com as pessoas idosas fez com que ressignificasse sua representação social de velhice vista antes como a “visão do velho ranzinza, do velho esclerosado e de tudo o que é velho é ruim”. O mesmo ocorreu com o Extensionista C, que passou a perceber o processo de envelhecimento, além das limitações etárias. “Eu achava que tipo, eu era velho não podia, tinha que ser tudo limitado, sabe? Logicamente tem que ter os cuidados como sempre, por causa, porque tipo tem as limitações sim, mas não é tudo o que eu pensava que era, sabe?”.

Debert (2012) considera que a participação de pessoas idosas em instituições e projetos é basicamente para conseguirem ter mais liberdade e autonomia funcional. A relação com as outras gerações tem uma importante colaboração nesta conquista. As pessoas idosas se sentem mais ouvidas e motivadas pelo fato de

ainda conseguirem conviver com os mais jovens, uma vez que nem sempre conseguem estabelecer diálogos ou convívio com pessoas mais novas em seus núcleos primários, como a família.

Estabelece-se, portanto, uma nova compreensão de envelhecimento no interior do grupo que é incorporada no pensamento dos participantes, combatendo a discriminação etária e superando conceitos ultrapassados de que pessoas mais velhas permanecem excluídas, imóveis e sem o contato com as pessoas mais jovens. Em vez disso, o convívio entre as gerações no projeto demonstra uma aceitação dos mais jovens com as pessoas mais velhas e ressalta um olhar sobre a diversidade da experiência da idade avançada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, que teve por objetivo identificar como a velhice é significada socialmente, foi possível encontrar duas representações sociais de velhice, sendo que a primeira delas está fortemente relacionada com a visão tradicional na cultura ocidental de que a velhice é uma etapa da vida de desprestígio, declínio corporal e estagnação.

A segunda representação social de velhice tem a ver com o reconhecimento como “idoso(a)”, que acaba sendo uma representação adquirida após o início da participação no projeto e está relacionada com a ressignificação da identidade da pessoa em idade avançada, que mesmo nesta condição pode adquirir novos conhecimentos e a capacidade necessária para continuar sendo saudável e ativa.

Basicamente, orbita no modelo discursivo do projeto a ideia de promover atividades que redirecionem a pessoa idosa a ressignificar a velhice como uma etapa de reinvenção pessoal, autogestão, cuidados com o corpo e a mente e atividades que, no geral, possam garantir o exercício da cidadania das pessoas com 60 anos ou mais.

Nesse contexto de redirecionamento do discurso sobre a velhice, surge no projeto o termo “idoso(a)”, vinculado à representação social do processo de envelhecimento para além dos aspectos biológicos, em uma perspectiva mais social, como um estilo de vida e que vem a complementar a representação das pessoas idosas.

Os conhecimentos socializados, por meio das práticas educativas, às pessoas idosas pelas extensionistas durante as atividades do projeto cumprem um papel fundamental no todo discursivo que opera sobre as concepções de velhice dentro e fora do grupo, possibilitando identificar os sistemas de referência que institui o conteúdo representacional dos sujeitos pesquisados.

Tais conhecimentos são incorporados no cotidiano, especificamente entre as pessoas idosas, que se sentem beneficiadas por adquirirem novos aprendizados nesta fase de existência e passam a se sentir com mais autonomia para o convívio social. A transformação de novos aprendizados em práticas diárias demonstra como um saber institucionalizado ou científico sobre um fenômeno passa do domínio da universidade para o domínio coletivo, como saber do senso comum.

É diante das circunstâncias de confluência dos tipos de saberes supracitados que a lógica das representações sociais de velhice se estrutura. Por intermédio do projeto Envelhecimento Ativo, da UFMS, é articulada a difusão de um saber institucionalizado pautado pela ótica da saúde, principalmente em relação aos cuidados com o corpo e à superação das adversidades decorrentes das limitações corporais. Ao mesmo tempo, é colocado em cena o universo de ideias do cotidiano sobre a senilidade comuns aos participantes, tanto das pessoas idosas como das extensionistas. É mediante essa dinâmica que os sujeitos formulam suas ressignificações que engendram as condições de realização e a renovação do conhecimento socialmente representado sobre o processo de envelhecimento.

A partir dos dados das entrevistas, descritos nas seis categorias, foi possível averiguar as representações sociais de velhice, os elementos constitutivos do conteúdo representacional e o caráter de mudança que o projeto opera no público mobilizado, tanto as pessoas idosas como as extensionistas.

Em relação às representações de velhice, foi comum entre os discursos das pessoas idosas, a tendência de estabelecerem uma distância entre elas e as pessoas “na velhice”, muitas vezes, apontando que a participação no Envelhecimento Ativo é uma oportunidade para se preparem para uma etapa da vida que ainda está por vir.

A ideia de afastamento da velhice, reitera uma visão ainda estigmatizante, que reconhece o processo de envelhecimento como algo ruim e não aceito socialmente. As pessoas idosas consideram a velhice um termo relacionado aos aspectos negativos do avanço da idade, como um período de existência que preferem esquecer ou que causa um certo tipo de aversão. Quando questionadas, durante as entrevistas, sobre o significado de velhice para elas, costumavam se referir a um período da vida de estagnação, de inutilidade, de desocupação e de acentuado declínio corporal.

Acompanhando esses aspectos negativos da velhice, a aposentadoria apareceu como um elemento significativo das representações, marcada pela passagem de um período ativo para um período de inutilidade e de estagnação. Ao saírem do universo do trabalho, as pessoas idosas iniciaram a busca por novas maneiras de aproveitar melhor o tempo livre, sendo uma delas a participação no projeto.

No caso das mulheres idosas, principalmente aquelas acostumadas a desempenhar atividades não remuneradas, como donas de casa, a aposentadoria apareceu também como uma nova opção para se encarregarem de despesas domésticas ou para investirem em momentos de lazer e de bem-estar.

O Envelhecimento Ativo, neste caso, consolida-se como uma alternativa de ocupação durante o decurso do envelhecimento, com a finalidade de promover a aquisição de novos conhecimentos ao público idoso. Existe um discurso institucional no projeto e, que instrui as ações das extensionistas, de que a aposentadoria, como um marco da velhice, deve deixar de ser um momento de descanso e recolhimento, para tornar-se um estágio de atividade e de integração social.

Conseqüentemente, promover o aprendizado de novos conhecimentos no projeto, tem um caráter preventivo, para que as pessoas idosas consigam adotar novas práticas cotidianas, sobretudo, no âmbito doméstico, com os cuidados com o corpo e a saúde mental. Dessa forma, estariam mais habilitadas para lidar com as adversidades da velhice, como a desocupação advinda da aposentadoria e, terem mais qualidade de vida.

Outro elemento relacionado com os aspectos negativos, nas representações de velhice, foi o declínio corporal. Na medida em que a idade biológica foi avançando, os problemas de saúde das pessoas idosas entrevistadas foram aumentando, exigindo delas novos comportamentos na tentativa de desviar os danos funcionais.

Assim sendo, as pessoas idosas do projeto não apresentam a mesma capacidade física, o que exige, por parte das extensionistas, a adaptação das atividades propostas em diversos momentos. Foi possível observar um destaque discursivo no projeto, de que para ser “idoso(a)”, a pessoa envelhecida precisa conseguir ter a capacidade de lidar com qualquer prejuízo corporal decorrente do avanço da idade e, resgatando, por meio dessa capacidade, mais independência e mais autonomia.

Mesmo esse discurso de cuidados corporais tendo sido incorporado no cotidiano das pessoas idosas, a decrepitude física como parte do processo de envelhecimento é um aspecto continuamente reforçado e estereotipado negativamente. O que realça o estigma como outro elemento das representações de velhice.

As práticas educativas e discursivas do projeto almejam, de alguma maneira, a reconstrução da identidade da pessoa idosa como alguém que pode continuar sua vida ativamente inclusive com algumas adaptações necessárias em seu dia a dia. Entretanto, se perceber como uma pessoa velha é um aspecto totalmente negado durante as entrevistas e que, na concepção das pessoas idosas, deve ser sobreposto pelos ideais de juventude, autonomia e independência como uma nova forma de expressar a existência na maturidade.

Essa nova forma de expressar a velhice corresponde a um estilo de vida como “idoso(a)” inaugurado mediante a participação no projeto e que aparece nas representações sociais das pessoas idosas e das extensionistas. O reconhecimento como “idoso(a)” é um ideal a ser alcançado pelas pessoas idosas do projeto como uma representação de “velhice bem sucedida”.

As representações sociais de velhice como “idoso(a)” reúnem os aspectos mais positivos como, por exemplo, a capacidade de autogestão da pessoa idosa compreendendo os controles do corpo, o grau de capacidades motoras e os controles emocionais são preservados graças às atividades desenvolvidas.

Outro elemento parte da representação de velhice como “idoso(a)” é a socialização, através do convívio com pessoas da mesma faixa etária no projeto, fazendo com que as pessoas idosas fiquem mais sociáveis dentro e fora do grupo, podendo expressar seus desejos e suas identidades.

A convivência entre as distintas gerações, a intergeracionalidade, também é outro elemento relevante nas representações mais positivas de velhice. Essa relação firmada entre as pessoas idosas e as extensionistas, que são de gerações diferentes, favorece a inclusão da pessoa idosa, a efetiva comunicação intergeracional e a ressignificação do processo de envelhecimento, principalmente entre as extensionistas, que passam a perceber a velhice como uma experiência mais diversificada socialmente.

Assim, o caráter de mudança que o projeto opera nas pessoas idosas é de que consigam lançar um olhar sobre a velhice, sob uma perspectiva mais social, entendendo que as limitações da idade, não podem ser tidas como empecilhos para a continuação do convívio em sociedade e do exercício da cidadania.

As visões de mundo das pessoas idosas sobre o processo de envelhecimento se inter cruzam com os conhecimentos difundidos no projeto, viabilizando representações de uma velhice como “idoso(a)” marcadas pela adoção novos

hábitos de autocuidado, capacidade de aprendizado, de se socializar mais e de ter mais autonomia.

Cabe destacar que as mulheres são visivelmente mais empenhadas em buscar em conjunto novas formas de conhecimento, de expressão e atividades intelectuais durante a velhice enquanto que para o idoso entrevistado a participação no projeto serve mais para preencher “o tempo livre”, sem influenciar tanto a sua aceção do processo de envelhecimento. Também vale enfatizar que a participação das mulheres é maior entre as extensionistas e as pessoas idosas, reforçando a ideia de universalização feminina existente em projetos para a terceira idade.

Em relação ao discurso do projeto, o curso da vida parece ser uma construção cultural e não apenas um processo marcado pelas transformações biológicas esperadas ao envelhecer. Na tentativa de redesenhar o mapa da velhice, o projeto Envelhecimento Ativo se vale de discursos não arbitrários, a partir de normas internacionais e de legislações que apontam os caminhos de uma condição de existência na maturidade mais aceita culturalmente no mundo moderno.

Esses discursos recentes, em relação ao curso da vida, provocam mudanças nas visões de velhice das extensionistas, fazendo com que enxerguem a pessoa envelhecida a partir de sua identidade social, interpretando além dos aspectos biológicos, como os culturais e subjetivos. Portanto, o processo de envelhecimento pode ser percebido como um fenômeno complexo, exigindo uma articulação do contexto social, científico e político que ultrapassa a esferas da universidade, congregando saberes acadêmicos e populares, com vistas ao desenvolvimento de ações interdependentes e que se comuniquem em um conjunto harmônico e multidisciplinar.

Entender a velhice socialmente representada em contextos de ensino e aprendizagem, contribui para identificar os sentidos que influenciam as práticas educativas em atividades de extensão destinadas ao público idoso, uma vez que, frequentemente surgem mais iniciativas como essa no nosso meio social.

Na atmosfera dos discursos disponíveis sobre a velhice, os saberes acadêmicos e do cotidiano misturam-se, engendrando outros entendimentos sobre a última fase da vida e demarcando a adoção de novas condutas, formas de transmissão de conteúdo e práticas sociais, como foi observado no projeto em questão.

A resignificação, a representação social que advém dessa confluência de saberes, demonstra que o envelhecimento não pode ser compreendido como unitário e igual. No convívio dos sujeitos no interior do projeto, outras diferenças são sinalizadas, além do marcador geracional, as quais são reforçadas diariamente nas interações do grupo, nas atividades programadas, impulsionando novos arranjos das práticas educativas e uma revisão da maneira como abordar a velhice.

As iniciativas, não somente em contextos da Educação, que objetivam redirecionar o curso da vida, precisam estar constantemente atentas às progressivas mudanças que a velhice provoca no interior de comunidades diversas, em vias de proporcionar ações mais abrangentes, precisas e contributivas para o trato discursivo sobre as gerações na tessitura social.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. A abordagem estrutural das representações Sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia, GO: AB, 1998, p. 27-38.

AIDAR, M. A. M. Velhice como uma construção social. In: Congresso Internacional de História: Cultura, Sociedade e Poder, 4., 2014, Jataí. **Anais...** Jataí: UFG, 2014. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(178\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(178).pdf). Acesso em: 23 abr. 2020.

ALVES-MAZZOTTI, A. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, Brasília, v. 1, p. 18-43, jan./jun. 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEAUVOIR, S. **A velhice**: a realidade incômoda. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1976.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARROS, M. M. L. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **Corpo, Envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BERTONI, L. M.; GALINKIN, A. L. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, L. P.; COUTO, M. E. S.; ASSIS, R. A. M. (Org.). **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias**. Ilhéus: EDITUS, 2017.

BIASUS, F. **Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92685>. Acesso em: 26 maio 2019.

BRASIL. **Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília: MPAS, 1994.

BRASIL. **Lei n.º 10.741, de 1 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2003.

BRASIL. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção Defesa dos Direitos Humanos. Brasília: Coordenação Geral dos Direitos do Idoso, 2015. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhimentonoBrasil.pdf>. Acesso em: 09 set. 2019.

BOUGLÉ, C. Prefácio. *In*: DURKHEIM, E. **Sociologia e Filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**, elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução Reynaldo Bairão. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CACHIONI, M. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a terceira idade**: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1998. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253522>. Acesso em: 24 maio 2019.

CAMARGO, B. V. Um primeiro estudo histórico e conceitual do seminário "Epistemologia e representações sociais", conduzido por Serge Moscovici e Denise Jodelet em 1994. **Psicologia e Saber Social**, v. 5, n. 1, p. 5-17, jul. 2016.

CARADEC, V. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo. *In*: GOLDENBERG, M. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CONTARELLO, A. *et al.* Rappresentazioni sociali dell'invecchiamento tra psicologia sociale e letteratura. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 171-180, abr. 2011.

COSTA, S. M.; FREITAS, S. A. As representações sociais sobre a velhice. **Interfaces da Educação**, Maringá, v. 1, p. 15-26, 2010.

DEBERT, G. G. As representações sociais (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL - ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: UMA AGENDA PARA FINAL DE SÉCULO. 1., 1996, Brasília. **Anais...** Brasília: Ministério da Previdência e Assistência Social, 1996.

DEBERT, G. G. Envelhecimento e curso da vida. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n. 1, jan. 1997.

DEBERT, G. G. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, n. 42, p. 70-83, jun./ago. 1999.

DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 49-70, dez. 2010.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 2012.

DOLL, J.; RAMOS, A. C.; BUAES, C. S. Apresentação - Educação e Envelhecimento. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 9-15, mar. 2015.

DURKHEIM, E. **Sociologia e Filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução Paulo Neves. 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

DUVEEN, G. Introdução - o poder das ideias. *In*: MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

EIRAS, N. Representações sociais da velhice em instituições públicas de saúde. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, p. 117-131, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25820>. Acesso em: 03 jun. 2019.

ELIAS, N. **A solidão dos Moribundos, seguindo de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELTZ, G. D. *et al.* Panorama atual das universidades abertas à terceira idade no Brasil. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 17, n. 4, p. 83-94, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/23555>. Acesso em: 07 ago. 2018.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FRANCO, C. M. B. **A pessoa idosa e o envelhecimento ativo**: significações das pessoas idosas do Programa Integração de Gerações no Instituto Camillo Filho. 2013. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

GATTI, Bernardete A. Psicologia da educação: conceitos, sentidos e contribuições. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 31, p. 7-22, ago. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752010000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 maio 2019.

GEHLEN, M. H; STOBÄUS, C. D. O ensino e a aprendizagem no atendimento geriátrico-gerontológico: uma possibilidade educativa. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 22, n. 2, p. 417-440, jun. 2019.

GILLY, M. As representações sociais no campo da Educação. *In*: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JODELET, D. Contributo das representações sociais para o domínio da saúde e da velhice. *In*: LOPES, M.; MENDES, F.; MOREIRA, A., organizadores. **Saúde, educação e representações sociais**. Coimbra: Formasau; 2009. p. 71-88.

LACERDA, S. M. **Universidade Aberta à Terceira Idade**: representações da velhice. 2009. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LEITE, S.; FRANCA, L. A Importância da intergeracionalidade para o desenvolvimento de universitários mais velhos. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 831-853, set. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000300010&lng=pt&nrm=iso. acessos em 03 jan. 2020.

LORENZETTI, L.; MUENCHEN, C.; SLONGO, I. A Epistemologia de Fleck como referência para a pesquisa em Educação em Ciências no Brasil. **XI ENPEC – UFSC**, Florianópolis/SC, 3-6 jul. 2017.

LUNA, V. R. L. **Representações e identidades na velhice**: modos de ver e viver o envelhecimento. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

MENNOCCHI, L. M. **Representações sociais de professores e alunos sobre envelhecimento humano e Educação em um programa de Universidade Aberta à Terceira Idade**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências de Bauru, 2009.

MARKOVÁ, I. Social Identities and Social Representations: how are they related? *In*: MOLONEY, G.; WALKER, I. (Eds). **Social Representations and Identity**: content, process and power. London, Palgrave Macmillan, 2007, p. 215-236.

MARKOVÁ, I. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cad. Pesqui., São Paulo**, v. 47, n. 163, p. 358-375, mar. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000100358&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 jan. 2020.

MESQUITA, C. M. S; ALMEIDA, D. B. Representações Sociais: mapeamento conceitual. *In*: SILVA, N. M. A (Org.). **Representações sociais em Educação**: determinantes teóricos e pesquisas. Blumenau: Edifurb, 2009.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. *In*: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORERA, J. A. C *et al.* Aspectos teóricos e metodológicos das representações sociais. **Texto contexto - Enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. 4, p. 1157-1165, dez. 2015.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. Notes towards a description of Social Representations. **European Journal of Social Psychology**, n. 18, p. 211-50, 1988.

MOSCOVICI, S. Por que estudar representações sociais em Psicologia? **Estudos: Vida e Saúde - Revista da Universidade Católica de Goiás**, Goiânia, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan. 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOSQUERA J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O Envelhecimento Saudável: Educação, Saúde e Psicologia Positiva. *In*: FERREIRA, A. *et al* (Org.). **Educação & Envelhecimento**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012. p.14-22.

NASCIMENTO, M.; CALSA, G. C. Velhice e juventude: revisão da produção acadêmica brasileira acerca de suas representações sociais (2005-2015). **Educação & Formação**, v. 2, n. 2, p. 131-143, 2 maio 2017.

NASCIMENTO, Priscila Pereira Mendes. **Quando cuidar é preciso: análise de trajetórias de mulheres face à necessidade de cuidar de pessoa idosa da família**. 2019. 115 f. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

OLIVEIRA, R. C. S. A pesquisa sobre o idoso no Brasil: diferentes abordagens sobre educação nas teses e dissertações (de 2000 a 2009) - doi: 10.4025/actascieduc.v35i1.18288. **Acta Scientiarum. Education**, v. 35, n. 1, p. 79-87, 31 jan. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra, 2015.

PAULA, R. S. **Representações Sociais do ser idoso e suas implicações na assistência e nas práticas educativas voltadas à população idosa residente em Natal/RN**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

PEREIRA, M. Fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em Educação: o ensino superior em Música como objeto. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 221-233, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/7452/4815>. Acesso em: 17 jun. 2019.

PIATTI, C. B. Imagens da/na pesquisa qualitativa: a extensa possibilidade de pesquisar. **Acta Semiótica et Lingvistica**, v. 23, n. 1, p. 94-110, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/43497>. Acesso em: 05 maio 2019.

SÁ, C. P. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. *In*: MARY, J. S. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, M. F. S. Velhice: uma questão psicossocial. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 123-131, ago. 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 jun. 2019.

SAUER, L.; CAMPÊLO, E.; CAPILLÉ, M. A. L. **Mapeamento dos índices de inclusão e exclusão social em Campo Grande - MS**: uma nova reflexão. Campo Grande: Oeste, 2012.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Pesquisa do perfil da população dos bairros do município de Campo Grande - MS**. 2010. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/MS/Estudos%20e%20Pesquisas/Perfil%20dos%20Bairros%20de%20Campo%20Grande%20MS.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2019.

SIMÕES, J. A. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. *In*: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 18., 1994, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPOCS, 1994.

SIMÕES, J. A. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. **A terceira idade**, São Paulo, v. 22, n. 51, p. 7-19, 2011.

SOUSA, C. Estudos de representações sociais em educação. **Psicologia da Educação**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n. 14/15, p. 285-323, 2002.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. *In*: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VERAS, R. O Brasil envelhecido e o preconceito social. In: VERAS, Renato Peixoto (Org.). **Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará /UnATI, 1999.

VERAS, R. Garantir a saúde e o bem-estar dos idosos: desafios de hoje e amanhã. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 473-474, set. 2015 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232015000300473&lng=en&nrm=iso. Acessos em: 29 maio 2019.

VERAS, R. É possível, no Brasil, envelhecer com saúde e qualidade de vida?. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, p. 1, 2016.

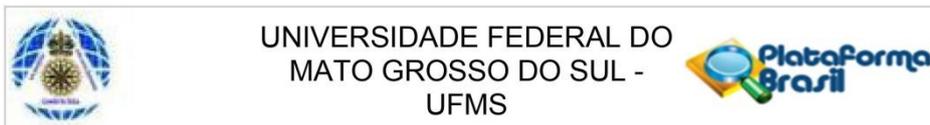
VELOZ, M.; NASCIMENTO-SCHULZE, C.; CAMARGO, B. Representações sociais do envelhecimento. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 12, n. 2, p. 479-501, 1999 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200015&lng=en&nrm=iso. Acessos em: 29 maio 2020.

UCHOA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 849-853, jun. 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. Edital UFMS/ PROECE nº 145/2019. **Oferecimento de vagas para pessoas idosas em disciplinas de graduação e ações de extensão, cultura e esporte no segundo semestre de 2019**: Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Esporte, Campo Grande, p. 1-15, 12 jul. 2019. Disponível em: https://proece.ufms.br/files/2018/07/SEI_UFMS-1354365-Edital.pdf. Acesso em: 16 ago. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O que é a velhice para docentes e participantes de um projeto de extensão destinado às pessoas de mais de idade na universidade?

Pesquisador: IGOR MOURA DANIELEVIZ E SILVA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 28355019.6.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Patrocinador Principal: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.134.018

Apresentação do Projeto:

O presente projeto de pesquisa propõe investigar as representações sociais da velhice, compartilhadas por participantes e docentes do projeto de extensão "Envelhecimento Ativo: Saúde e Bem-estar para a pessoa idosa" do programa Universidade Aberta à Pessoa Idosa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Unapi/UFMS) em Campo Grande, MS. O grupo de sujeitos a ser entrevistado é composto por idosos e idosas (5 mulheres e 5 homens e os docentes, totalizando 13 participantes), bolsistas, estudantes e professores/as. Por meio de uma metodologia qualitativa, envolvendo revisão de literatura, incursões de campo, entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, busca-se analisar a representatividade sobre a velhice, quais as práticas cotidianas das pessoas com mais de 60 anos, o valor simbólico atribuído ao processo de envelhecimento e como a construção representacional, após o início da participação no projeto, influencia nas práticas educativas e na adoção de um novo estilo de vida. Tem-se como abordagem teórico-metodológica as Representações Sociais, considerando principalmente a perspectiva inaugural de Serge Moscovici e a visão de Denise Jodelet, que de acordo com a literatura, mais se aproxima do pensamento moscoviciano.

Objetivo da Pesquisa:

Descobrir como a velhice é resignificada pelos sujeitos pesquisados e os elementos constitutivos de suas representações sociais sobre o processo de envelhecimento.

Endereço: Cidade Universitária - Campo Grande
Bairro: Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 4.134.018

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1483994.pdf	08/06/2020 17:22:37		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_Igor.pdf	08/06/2020 17:21:05	IGOR MOURA DANIELEVIZ E SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Consentimento.pdf	08/06/2020 17:20:41	IGOR MOURA DANIELEVIZ E SILVA	Aceito
Outros	Roteiros_Entrevistas.pdf	30/04/2020 13:26:07	IGOR MOURA DANIELEVIZ E SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	03/12/2019 17:57:12	IGOR MOURA DANIELEVIZ E SILVA	Aceito
Outros	pedido_autorizacao.pdf	03/12/2019 14:39:30	IGOR MOURA DANIELEVIZ E SILVA	Aceito
Outros	Resolucao_Projeto_Igor.pdf	03/12/2019 14:08:35	IGOR MOURA DANIELEVIZ E SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPO GRANDE, 03 de Julho de 2020

Assinado por:
Fernando César de Carvalho Moraes
(Coordenador(a))

Endereço: Cidade Universitária - Campo Grande
Bairro: Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br

APÊNDICE B - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

De: Igor Moura Danieleviz e Silva sob orientação de Josiane Peres Gonçalves
 UFMS/ Câmpus de Campo Grande - MS
 À Coordenação do Projeto Envelhecimento Ativo

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO



Serviço Público Federal
 Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Campo Grande – MS, _____ de _____ de 2019.

Solicitamos **autorização** para o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, mediante realização de entrevistas individualizadas, referente ao Projeto de Pesquisa de Mestrado em Educação intitulado **O que é a velhice para docentes e participantes de um projeto de extensão destinado às pessoas de mais idade na universidade** de autoria de Igor Moura Danieleviz e Silva sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Josiane Peres Gonçalves.

As entrevistas integrarão e serão suporte de dados para elaboração da dissertação de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

O objetivo da pesquisa é investigar como a velhice é ressignificada pelos sujeitos participantes e docentes após a participação no projeto, fazendo com que adotem novos comportamentos e formulem novas representações sobre esta fase da vida.

Atenciosamente,

Igor Moura Danieleviz e Silva
 RGA: 201900005
 igormourajornal@gmail.com

Educação/PPGEDU/UFMS
 Cidade Universitária - Cx. Postal 549
 Campo Grande - MS, CEP: 79070-900

Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves
 Telefone (Secretaria): (67) 3345-7616/ 3345- 7617

Ciente:

Campo Grande - MS, _____/_____/_____

Prof.^a Dr.^a Suzi Rosa Miziara Barbosa _____

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

1. Este documento oficializa o consentimento de sua participação na pesquisa de Mestrado em Educação do programa de Pós-Graduação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o título provisório: **“O QUE É A VELHICE PARA DOCENTES E PARTICIPANTES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DESTINADO ÀS PESSOAS DE MAIS DE IDADE NA UNIVERSIDADE?”**.
2. Sua experiência durante como docente ou participante do projeto é o motivo deste convite e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
5. Essa pesquisa tem como objetivo compreender como a velhice é ressignificada pelos sujeitos pesquisados e os elementos constitutivos de suas representações sociais sobre o processo de envelhecimento.
6. Sua colaboração consistirá em participar com uma entrevista gravada em aparelho portátil, visando o alcance do objetivo descrito anteriormente.
7. Os riscos de sua participação na pesquisa podem surgir mediante algum desconforto originado durante a entrevista ao recordar alguma memória, neste caso, será prestado assistência imediata de modo a minimizar tal desconforto respeitando tempos de pausa ou interrupções necessários, ou, nos casos das pessoas envolvidas em atividades docentes, sejam eventualmente identificados devido à ocupação de função ou cargo que ocupam no projeto no momento da realização da entrevista.
8. Sua participação não envolve gastos ou pagamentos de qualquer natureza.
9. Os benefícios relacionados com sua participação tem origem em sua experiência existencial como possibilidade para fomento para esta pesquisa sobre a relação da Educação e o processo de envelhecimento.
10. O depoimento, dado em entrevista, poderá ser utilizado para publicações em eventos científicos, livros, websites e periódicos relacionados com Educação.
11. Seu nome será mantido em sigilo, de forma a proteger sua identidade, razão pela qual no decorrer da pesquisa se opta por utilizar um pseudônimo que será apresentado quando for feita alguma referência às suas contribuições para com a pesquisa.
12. Este termo de consentimento será feito em duas vias – sendo uma delas destinada a você, com o telefone e RGA do pesquisador, assim como o nome e telefone profissional da professora orientadora deste trabalho, para que você possa contatar a qualquer momento a fim de tirar dúvidas sobre a pesquisa e sobre sua participação.
13. Caso seja de seu interesse obter mais informações de diretrizes de sua colaboração com esta pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da UFMS através do telefone: (67) 3345-7187.

Igor Moura Danieleviz e Silva
RGA: 201900005
igormourajornal@gmail.com

Educação/PPGEDU/UF
MS Cidade Universitária – Cx.
Postal 549 Campo Grande – MS,
CEP: 79070-900

Profª. Drª. Josiane Peres Gonçalves
Telefone (Secretaria): (67) 3345-7616/ 3345-7617

Campo Grande, ____ de _____ de 2020.

ASSINATURA DO/A PARTICIPANTE

Nome da/o participante: _____

Documento de Identidade: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

APÊNDICE D - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM AS PESSOAS IDOSAS

Idade:

Sexo:

Bairro:

Nível escolar:

1 O que é velhice pra você?

2 Você se considera velho(a)? Por quê?

3 Você acha que a velhice é a melhor idade?

4 Como conheceu o Projeto Envelhecimento Ativo?

5 Por que você participa do projeto? Teve algum motivo em específico?

6 Você quis participar do Projeto?

7 Há quanto tempo você participa do Projeto?

8 Sua visão sobre a velhice mudou, depois que você iniciou as atividades no Projeto? De que maneira?

9 Qual é o motivo que levou você a ter uma nova visão sobre o envelhecimento, após a participação no Projeto?

10 Quais são suas atividades preferidas no Projeto?

11 Além do Projeto Envelhecimento Ativo, você participa de outro projeto?

12 Quais são as atividades que fazem parte da sua rotina? Como é o seu dia a dia?

12 Você é aposentado(a)?

13 Desempenha alguma atividade remunerada?

14 Quem mora com você?

15 Quantas pessoas colaboram com a renda na sua casa?

16 Quais são as atividades domésticas de sua responsabilidade?

17 Com que frequência você encontra seus familiares?

18 Com que frequência você encontra seus amigos(as)? Qual ocasião? O que costumam fazer?

19 Você teve ou tem algum problema de saúde? Desde quando?

20 Este problema de saúde mudou a sua vida de que maneira?

21 Você é solteiro(a)?

APÊNDICE E - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM AS EXTENSIONISTAS

Idade:

Sexo:

Bairro:

Nível escolar e área de formação:

1 O que é velhice pra você?

2 Como conheceu o projeto Envelhecimento Ativo e porque quis trabalhar no Projeto?

3 Você acha que a velhice é a melhor idade?

4 Há quanto tempo você participa do Projeto?

5 Sua visão sobre a velhice mudou, depois que você iniciou as atividades no Projeto? De que maneira?

6 Qual é o motivo que levou você a ter uma nova visão sobre o envelhecimento, após a participação no Projeto?

7 De que maneira a ideia de velhice do Projeto influenciou suas atividades pedagógicas?

8 Você percebe uma diferença na conduta dos/das idosos/as, depois de um tempo de participação no Projeto?

9 As atividades desenvolvidas, em sua opinião, estão de acordo com a visão institucional de velhice do Projeto? Por quê?

10 Como é a sua rotina de atividades no Projeto?